

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ CAMPUS II – FACULDADE DE
ARTES DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES MESTRADO PROFISSIONAL
EM ARTES**

EDUARDA GRITTEN DE OLIVEIRA

**O CORRE DAS MINA DA PIXAÇÃO: A PRESENÇA FEMININA NAS RUAS COMO
ATO DE SUBVERSÃO**

2024

EDUARDA GRITTEN DE OLIVEIRA

**O CORRE DAS MINA DA PIXAÇÃO: A PRESENÇA FEMININA NAS RUAS COMO
ATO DE SUBVERSÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual do Paraná (PPGARTES/UNESPAR), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes. Orientador: Prof. Dr. Artur Correia de Freitas.

CURITIBA

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Gritten de Oliveira, Eduarda
O CORRE DAS MINA DA PIXAÇÃO: A PRESENÇA FEMININA
NAS RUAS COMO ATO DE SUBVERSÃO / Eduarda Gritten de
Oliveira. -- Curitiba-PR, 2024.
208 f.: il.

Orientador: Artur Correia de Freitas.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Artes) -- Universidade Estadual do
Paraná, 2024.

1. Pixação. 2. Feminismo. 3. Visibilidade
Feminina. I - Correia de Freitas, Artur (orient).
II - Título.

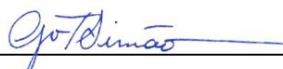
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

ATA nº 05/2024 - PPGARTES
BANCA DE DEFESA

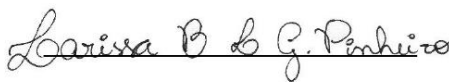
No dia 25 de abril de 2024, às 14 horas e 30 minutos, através de chamada de vídeo pelo aplicativo Teams, realizou-se a Banca de Defesa do Trabalho Acadêmico intitulado *O CORRE DAS MINA DA PIXAÇÃO: A PRESENÇA FEMININA NAS RUAS COMO ATO DE SUBVERSÃO* da mestrandia **Eduarda Gritten de Oliveira**, que contou com a presença das/os professores/as doutores/as Artur Correia de Freitas (orientador), Giovana Terezinha Simão e Larissa Brum Leite Gusmão Pinheiro, como membros titulares da banca avaliadora. Após a avaliação do Trabalho Acadêmico, a banca deliberou pela **APROVAÇÃO** da pesquisa. Nada mais havendo a discutir, o Exame de Defesa deu-se por encerrado e eu, professor orientador e presidente da banca, lavrei a presente ata, que segue assinada por mim e pelos demais membros da banca de avaliação.



Prof. Dr. Artur Freitas (orientador)



Profa. Dra. Giovana Terezinha Simão



Profa. Dra. Larissa Brum Leite Gusmão Pinheiro

Dedico este trabalho à todas as mulheres em algum momento que tiveram suas histórias distorcidas, apagadas e silenciadas. E em especial a pixadora Caroline Pivetta da Mota, que possa descansar em paz, sua história jamais será esquecida.

AGRADECIMENTOS

A escrita desta dissertação proporcionou-me momentos de reflexões muito profundas, me sinto extremamente grata pela experiência que este trabalho acadêmico me concedeu. Agradeço aos meus pais, Mariliz Gritten e Silvano de Oliveira, por terem me dado a vida e a possibilidade de seguir em frente com meus estudos. À minha avó Marilene Bolincenha, por ter em diversos momentos sido meu suporte no meio de tantos desafios. À Deusa, à Oxalá, aos meus pais de cabeça: Oxóssi e Yemanjá, e aos meus guias, por terem estarem do meu lado nesta trajetória linda e desafiadora. Aos meus terreiros de umbanda, Paity Payrá e a Tenda de Umbanda do Caboclo Beira Mar, meus pais de santo e minhas irmãs de corrente que me acolheram em todos os momentos necessários. Ao mar e ao surf, por terem sido minhas ferramentas contra o estresse no período de escrita. À minha ex-orientadora, professora e amiga querida Dr. Giovana Simão, por ter acreditado no meu potencial de escrita e incentivado meu ingresso neste programa de mestrado, pelos milhares de momentos que me ajudou emprestando-me livros e compartilhando conversas que me fizeram crescer muito. Ao meu orientador, Dr. Artur Freitas por ter confiado no meu trabalho e me ajudado com tudo que foi necessário ao longo deste percurso. Aos professores e professoras do Mestrado em Artes da UNESPAR, em especial ao Dr. Francisco Gaspar Neto, por suas aulas que me fizeram transcender e aprofundar no meu tema de pesquisa. Agradeço imensamente ao meu amigo querido Eduardo Arimura, vulgo Ação Du, por ter me ajudado inúmeras vezes com as mais diversas dificuldades que tive na escrita desta dissertação, nossa conexão é indescritível e eu vou sempre levar no coração. À Caroline Pivetta da Mota, vulgo Carol Susto's, por ter compartilhado comigo momentos e pensamentos que fizeram-me refletir ainda mais sobre apagamento das mulheres na arte, e que me fez enxergar mais profundamente a beleza e a complexidade da pixação. À minha tia Marielle Gritten e às minhas primas queridas Carolina Gritten e Amanda Gritten, por terem me acompanhado de perto nesta trajetória. À minha terapeuta, Regina Haleva, por ter me apoiado nos momentos desafiadores que enfrentei durante a realização da dissertação. Às minhas amigas e amigos, que tornaram minha rotina de escrita mais leve durante este trajeto, à Francine Madlener, Julio Constantino, Bernardo Bravo, Camila Azevedo, Tarsila de Abreu, Alison de Paula, Lara Rafaela, Leonardo Tossulino, Fernanda Tossulino, Ana Luiza Tossulino, Alice Lana, Carlos Eduardo Fernandes, Gabriel Percegon, Jackson Bagatini, Renata Jamil, Juliana Leão, Mayara Monteiro, Ana Flavia Farias, Cláudia Fogaça, Clarissa Dornelles, Thaisa Roveda e Ana Claudia Maba. À Bruno Aguilar, pela companhia e tardes de surf e praia, que foram um bálsamo nos meus dias. À todas as minas que me ajudaram com a escrita deste trabalho, em especial Bia Fúria, Jack Parceiros, Selva, Injhas, Trama e Sapeka. À todas as mulheres que vieram antes de mim e lutaram por este espaço dentro do meio acadêmico. À rua, por me fazer sentir viva. E, por fim, agradeço a mim mesma por ter dado o meu melhor para fazer esta pesquisa, por todos os dias que demandei meu tempo e atenção para fazer este trabalho se materializar.

Pela maior parte da História, 'anônimo' foi uma mulher.
Virginia Woolf

RESUMO

A pixação, entendida como uma prática simbólica, geralmente realizada a partir da cultura periférica, consiste em uma manifestação estética e poética. Essa atividade artística continua sendo mal compreendida pela sociedade brasileira em geral e é considerada crime ambiental pelo Estado, de acordo com o artigo 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Provavelmente, por ser uma manifestação oriunda da periferia, as(os) artistas pixadoras(es), por sua condição de classe, recebem ameaças e ataques recorrentes. Nesta pesquisa, desejo explorar o pixo com um recorte específico: a pixação com engajamento social, pois pode ser realizada com as mais diversas finalidades e não necessariamente o engajamento social ou político. A partir deste objeto, existe aqui uma questão, o apagamento e a exclusão de mulheres pixadoras, que ocorrem dentro do próprio movimento. Essas artistas, além de sofrerem com os problemas sociais que a pixação traz, também lidam com situações de sexismo recorrentes dentro do campo da arte, nos meios acadêmicos e nas ruas. Diante desse quadro, essa pesquisa pretende analisar casos de 5 pixadoras, cada uma de uma região do Brasil, sendo sul, da cidade de Ponta Grossa, a artista Selva, sudeste, da cidade de São Paulo, a artista Jack Parceiros, do centro-oeste, da cidade de Gama, Distrito Federal, a artista Sapeka, da região norte, Manaus, a artista Injha e nordeste, de São Luís do Maranhão, a artista Trama. A hipótese do provável apagamento de pixadoras nos meios artísticos e acadêmicos será investigada por meio da sistematização e da análise de fontes e, para a construção deste trabalho de pesquisa, serão catalogados e elencados relatos das artistas, materiais audiovisuais (documentários e filmes), *podcasts*, textos de internet, relatos de pixadores masculinos, entre outros. Tais fontes serão cruzadas com a historiografia específica do tema, aqui entendida como o conjunto de dissertações, teses e artigos acadêmicos sobre pixação no Brasil. No âmbito teórico, esta pesquisa cruza, coteja e problematiza a teoria do sociólogo Pierre Bourdieu acerca das relações de poder e consagração simbólica no campo da arte com autoras feministas brasileiras, punks, negras, de periferia e acadêmicas, como Mikki Kendall, Virginie Despentes, bell hooks e Heloisa Buarque de Hollanda com ênfase no lugar social da mulher. Em termos historiográficos, a pesquisa privilegia os estudos de gênero e das mulheres na história das artes visuais, com destaque para os textos de Linda Nochlin, Gabriela Miranda Marques, Whitney Chadwick e Tamar Garb. No âmbito metodológico, a investigação baseia-se em pesquisa historiográfica de ordem bibliográfica e documental, com ênfase no cruzamento discursivo entre fontes textuais e iconográficas.

Palavras-chave: Pixação. Feminismo. Visibilidade Feminina.

ABSTRACT

Pixação, understood as a symbolic practice often stemming from peripheral culture, constitutes an aesthetic and poetic manifestation. This artistic activity remains widely misunderstood by Brazilian society at large and is considered an environmental crime by the State, according to Article 65 of Law No. 9.605, dated February 12, 1998. Likely due to its origins in the periphery, pixadoras, due to their class status, often face threats and recurring attacks. In this research, I aim to explore pixo with a specific focus: pixação with social engagement, as it can serve various purposes beyond solely social or political engagement. Within this scope, there arises a pertinent issue: the erasure and exclusion of female pixadoras within the movement itself. These artists not only contend with the social issues associated with pixação but also grapple with recurrent instances of sexism within the art scene, academic circles, and the streets. Given this context, this research seeks to analyze the cases of 5 female pixadoras, each from a different region of Brazil: the South, from Ponta Grossa, artist Selva; the Southeast, from São Paulo, artist Jack Parceiros; the Midwest, from Gama, Federal District, artist Sapeka; the North, from Manaus, artist Injha; and the Northeast, from São Luís do Maranhão, artist Trama. The hypothesis of the likely erasure of female pixadoras in artistic and academic circles will be investigated through the systematic collection and analysis of sources. To construct this research, accounts from the artists, audiovisual materials (documentaries and films), podcasts, internet texts, accounts from male pixadores, among others, will be cataloged and listed. These sources will be cross-referenced with the specific historiography of the subject, understood here as the body of dissertations, theses, and academic articles on pixação in Brazil. Theoretical underpinnings of this research intersect, juxtapose, and problematize sociologist Pierre Bourdieu's theory concerning power relations and symbolic consecration in the field of art with Brazilian feminist authors, punks, Black, peripheral, and academic women, such as Mikki Kendall, Virginie Despentes, bell hooks, and Heloisa Buarque de Hollanda, with an emphasis on the social position of women. In terms of historiography, the research emphasizes gender studies and women's role in the history of visual arts, with notable texts by Linda Nochlin, Gabriela Miranda Marques, Whitney Chadwick, and Tamar Garb. Methodologically, the investigation relies on bibliographic and documentary historiographical research, with a focus on discursive intersection between textual and iconographic sources.

Keywords: Pixação. Feminism. Female Visibility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- ANATOMIA DA PIXAÇÃO, 2023

FIGURA 2- PIXO RETO, 2023

FIGURA 3- TAGS, 2023

FIGURA 4- PESSOA FAZENDO XARPI/RJ NA MODALIDADE “CORDA/RAPEL”, 2023

FIGURA 5- PIXAÇÃO “SUZI EU TE AMO” EM CURITIBA

FIGURA 6- “A POESIA ESTÁ NA RUA” - PIXAÇÃO MAIO DE 68

FIGURA 7- PRINT 1 - Diálogo entre Ação Du e Abortos FND

FIGURA 8- PRINT 2 - Diálogo entre Ação Du e Abortos FND

FIGURA 9- PRINT 3 - Diálogo entre Ação Du e Abortos FND

FIGURA 10- Obra autorizada de Eneri

FIGURA 11- Obra autorizada de Eneri 2

FIGURA 12- Pixação Dis +Rais + Ação Du

FIGURA 13- PRINT 1 -Post Ação Du

FIGURA 14- PRINT 2 -Post Ação Du

FIGURA 15- BOMB

FIGURA 16- CRIOLA / HÍBRIDA ANCESTRAL - GUARDIÃ BRASILEIRA

FIGURA 17- CAROL SUSTO”S/ PIXAÇÃO NA BIENAL DE 2008

FIGURA 18- DOCUMENTO CONVITE BIENAL DE BERLIM 2012

FIGURA 19- PIXAÇÃO NA BIENAL DE BERLIM 2012

FIGURA 20- PIXAÇÃO NA BIENAL DE BERLIM 2012 - IGREJA MEDIEVAL

FIGURA 21- PIXAÇÃO NA BIENAL DE BERLIM 2012 / CURADOR PIXADO

FIGURA 22- POLÍCIA ALEMÃ E OS PIXADORES/ BIENAL DE BERLIM 2012

FIGURA 23- Manchete morte do pixador Rafael da Silva

FIGURA 24- Escalada a luz do dia

FIGURA 25- PRINT 1 no post da escalada a luz do dia

FIGURA 26- PRINT 2 no post da escalada a luz do dia

FIGURA 27- PRINT 3 no post da escalada a luz do dia

FIGURA 28- PRINT 4 no post da escalada a luz do dia

FIGURA 29- PRINT 5 no post da escalada a luz do dia

FIGURA 30- PRINT 6 no post da escalada a luz do dia

FIGURA 31- PRINT 7 no post da escalada a luz do dia

FIGURA 32- PRINT 8 no post da escalada a luz do dia

FIGURA 33- PIXAÇÃO NA 29ª BIENAL DE SÃO PAULO

FIGURA 34- PRINT 1: Insultos à artista Panmela Castro nos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, PICHANÇA!”

FIGURA 35- PRINT 2: Insultos à artista Panmela Castro nos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, PICHANÇA!”

FIGURA 36- PRINT 3: Insultos à artista Panmela Castro nos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, PICHANÇA!”

FIGURA 37- PRINT 4: Insultos à artista Panmela Castro nos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, PICHANÇA!”

FIGURA 38- PRINT 5: Insultos à artista Panmela Castro nos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, PICHANÇA!”

FIGURA 39- BIA FÚRIA

FIGURA 40- PRINT Youtube Podcast Pizza com Graffiti com Bia Fúria

FIGURA 41- PRINT 1: Comentários do blog “Entrevistas do Caixão” à artista Carol Susto”s.

FIGURA 42- PRINT 2: Comentários do blog “Entrevistas do Caixão” à artista Carol Susto”s.

FIGURA 43- PRINT 3: Comentários do blog “Entrevistas do Caixão” à artista Carol Susto”s.

FIGURA 44- Grapixurras das minas/ 2019/ 2ª edição

FIGURA 45- Citação da grafiteira Nene Surreal

FIGURA 46- Articulação Nacional de Mulheres da Arte Urbana

FIGURA 47- Manifestação das minas no Itaú Cultural I

FIGURA 48- Manifestação das minas no Itaú Cultural II

FIGURA 49- Cartaz do filme “Urubus”

FIGURA 50- “Sexo frágil? Carol eterna!”

FIGURA 51- PRINT AÇÃO DU - MENSAGEM DE DJAN CRIPTA PARA CAROL SUSTO”S

FIGURA 52- PRINT 1 PIXADOR VIDA LOKA ORIGINAL COMENTA SOBRE DJAN CRIPTA

FIGURA 53- PRINT 2 PIXADOR ESCRITA URBANA COMENTA SOBRE DJAN CRIPTA

FIGURA 54- PRINT 3 PIXADORA JACK PARCEIROS COMENTA SOBRE DJAN CRIPTA

FIGURA 55- PRINT 4 PIXADORA JACK PARCEIROS COMENTA SOBRE DJAN CRIPTA

FIGURA 56- PRINT 5 PIXADORA DEZZA COMENTA SOBRE DJAN CRIPTA

FIGURA 57- PRINT 6 PIXADOR RADAR RAIS COMENTA SOBRE O APAGAMENTO DE CAROL NO FILME URUBUS

FIGURA 58- COLEÇÃO “FORÇA FEMININA” CRIPTOGRAFIA URBANA POR DJAN CRIPTA

FIGURA 59- Arte feita por Rodrigo Sansei

FIGURA 60- SELVA – PIXAÇÃO EM JANELA I

FIGURA 61- SELVA – PIXAÇÃO EM JANELA II

FIGURA 62- SELVA – PIXAÇÃO SOB MURO

FIGURA 63- SELVA – GRAPIXO SOB BURO

FIGURA 64- SELVA – PIXAÇÃO EM JANELAS

FIGURA 65- JACK PARCEIROS – PIXAÇÃO EM JANELA I, ESCADA

FIGURA 66- JACK PARCEIROS – PIXAÇÃO EM JANELA II, ESCALADA

FIGURA 67- JACK PARCEIROS – PIXAÇÃO EM JANELA III, ESCALADA

FIGURA 68- JACK PARCEIROS – PIXAÇÃO EM JANELA IX, ESCALADA

FIGURA 69- JACK PARCEIROS – PIXAÇÃO EM JANELA X, ESCALADA

FIGURA 70- SAPEKA – PIXAÇÃO EM BERAL

FIGURA 71- SAPEKA – PIXAÇÃO EM PONTE I

FIGURA 72- SAPEKA – PIXAÇÃO SOB PORTA DE METAL

FIGURA 73- SAPEKA – PIXAÇÃO SOBRE JANELA, ESCALADA

FIGURA 74- SAPEKA – PIXAÇÃO SOB PORTA DE METAL II

FIGURA 75- SAPEKA – PIXAÇÃO EM PONTE II

FIGURA 76- INJHA - EXPOSIÇÃO

FIGURA 77- INJHA - PIXAÇÃO SOB MURO, 2022

FIGURA 78- INJHA – PIXAÇÃO EM PONTE

FIGURA 79- INJHA – RAPEL I

FIGURA 80- INJHA – PIXAÇÃO FEITA SOBRE JANELA, ESCALADA

FIGURA 81- INJHA – RAPEL II

FIGURA 82- TRAMA - EXPOSIÇÃO

FIGURA 83- TRAMA – EXPOSIÇÃO ENTRELAÇOS - Palacete Gentil Braga / Obra Fibra de Trama

FIGURA 84- TRAMA - NOTÍCIA QUEDA DE PRÉDIO EM 2019

FIGURA 85- TRAMA – PIXANÇÃO SOB MURO PÓS-ACIDENTE

FIGURA 86- TRAMA – PIXAÇÃO SOBRE JANELA, ESCALADA I

FIGURA 87- TRAMA – PIXAÇÃO SOBRE JANELA, ESCALADA II

SUMÁRIO

RESUMO	7
SUMÁRIO	13
INTRODUÇÃO	144
1. PIXAÇÃO X ARTE	28
1.1 PIXAÇÃO X GRAFFITI	28
1.2 PIXAÇÃO X CAMPO DA ARTE	51
2. PIXAÇÃO, GÊNERO E APAGAMENTO	83
2.1 PIXAÇÃO X FEMINISMO	84
2.2 “NENHUMA AGRESSÃO FICARÁ SEM RESPOSTA”	90
2.3 O CORRE DAS MINAS ENTRE URUBUS E ABUTRES	129
3. AS MINA DA PIXAÇÃO	153
3.1 SELVA: Sul	156
3.2 JACK PARCEIROS: Sudeste	162
3.3 SAPEKA: Centro-Oeste	169
3.4 INJHA: Norte	178
3.5 TRAMA: Nordeste	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS	194
REFERÊNCIAS	197

INTRODUÇÃO

No ano de 2020, quando estava no penúltimo ano da faculdade de Licenciatura em Artes Visuais, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), comecei a construir uma relação com as ruas, após conhecer o trabalho da artista Anitta Boa Vida em uma aula de arte conceitual. A artista pixava a frase “Eu dei pra ele”, em vários locais da cidade do Rio de Janeiro, aquilo mexeu comigo de forma bastante interessante, me afetava a forma pornográfica e explícita de escrever, achava divertido e empoderado. Eu já vinha bastante envolvida com questões e livros feministas, e estava refletindo sobre como nós, mulheres, poderíamos usar da arte como uma possível forma de “cura” de nossa sociedade tradicionalmente patriarcal¹ e ultrapassada, ou seja, usar a arte a nosso favor para reafirmar nossa existência em uma sociedade que ainda diminui, oprime e segrega tanto a figura feminina. Foi assim que criei uma relação mais próxima com a arte urbana, ao pesquisar mulheres artistas grafiteiras e pixadoras que usavam a arte como ferramenta a seu favor, a favor de uma “cura” coletiva e pessoal. Consequentemente, a pesquisa levou-me a me apaixonar pela pixação. Ao caminhar pelas ruas, comecei a observar ainda mais as diversas escritas da pixação e do graffiti, o que me levou a ficar fascinada pelo pixo reto. O pixo reto é uma estética da pixação exclusivamente brasileira e absolutamente maravilhosa. Inclusive, nesta dissertação, utilizarei o termo “pixação” com “x” respeitando a opção das pixadoras e pixadores que costumam se referir aos seus fazeres artísticos desta forma, esta foi a maneira que os(as) artistas apropriaram-se da escrita, assim como suas práticas não seguem normas, o mesmo acontece na escolha deste tipo de grafia. Esta escolha também faz com que a palavra “pixação” tenha um carácter único, “íntimo” e subversivo, é uma espécie de código para aqueles

¹ “Patriarcado s.m. 1. Dignidade ou jurisdição de patriarca. 2. Diocese dirigida por um patriarca.” (KURY, 2002, p. 802). “O patriarcado compõe um tipo ideal de dominação na sociologia weberiana. A dominação constitui um caso especial de poder, caracterizado pela ‘possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria’” (WEBER, 1991, p. 187 apud DANIELA REZENDE, 2015, p. 8). Segundo a autora negra bell hooks “Homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar. Mas esses benefícios tinham um preço. Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam, fazendo uso de violências, se precisarem, para manter o patriarcado intacto. A maioria dos homens acha difícil ser patriarca. A maioria fica perturbada pelo ódio e pelo medo da mulher e pela violência de homens contra mulheres, até mesmo os homens que disseminam essa violência se sentem assim. Mas eles têm medo de abrir mão desses benefícios” (BELL HOOKS, 2018, p. 13).

que apoiam e realizam este tipo de arte, enquanto pichação, com “ch”, na maioria das vezes é utilizado por aqueles que não a enxergam com carácter artístico.

A partir desta reflexão decidi, em meu TCC², pesquisar mulheres de diversas regiões do Brasil, que traziam em certa medida, direta ou indiretamente, a cura através da arte, em uma sociedade que tanto às exclui, dentro das modalidades urbanas: lamb, graffiti, stencil e pichação. Ao todo foram 14 artistas, de diversos cantos do território brasileiro, desde o sertão até o sul do país, artistas negras, indígenas, pardas, brancas, periféricas etc. Não pude parar por ali. Pude perceber que, dentro do campo da pichação engajada brasileira, em que existe um discurso anarquista acompanhado de questionamentos contra o sistema, ainda muitas mulheres passam por situações de misoginia. Esta inquietação levou-me a refletir de forma mais aprofundada sobre a prática da pichação e sobre seus praticantes, sendo eles homens ou mulheres. Neste momento, meu propósito dentro deste trabalho de pesquisa é investigar se ocorre e como ocorre um apagamento em relação às pixadoras femininas nas ruas, nos meios acadêmicos e artísticos.

Optei por neste trabalho utilizar uma linguagem que me aproximasse da linguagem das ruas, esta é uma escolha política, pois para mim não faria sentido o uso de um vocabulário acadêmico limitado que não conseguiria abraçar a complexidade do tema. Nas ruas a linguagem se constrói de forma viva e própria. A pichação é uma linguagem artística subversiva, então seria completamente controverso seria usar um discurso formal e engessado. Além disso, as relações e conversas construídas a partir desta dissertação deram-se através deste tipo de comunicação, viva. A autora punk Virginie Despentes também influenciou na minha escolha por uma escrita própria e fora dos padrões engessados da academia, possibilitando-me uma escrita mais subversiva e poética. Não seria possível, dentro da realidade que me deparei durante a escrita deste trabalho, optar por seguir as normas padrões apresentadas pelos meios formais, se através da minha escrita eu não puder acessar o(a) leitora(or), escrever não passará de uma perda de tempo. É necessário que quem esteja lendo envolva-se com o que vou apresentar no decorrer do trabalho, pois é sensibilizando-nos que conseguimos promover mudanças. Espero

²Trabalho de conclusão de curso disponível com titulação “Interloquções Entre Arte de Rua e Visibilidade Feminina”, 2021.

que minha escrita possa tocar outras almas rebeldes que também anseiam por mudanças.

Outra escolha de escrita subversiva que decidi fazer nesta dissertação foi: em todas as citações de trabalhos acadêmicos realizados por mulheres, mencionarei seus nomes e sobrenomes. Durante muito tempo as mulheres também foram apagadas do meio acadêmico, acho válido salientar a menção dos nomes femininos, pois somente através do sobrenome não é possível identificar as produções femininas. Uso deste recurso para reforçar a atuação das mulheres nos meios acadêmicos, assim como muitas pixadoras optam por pixar nomes e vulgos que remetam ao feminino para que possam identificar mulheres exercendo a prática nas ruas.

Com esta pesquisa, aprendi muito mais sobre questões feministas e busquei, cada vez mais, uma literatura subversiva, os livros punks e feministas foram meu suporte para pensamento e escrita. Autoras como Virginie Despentes, bell hooks³, Mikki Kendall, Tamar Garb, Heloisa Buarque de Hollanda, Whitney Chadwick, Linda Nochlin, Naomi Wolf, entre outras, serviram como pilar para a produção deste trabalho.

Além disso, trago para a discussão o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu, o qual me ajudou a compreender mais sobre questões sociais através seu livro *A Distinção: Crítica social do julgamento* (2008), a partir do capítulo específico *Gostos de classe e estilos de vida* de sua obra. Dessa forma, refleti e possivelmente contestei, ao cruzar com as questões de gênero trazidas pelas autoras selecionadas, como: bell hooks, em seu livro *O feminismo é para todo mundo* (2018), Mikki Kendal e sua obra *Feminismo na Periferia* (2022) e Virginie Despentes, com sua obra *Teoria King Kong* (2016), entre outras autoras, como Naomi Woof com seu livro *O mito da beleza* (ANO), Heloisa Buarque de Hollanda em *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais* (ANO), além de estudos e livros das historiadoras de arte Linda Nochlin, Whitney Chadwick e Tamar Garb. Artigos, dissertações e teses sobre pixação também me darão norte para traduzir os signos e comportamentos que se desenrolam nas ruas.

No capítulo 1, abordei as questões sociais que envolvem a arte urbana, a diferenciação entre graffiti e pixação no Brasil, a relação do pixo com o campo da arte

³ A autora prefere que se refiram a ela desta maneira, utilizando somente caixa baixa.

contemporânea e seus desdobramentos. Neste momento, utilizei os conceitos do sociólogo Bourdieu para refletir o campo da arte e entender algumas questões que levam a pixação a ser aceita, ou não, dentro das instituições de arte (galerias, bienais, museus etc.), e pela sociedade brasileira em geral. Mencionei a intervenção na 28ª Bienal de Arte de São Paulo, que aconteceu em 2008, como evento marcante do momento em que a pixação começou a ser debatida pelos meios artísticos e acadêmicos. Isso foi possível ao abordar questões sociais e econômicas como mote, através de interpretações dos livros de Bourdieu: *As regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário* (1996) e *A distinção: crítica social do julgamento* (2008).

Em seguida, no capítulo 2, fiz um recorte no quesito gênero e seus desdobramentos no campo da pixação engajada brasileira, de modo a abarcar questões que levam as mulheres pixadoras a serem duplamente marginalizadas: primeiramente, pelas questões que foram fomentadas no capítulo 1, relacionadas a questões sociais; e secundamente, pela desigualdade de gênero. Neste momento, utilizei como base teórica e autoras como Linda Nochlin, Whitney Chadwick, Virginie Despentes, bell hooks, Gabriela Miranda Marques, Tamar Garb, Mikki Kendall, Naomi Wolf, entre outras. Estas autoras me ajudaram a compreender melhor como ocorreu e ocorre o apagamento das mulheres na história da arte.

A minha hipótese é que, a própria rua, a academia e os meios artísticos não fornecem o mesmo reconhecimento às artistas mulheres pixadoras como fornecem aos artistas homens pixadores. Minha intenção é, através de casos, relatos, mídias sociais, artigos, dissertações, teses, exposições, entre outros, investigar como este possível apagamento ocorre e se ele ocorre, tanto por parte dos meios artísticos e acadêmicos, como por parte dos próprios artistas da pixação.

Ao realizar uma pesquisa rápida nos meios midiáticos, como em sites, mídia televisiva, Youtube, revistas, jornais, podcast etc., sobre pixação, a grande maioria ainda cita somente ou majoritariamente nomes masculinos, raros são os casos em que aparecem nomes femininos. Após essas mesmas pesquisas, também pude perceber que o nome de um pixador recebeu maior destaque. A pouca menção de mulheres é evidente, e quando há menção, o único nome feminino que recebe algum destaque é o de Carol Susto's (Caroline Pivetta da Mota), presa na Bienal de 2008, ou então em meios mais recentes o nome da pixadora Eneri, e geralmente de forma muito breve e rasa, segue a fio análise de casos

1. SOUSA, Edmilson. Cripta Djan no Altas Horas. Youtube. 21/12/2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RBAM-WfxBtM>

Somente um pixador foi chamado para falar sobre pixação no programa televisivo “Altas Horas”, o pixador selecionado foi Djan Cripta.

2. MITTMANN, Daniel. O sujeito pixador: tensões acerca da prática da pichação paulista. 2012. 124 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/90125>>.

Na dissertação referenciada acima, o único nome feminino do meio da pixação citado é o de Caroline Pivetta da Mota, fazendo menção a prisão da artista na Bienal de 2008. O trabalho em si investiga a construção da figura do pixador, adentrando em questões sociais e culturais em torno do pixo na cidade de São Paulo.

3. SILVA, GUSTAVO LASSALA. **EM NOME DO PIXO - A EXPERIÊNCIA SOCIAL E ESTÉTICA DO PIXADOR E ARTISTA DJAN IVSON**. 27/10/2014 110 f. Doutorado em ARQUITETURA E URBANISMO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Central George Alexander.

Neste terceiro caso, o estudo é direcionado a um pixador específico, que frequentemente recebe grande destaque nas produções acadêmicas, é um nome bastante mencionado em artigos, dissertações e teses: o pixador Djan Cripta (o mesmo referenciado no caso 1). O artista participou das intervenções às instituições de arte realizadas em 2008, inclusive no da 28ª Bienal de Arte de São Paulo, além de posteriormente ter participado de diversas exposições de arte. Nos capítulos seguintes abordarei esta questão com mais profundidade. Caroline Pivetta da Mota (Carol Susto's) foi uma das únicas mulheres a participar da Bienal de 2008, e a única a ser presa no evento, na tese o nome dela é o único nome feminino mencionado. No capítulo “Universidade: o pixador como objeto de estudo” o autor afirma

É possível perceber como os acadêmicos também têm elegido Djan como tema para seus estudos. Ana Carolina Viestel Laguna, formada em Ciências Sociais pela PUC- -SP, fez o seu trabalho de conclusão de curso, em 2008, com o tema “O jovem pichador urbano: uma câmera na mão e uma lata de spray no bolso”. Em 2009, ela publicou artigo no Intercom 2009143, em

conjunto com sua orientadora com o mesmo título. Ambos os trabalhos analisam a obra fílmica de Djan. Em 2012 novamente duas estudantes resolveram tratar de Djan como tema para seu trabalho de conclusão de curso. As estudantes Mariana Neves e Maria Beatriz Kovalski realizaram “Do spray às câmeras”, na graduação em Jornalismo na Universidade Mackenzie, adotando como subtítulo: “A história de um pichador que superou as dificuldades sociais e atualmente é fonte de inspiração na Europa”. O trabalho simula um artigo para a revista Piauí com a história, depoimentos e muitas fotos de Djan. O filósofo Daniel Mittmann, em mestrado em Educação, defendido em 2012 na Unesp, bem como no livro homônimo, fruto da dissertação, dedica o subcapítulo “Os filmes de pichação, os filmes de pichadores” à análise da obra de Djan nesse campo e o definindo como um dos principais responsáveis pelo registro do que vem acontecendo sobre a pichação em São Paulo. Por fim, um artigo na revista Arte & Ensaios do programa de pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ, de autoria de Daniela Labra, Doutora em Artes Visuais, publicado em 2012, faz uma resenha da Bienal de Berlim, no qual cita a participação de Djan definindo o próprio como “líder midiático” dos pichadores (SILVA, 2014, P. 79).

Através da citação acima, fica ainda mais evidente que Djan Cripta é o pixador que mais recebe destaque nos meios acadêmicos e nos meios midiáticos, o autor referenciou no fragmento acima os diversos momentos em que Djan foi mencionado em trabalhos acadêmicos e em meios midiáticos. Apesar desta tese ter sido escrita em 2014, este quadro não mudou muito, ele ainda continua sendo o pixador que recebe maior destaque nas produções acadêmicas. Além disso, na mesma tese o autor afirma que Djan Cripta foi consolidado “representante do movimento em São Paulo”

Consolidado como representante de um movimento em São Paulo, ele passa a ser reconhecido em várias instâncias como um pixador público por conta do seu respeito entre os pares, domínio do habitus da pichação e articulação entre os campos da cultura legítima e do pixo. Em algumas oportunidades, é também definido como artista, como consultor para o mercado publicitário, é tema de pesquisas acadêmicas e concede muitas entrevistas para veículos de comunicação de massa (SILVA, 2014, P. 83).

Apesar disso, Caroline Pivetta da Mota, que também participou do ato, que tinha uma trajetória longa e sólida no meio da pichação, e que esteve presente na cena do pixo nos mesmos momentos que Djan Cripta, além de ter sido presa na Bienal de 2008, onde curadores de arte e políticos posicionaram-se a favor de sua liberdade, não recebe o mesmo destaque pelos meios acadêmicos e artísticos como Djan Cripta recebe. Nenhuma mulher na pichação recebe o mesmo destaque que os homens recebem perante os meios acadêmicos, midiáticos e artísticos, evidentemente que isso se reafirma nesta tese. Silva (2014) afirma, novamente na página 81: “Após 13 anos do início da sua atuação nas ruas como pixador, Djan faz sua primeira performance em uma galeria na França em 2009 como representante da pichação

paulista.”, questiono-me como poderia uma pessoa representar um movimento inteiro? Que envolve homens e mulheres que se dedicam diariamente, que arriscam suas vidas pela sua arte, serem representados por um indivíduo somente? Em minha dissertação investigarei este caso mais a fundo através de artigos e dissertações que questionam esta ideia de pioneirismo⁴, reafirmação comum de nossa sociedade capitalista e subdesenvolvida, que por muitas vezes acaba por excluir mulheres e homens dando destaque a somente um artista.

4. OLIVEIRA, Ana Karina de Carvalho “Agora é a vez do pixo” : cenas de dissenso e subjetivação política nas relações entre pixação e arte. 2015. 185 f. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/47284/1/dissertacao_ana_karina_oliveira.pdf

Na presente dissertação a autora investiga os desdobramentos da pixação no campo artístico, trazendo como objeto estudo os pixadores de São Paulo e os episódios onde a pixação adentrou o espaço artístico, como na Bienal de São Paulo em 2008. Na dissertação, a prisão de Caroline Pivetta da Mota na Bienal é mencionada, sendo o único nome feminino do meio da pixação presente no trabalho, os outros nomes de pixadores mencionados são todos nomes masculinos, dentre eles o nome de Djan Ivson (Cripta) e Rafael PixoBomb são citados diversas vezes.

5. DANTAS, MAIRIS DOS SANTOS. **A EPIDEMIA CALIGRÁFICA: PIXO, TRANSGRESSÃO E DESESTABILIZAÇÃO DAS RESISTÊNCIAS'** 28/09/2017 102 f. Mestrado em LETRAS E LINGUÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

Na presente dissertação a autora afirma no resumo

Com base na constatação de que não encontramos no discurso nenhum princípio de unidade, nosso trabalho propõe analisar os discursos sob seu efeito de dispersão e descontinuidade e, por isso, problematizamos

⁴ Na tese em questão, existe um capítulo com o título “Pioneirismo na difusão da pixação”. Compreendo o diálogo e ponte que Djan Cripta realizou com a academia, porém percebo um comodismo por parte dos meios artísticos e acadêmicos em não expandir e buscar compreender a pixação em outras perspectivas e olhares.

enunciados que marcam o processo de transformação do discurso de Cripta Djan, reconhecido como o principal nome da pixação brasileira na atualidade (MAIRIS DANTAS, 2017, p. 2).

A autora investiga a linguagem da pixação através da experiência estética e ética no discurso do artista pixador Cripta Djan, novamente citado em trabalho acadêmico como o “principal nome da pixação brasileira” (MAIRIS DANTAS, 2017, p.2). A artista Carol Susto”s é mencionada, referente a sua prisão na Bienal de 2008, e novamente é o único nome feminino do meio do pixo que foi citado, mais uma vez de forma breve.

6. PIRES, ALAN OZIEL DA SILVA. **A PIXAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO DA CIDADE: o pixador como formador do cenário urbano'** 17/11/2017 174 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca FAFICH UFMG

Neste caso, trata-se de uma dissertação de mestrado onde o autor fomenta sobre a pixação na cidade de Belo Horizonte, de 1980 aos dias atuais, pode-se perceber que na dissertação ele não menciona nomes femininos do meio da pixação exceto o de Lora, onde em uma nota de rodapé afirma “Lora é ex-pixadora que atuou desde 2005. Esta praticante do pixo é conhecida por deixar mensagens de cunho político, sendo uma das poucas mulheres no pixo.” A palavra “pixadora” é mencionada duas vezes, enquanto a palavra “pixador” é mencionada 267 vezes. Dentre os 7 artistas selecionados, somente a pixadora Lora era mulher.

7. ZIMOVSKI, ADAUANY PIEVE. **Escrita subversiva - a pixação paulistana e o campo da arte'** 07/12/2017 121 f. Mestrado em ARTES VISUAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Instituto de Artes

Neste caso de dissertação, a autora aborda a pixação e o campo da arte, trazendo as três intervenções realizadas por Rafael PixoBomb, na galeria Choque, outra na Faculdade de Belas Artes e por fim outra na 28º Bienal de São Paulo. A dissertação aborda a presença dos pixadores também na 29ª Bienal de São Paulo, e na Bienal de Berlim em 2012. Novamente, o único nome feminino mencionado em

mais uma produção acadêmica sobre pixação é o de Caroline Pivetta, abordando brevemente a prisão da artista na Bienal.

8. BRAGA, Felipe Eduardo Lázaro. Estética Spray: O grafite no campo da arte contemporânea. Outubro de 2018 (Banco de dados). In: Consórcio de Informações Sociais, 2018. Disponível em <<http://nadd.prp.usp.br/cis/DetailBancoDados.aspx?cod=B607&lng=pt-br>>

No presente trabalho, o autor Braga investiga o grafite/ o pixo no campo da arte contemporânea, trazendo reflexões em torno do assunto em questão, não há menção de pixadoras mulheres no trabalho.

9. ANDRADE, Felipe Vinícius de. Escritores Urbano: Uma pesquisa sobre a prática da pixação em Curitiba. 2019. 91 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/62771/R%20-%20D%20-%20FELIPE%20VINICIUS%20DE%20ANDRADE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Na presente dissertação, o autor investigou em seu trabalho a atuação dos pixadores e pixadoras na cidade de Curitiba. É interessante perceber que ele se preocupa com a questão de gênero e aborda isso em sua pesquisa, apesar de ser breve. Em um fragmento do texto, o autor salienta que a presença feminina ainda é minoritária: “Os pixadores, em sua maioria, são homens, jovens e pertencentes a grupos sociais baixos (economicamente), com a vaga presença de mulheres, compondo grupos mistos.” Dentre os 10 artistas selecionados na pesquisa, somente duas são mulheres, ISTHA- 100HORAS e NF- DONAS. É interessante perceber também que, na pesquisa, um dos pixadores afirma a importância da presença feminina no meio para contribuir com uma nova visão, ele comenta: “FELP - PIXOZOA: Vejo que está aumentando mulheres no movimento a cada ano, isso é da hora, pois varia os pontos de vista e isso fortalece!”. Em contrapartida, alguns ainda demonstram resistência na participação de mulheres na cena, e a grande maioria consegue perceber a falta de representatividade e reconhecimento das minas no corre da pixação, como salienta o autor

Ao perguntar sobre a participação das mulheres, muitos dos pixadores entrevistados, discordaram sobre a representatividade e o reconhecimento das mulheres no movimento, revelando tensões em suas opiniões. Como alguns me disseram, a pixação ainda é uma atividade de predominância masculina e isso se deve, em grande medida aos fatores de exposição e aos perigos da madrugada (da rua), assim como da grande repressão e violência policial e outros problemas morais que envolvem a prática e a resistência de alguns pixadores homens. O movimento do pixo se formou com a maioria de homens, por isso a resistência de alguns de seus praticantes (ANDRADE, 2019, P. 76).

No fragmento do texto, o autor também afirma que os homens acreditam que não há a mesma participação de mulheres na cena devido aos riscos que as ruas oferecem e aos preconceitos e resistências de outros pixadores em relação à presença feminina no meio.

10. #50- Gente invisível não estraga parede. Locução de Tomáz Chiaverini. Local: Rádio Escafandro. 09/05/2022. Podcast. Disponível em: <https://radioescafandro.com/2021/06/09/50-gente-invisivel-nao-estraga-parede/>

No podcast “Rádio Escafandro”, em entrevista sobre pixação com enfoque na 28º Bienal de São Paulo, novamente o único selecionado para dar entrevista é Djan Cripta. No presente podcast, o entrevistador e o entrevistado Djan Cripta chegam a mencionar o nome de Carol Susto’s (Caroline Pivetta da Mota), mas não vão a fundo no caso, apenas comentam vagamente sobre a artista e a ocasião da prisão na Bienal de 2008, nenhum outro nome feminino é mencionado.

11. NINJA, Mídia. PIXO: Pela transgressão da ordem nas cidades - Encontro Design Ativista 2022. Youtube. 30/07/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uyj-4jGSTTo>

No vídeo acima, foram convidadas 4 pessoas para falar sobre pixação no espaço do Mídia Ninja. Como já mencionado anteriormente, a presença masculina sempre acaba predominando quando o assunto é pixação, no evento estavam presentes 3 pixadores masculinos (um deles é Djan Cripta), e uma pixadora feminina. Neste caso, no debate envolvendo o pixo, a única convidada mulher foi Eneri.

O nome de Eneri tem recebido destaque nos meios artísticos e acadêmicos, geralmente, o nome dela e de Carol Susto’s são as referências femininas mais

citadas quando se trata de mulheres na pixação. No artigo de Pereira (2013), o autor comenta em nota de rodapé

Ainda que em franca minoria, há mulheres na pixação. Uma delas, Caroline Pivetta, destacou-se em 2008 quando pixadores realizaram uma das ações de maior ousadia e visibilidade ao invadir a 28ª Bienal Internacional de São Paulo para pixar o pavimento que havia sido deixado vazio. A pixadora Caroline Pivetta foi, então, presa e alcançou relativa notoriedade (PEREIRA, 2013, s.p.).

No mesmo artigo, o autor afirma que a maioria dos praticantes da pixação em São Paulo são homens da periferia, em nota reafirma que apesar de não haver naquele momento tantas mulheres quanto homens, ativas na prática da pixação, uma mulher que recebeu destaque no meio foi Caroline Pivetta.

Na entrevista realizada pela Abril Elástica com título “Mulheres pixadoras quebram a barreira de gênero nas ruas”, os nomes citados na matéria são o das duas artistas Carol Susto’s e Eneri. Os artigos, dissertações e teses que trazem as mulheres atuando nas ruas, em sua maioria fazem referência às mulheres no graffiti, não na pixação. Encontrei um artigo de 12 páginas que trazia alguns trabalhos de graffiti e pixo de mulheres de Natal, Rio Grande do Norte, chamado “Minas que pixam: imagens da pixação dissidente em Natal-RN” (2020), no qual a autora afirma

Neste sentido, as mulheres pixadoras e grafiteiras vivenciam um tipo de negação, invisibilidade e silenciamento de suas vozes, demonstradas a partir da resistência dos próprios homens pixadores, que não aceitavam a presença de mulheres em suas crews ou que duvidam da capacidade delas estarem no mesmo “nível” que eles na pixação. Com o fortalecimento das discussões feministas e a midiaticização da cultura hip-hop, cada vez mais mulheres foram ocupando os espaços públicos e superando a noção de “mulheres privadas, homens públicos” (COELHO, 2017 apud. FIRMINO AMARANTE, 2020, p. 2).

No fragmento acima, torna-se evidente que as mulheres sofrem um apagamento e silenciamento por parte dos pares masculinos, que não aceitam a presença ativa das mulheres nas ruas e duvidam de seus níveis de capacidade.

No capítulo 3, para evidenciar, investigar e problematizar ainda mais o debate de gênero no campo da pixação, apresentei o trabalho de cinco artistas pixadoras escolhidas, uma de cada região do Brasil: Sul, Sudeste, Centro-oeste, Norte e Nordeste, percorrendo sobre a trajetória de cada uma. Foi enviado um questionário de 31 perguntas a elas, averiguando sobre suas trajetórias artísticas, dando enfoque às questões de gênero. Ao selecionar uma artista de cada região brasileira, a intenção foi analisar e compreender como a pixação feminina acontece nas diferentes regiões

do Brasil, trazendo a diversidade cultural da prática do pixo e dando visibilidade às mulheres artistas do campo. Obviamente que a pesquisa não irá dar conta da infinita gama cultural que o Brasil apresenta dentro da linguagem da pixação, mas ao selecionar uma artista de cada região brasileira, cada uma pode compartilhar sua realidade e conseqüentemente a realidade e a cultura da região onde vive, possibilitando explorar a pixação além da esfera sudeste, especificamente, São Paulo. Ademais, no capítulo anterior (capítulo 2), houveram outros relatos de artistas urbanas além das 5 artistas selecionadas. A seleção de cada uma dessas artistas se deu por suas trajetórias já consolidadas nas ruas e suas práticas recorrentes neste meio. Cada uma delas recebe visibilidade pela prática constante do ato artístico, que para que não seja apagado, por ser uma arte efêmera, precisa ser realizado com uma certa frequência. Portanto, um dos quesitos de seleção foi a atividade contínua nas ruas e o destaque que elas recebem dentre os pares femininos e masculinos nas ruas.

A relevância desta pesquisa se justifica pela fragilidade de pesquisas na área acadêmica, na vertente de gênero e pixação, ou seja, prevalecem as pesquisas que privilegiam os artistas homens no meio do pixo. Ao pesquisar artigos, dissertações e teses sobre pixação, encontrei alguns poucos trabalhos acadêmicos que trazem a pixação (também o grafitti) e a figura feminina como mote para discussão, sendo eles:

1. BEZERRA, M. V. S. DE S. PIXAÇÃO EM MACEIÓ - AL: A CENA ATUAL DO PIXO E AS IMPRESSÕES DE UMA PIXADORA MULHER DENTRO DO MOVIMENTO. PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 3, n. 10, 2 jan. 2020.

Neste artigo, a autora traz reflexões em torno das práticas de pixações feitas por mulheres e pela própria autora em Maceió, Alagoas. Vale a pena destacar a seguinte reflexão da autora, na qual ela afirma que o meio da pixação é majoritariamente masculino e essencialmente machista

Assim como outros grupos majoritariamente masculinos, a pixação também se mostra como um lugar essencialmente machista. Sabe-se que são, geralmente, também indivíduos excluídos da sociedade, mas na relação de poder homem versus mulher, eles se tornam maioria e usam sua influência (BEZERRA, 2020).

2. SILVA, Fernando Marinho Fernandes da. Pixações embucetadas: mensagens visuais da cultura popular como ato de resistência na paisagem alternativa de Aracaju com base no marxismo. 2022. 140 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, 2022.

Nesta dissertação, a autora analisa pixações feministas em Aracaju e reflete estas questões com base no marxismo.

3. CRUZ, Larissa Cristina Braz da. Mulheres que se arriscam por um risco: uma cartografia da pixação e graffiti feminino na cidade de Natal-RN. 2018 76 f.

Neste trabalho, a autora que também é pixadora reflete sobre suas práticas e de outras mulheres nas ruas, vale a análise do seguinte comentário da autora, que afirma a perseguição que já sofreu nas ruas

A rua me trouxe várias vivências, muitas boas, mas também ruins, pois já corri muito de homens, pelo fato de estar só e na madrugada, sendo uma desculpa para eles poderem me violar, no qual já até consegui me sair de um estupro. Como também passagens com a polícia, pelo fato de intervir em muros abandonados. Enfim, não é tudo bom e nem é tudo ruim, é apenas a sobrevivência nas ruas de mulheres que se arriscam por um risco (LARISSA CRUZ, 2018).

4. SOUZA, Izabele Lira Queiroz de. Para além dos muros: uma abordagem antropológica sobre graffitis femininos na cidade de Manaus. 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

Todos estes trabalhos dão enfoque a pixações e graffitis realizados por mulheres, de modo a trazer à tona questões de gênero que envolvem a prática da arte urbana em algumas regiões do Brasil, como Manaus, Natal, Aracaju e Maceió. Ainda é escassa a produção que traga o protagonismo das mulheres nas ruas, a grande maioria dos trabalhos acadêmicos ainda trazem muito mais as produções masculinas, o que cria a falsa impressão de que essa vertente da arte urbana (principalmente a pixação) não exista representação feminina. Isso será contestado por meio desta pesquisa, a qual enseja pesquisar e apresentar os trabalhos artísticos de algumas pixadoras brasileiras, uma de cada região do país, para demonstrar, entre

outras coisas, a trajetória consolidada de algumas delas e o possível apagamento que ainda sofrem perante a sociedade brasileira, o meio acadêmico e no próprio meio da pixação. A escolha de cada artista deu-se primeiramente pela separação dos 5 territórios brasileiros: Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste, ao selecionar uma artista de cada região brasileira, será possível ter uma dimensão das diferentes culturas e interpretações em cada região acerca da pixação através da trajetória e relato de cada uma das artistas, mesmo que ainda esta pesquisa não consiga abarcar toda a diversidade cultural que a arte urbana pode apresentar, a intenção é abrir o leque para uma visão descentralizada.

Como o tema pesquisado é bastante contemporâneo e se atualiza a cada dia, muitas coisas podem ocorrer durante e após a escrita deste trabalho, como existe um prazo de conclusão, alguns fatos e acontecimentos possivelmente não serão contemplados dentro desta dissertação. Proponho-me a investigar acontecimentos ocorridos até o dia 05/04/2024.

1. PIXAÇÃO X ARTE

Nos capítulos 1.1 e 1.2 trarei para estudo as relações entre pixação e graffiti que, no Brasil, apresentam distinção estética, poética e são vistos de forma dessemelhante perante a lei brasileira. Apresentarei as diferenças estéticas dentro destas modalidades artísticas e abordarei como essa linguagem é vista pelos meios artísticos e acadêmicos, ao trazer os casos da 28ª e 29ª Bienal de Arte de São Paulo e a Bienal de Berlim em 2012. Além disso, apresento o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu para dialogar com questões sociais e do campo artístico.

1.1 PIXAÇÃO X GRAFFITI

A pixação e o graffiti possuem interpretações diferenciadas perante a sociedade brasileira. Pichar⁵ é considerado crime ambiental segundo o artigo 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 (BRASIL, 2011), já grafitar não, desde que o graffiti seja feito em local autorizado. Mas entre estas duas linguagens artísticas, ainda existe um vão que as separa. Fora do território brasileiro, qualquer tipo de arte urbana é chamada de graffiti, já no Brasil, a pixação e o graffiti são linguagens distintas.

A pichação não é graffiti, mas graffiti é pichação em qualquer lugar do mundo, menos no Brasil. Contraditório aos atrasos e retrocessos em algumas políticas públicas brasileiras, o país é o primeiro do mundo a legitimar o graffiti como manifestação artística e de criminalizá-lo em sua legislação. (PANMELLA CASTRO, 2013, p. 33 e 34).

A pixação possui uma estética própria conhecida como “pixo reto”, e esta estética advém de antigas escrituras dos povos bárbaros. Os letreiros do pixo reto são difíceis de serem lidos devido a sua estética singular, que também obteve influência dos letreiros de bandas de rock dos anos 80⁶, com letras pontiagudas.

⁵ Neste trabalho, como já expliquei na introdução, quando utilizar a palavra “pichação” usando “ch”, a referência é a pixação vista pela ótica da sociedade brasileira normativa e jurídica, que a considera crime e algo passivo de punição.

⁶ A pichação em São Paulo também tem início na década de 1970, entretanto, ainda muito diferente do que chamamos hoje de “pixação”. Já na próxima década, nos anos de 1980, o movimento Punk e os apreciadores da música Rock em geral, começam a utilizar os procedimentos de pichação para escrever pela cidade. Influenciadas pela estética ortográfica das capas de discos de bandas de diversas vertentes do Rock n’ Roll como Iron Maiden, Ratos de Porão, Metallica, Sex Pistols dentre outras, as letras começavam a tomar formas retas e pontiagudas similares as que possuem hoje na pixação, uma vez influenciadas pelo contorno que os nomes dessas bandas ganhavam nas capas de seus discos. Em um primeiro momento, os fãs dessas bandas começaram a pichar o nome dos grupos, tentando sempre copiar a forma das letras. Em seguida tiveram a ideia de pichar o próprio nome,

Assinatura muitas vezes carrega outros símbolos juntos a ela, como a “griff”⁷ a qual a/o artista participa, o ano em que foi feito, etc, tudo pode variar de acordo com o/a artista que está fazendo a pixação. Lembrando que o “pixo reto” é uma estética exclusivamente brasileira, que nasceu na cidade de São Paulo. “É impressionante como a escrita dos povos bárbaros de milhares de anos atrás migrou para São Paulo, para os povos bárbaros de São Paulo: os pixadores” (PIXO, 2009, 10min 24s – 10min 33s).

FIGURA 1 - ANATOMIA DA PIXAÇÃO



Fonte: Imagem retirada do Instagram @noticiasdapixacao, 2023.

Na imagem acima, pode-se compreender melhor como a estética da pixação, especificamente do pixo reto, funciona. Não necessariamente esta estética será sempre a mesma, padronizada, porém, estes códigos já são compreendidos e muito usados pelas(os) artistas do meio. Segue na imagem abaixo um exemplo de “pixo reto”.

usando para isso a tipografia do conjunto de música preferido. Posteriormente, alguns indivíduos começaram a criar nomes, apelidos, para passar a decalcar na cidade (MITTMANN, 2012, p. 33 e 34).

⁷ Griff (ou grife) é um grupo de artistas em que não necessariamente todos se conhecem. Para fazer parte de uma griff e assiná-la, é necessário que outros participantes façam o convite, o qual vem através da visibilidade da(o) artista na rua. Se o pixador faz bastante pixação/graffiti, recebe o convite para participar da griff, a qual pode estar em qualquer região do Brasil.

FIGURA 2 - PIXO RETO



Fonte: Instagram @jackparceiros, 2023.

Existem também outros tipos de estéticas, uma chamada “tag”, a qual tem um estilo mais livre de escrita, não possuindo uma busca por simetria como existe no pixo reto. Segue exemplo na imagem abaixo.

FIGURA 3 - TAGS



Fonte: Instagram @vandalgirlzpower @kelpastore @martas.___ @takecover___, 2023.

Outra estética muito singular é o “Xarpi”, nascida no Rio de Janeiro, onde as (os) pixadores(as) costumam fazer um tipo de “rabisco” com formas sinuosas e onduladas, feito diversas vezes e de forma espaçada. Segue exemplo na imagem a seguir.

FIGURA 4 - PESSOA FAZENDO XARPI/ RJ NA MODALIDADE “CORDA/ RAPEL”



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/858076535246724392/>, 2023.

A distinção entre as duas modalidades de arte (graffiti e pixação) está justamente ligada à questão estética. Enquanto o graffiti é, na grande maioria das vezes, figurativo e colorido, a pixação lembra mais um “rabisco”, algo que se aproxima do abstrato e é costumeiramente feita com tinta spray preto fosco.

A pixação pode ser realizada pelos mais diversos motivos e por pessoas de diferentes classes sociais, não necessariamente todo(a) pixador(a) que realiza pixação terá a intenção de reivindicação de causa coletiva ou individual ou, então, fazer artístico. As vezes, não existe nem mesmo uma consciência na motivação que leva o indivíduo a realização de tal atividade, ou talvez esta motivação possa ser algo prático, sem engajamento. Exemplos disso são pixações como a representada na imagem seguinte, em que um homem foi preso na cidade de Curitiba após pixar um muro com uma declaração de amor.

FIGURA 5 - PIXAÇÃO “SUZI EU TE AMO” EM CURITIBA



Fonte: <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/homem-e-detido-apos-pichar-declaracao-de-amor-valeu-a-pena/>, 2020.

A análise que busco executar através desta pesquisa é em torno da pixação engajada brasileira, pois o interessante para este trabalho é a pixação com propósito político ou social e, no Brasil, especificamente. Em outros países, a linguagem da escrita urbana pode variar muito, como as realizadas na Universidade Sorbonne em maio de 1968: os estudantes da universidade utilizaram deste ato como uma forma de luta e reivindicação de direitos, porém em outro contexto, em um país europeu e sem a estética das letras da pixação.

FIGURA 6 - “A POESIA ESTÁ NA RUA” - PIXAÇÃO MAIO DE 68



Fonte: <https://clinicand.com/maio-de-68-50-anos-50-frases/>.

No Brasil, a pixação teve origem e se fortificou nas periferias, com a intenção de questionar, por meio dos muros, a sociedade subdesenvolvida e escassa de recursos, mas não necessariamente todos que a fazem terão uma linha de pensamento “linear” sobre esta linguagem. A lógica da manifestação através do pixo é justamente a depredação, a injúria pelas condições sociais que as pessoas minorizadas se apresentam. E, em certa medida, uma forma de reconhecimento e de alívio pessoal à constante opressão sofrida pelos indivíduos na atual conjuntura da sociedade brasileira ainda tão desigual. No documentário internacionalmente conhecido “PIXO”⁸, muitos pixadores se referem à pixação como uma válvula de escape e até como forma de cura pessoal. No documentário, os pixadores explicam

⁸ Acesso ao documentário “PIXO” rapidamente através do link disponível: https://www.youtube.com/watch?v=7LTSa-FP_5w.

a evolução da pixação no Brasil, até chegar a pixação realizada atualmente, muito praticada e conhecida em São Paulo

A primeira pichação no Brasil é a pichação política contra a ditadura que começou na década de 60, que era o típico 'abaixo a ditadura' e onde o cunho era só político, não tinha preocupação estética com as letras, era uma estética legível para qualquer alfabetizado ler. Depois da pichação da ditadura, que é a pichação política, vieram as pichações poéticas que como o próprio nome diz são frases poéticas. No começo da década de 80, sendo um desdobramento do movimento punk, que também era pichação de cunho político, vem a pichação de São Paulo que é um pouco mais focado no ego do pichador (WAINER, 2009).

A pixação também teve influência do movimento punk⁹ e outras manifestações subversivas que se utilizaram desta linguagem como forma de reivindicação e reconhecimento. Esta prática se intensificou no período da ditadura militar, porém sua raiz advém da periferia, através do movimento hip-hop.

O hip-hop chegou ao Brasil por volta dos anos 80, envolvendo o rap, graffiti (a pixação), e o break dance, mas não necessariamente os artistas que praticam a pixação fazem parte deste movimento

Quem pratica a arte do graffiti é grafiteiro antes de estar em um evento de hip hop ou ser do hip hop. Ele pode não ter qualquer ligação com esses eventos ou com o hip hop. Mas geralmente há, minimamente, em um contexto mais amplo, uma conexão histórica e sociocultural, entre eles, decorrente da explosão do graffiti e do hip hop no mundo, em especial nos Estados Unidos da América nos anos 60 e 70 (MARIANA GONTIJO, 2012, p. 14).

É inteligível o motivo pelo qual o preconceito em torno da pixação existe, por ser uma manifestação oriunda da cultura hip-hop, da periferia e da busca por direitos

Assim como o graffiti, as práticas do hip hop também têm relação com o direito – os mesmos direitos à cidade, à cultura e de liberdade de expressão –, e essa relação é bem mais direta e madura do que a estabelecida entre aquele e o direito, pois o hip hop não é crime. Ele dialoga com o Estado. Mas muitas vezes, ainda hoje, o hip hop não é bem visto pela sociedade. Grafiteiros, rappers, principalmente negros, podem ser vistos, quando em situação vulnerável, ou mesmo quando estão em suas festas ou realizando um graffiti, como marginais, e a polícia é a primeira a praticar esse preconceito. Com relação ao pixador a situação é pior: a agressividade do

⁹ Outros relatos encontrados nas entrevistas feitas no referido documentário apontam que a pixação também possui uma associação com o Movimento Punk no Brasil, o que consideramos um importante dado para compreender as transformações que o Pixo atravessou enquanto resistência. O pixo, compreendido como fruto dessa cultura do Heavy metal e do Hard Rock, remete às composições sombrias e agressivas desse gênero e à incorporação de características do Movimento punk, cuja autoafirmação de uma marginalidade refletida em gangues de rua e na quebra da hegemonia de valores burgueses, encontra regularidade na pixação paulista que, até então, configurava uma preocupação em não comunicar-se com a sociedade, tampouco legitimar sua prática, mas antes, se configurava como um manifesto, uma tentativa de subverter, de dizer: “não me reconheço nessa sociedade”. Esse era o lugar tomado pelo pixador como estilo de vida, mas que vai passar por transformações que tornam o pixo e a subjetividade do pixador numa defesa de um padrão estético para o pixo (MAIRIS DANTAS, 2017, p. 15).

policial parece estar justificada com a reação que a pichação gera na sociedade (MARIANA GONTIJO, 2012, p 21).

Na citação acima, pode-se analisar a pichação também como uma forma de reivindicação de direitos, na medida em que direitos à cultura, educação e lazer são muitas vezes cerceados das pessoas que vivem nas periferias. O graffiti e a pichação fazem parte do movimento hip hop, que por consequência, dialoga com a sociedade e com o Estado, e por serem movimentos oriundos da periferia e com identidade negra, o preconceito enraizado em torno da cultura hip hop e das práticas do graffiti e da pichação se tornam recorrentes. Ao mesmo tempo, o próprio meio do pixo passa por constantes tensões entre os atuantes desta linguagem artística. Vale salientar que nem todos os pixadores têm a mesma posição política, existem pixadores que apesar de se apropriarem da estética da pichação e estarem integrados a este meio, apoiam políticas neoliberais e conservadoras.

Acompanhei um diálogo exposto no Instagram do pixador Ação Du juntamente a outro pixador com vulgo Aborto FND. Nos prints a seguir, Aborto FND responde a publicação de Ação Du sobre a aprovação de um projeto de lei que proíbe de casamentos homoafetivos, Ação Du denuncia o retrocesso através da postagem, enquanto Aborto FND afirma que acha a proibição uma atitude correta. A conversa continua, Ação Du questiona o outro pixador qual sua opinião sobre o aborto e ele em seguida responde que é contra. Ou seja: o pixador pixa a palavra “Aborto” nos muros, mas não é a favor do acesso ao aborto legal e seguro para as mulheres. Esse diálogo confirma que nem todos os pixadores que praticam o pixo possuem o mesmo pensamento e a mesma intenção de atuação, eles podem ter ideias totalmente contraditórias.

FIGURA 7- PRINT 1 -Diálogo entre Ação Du e Abortos FND



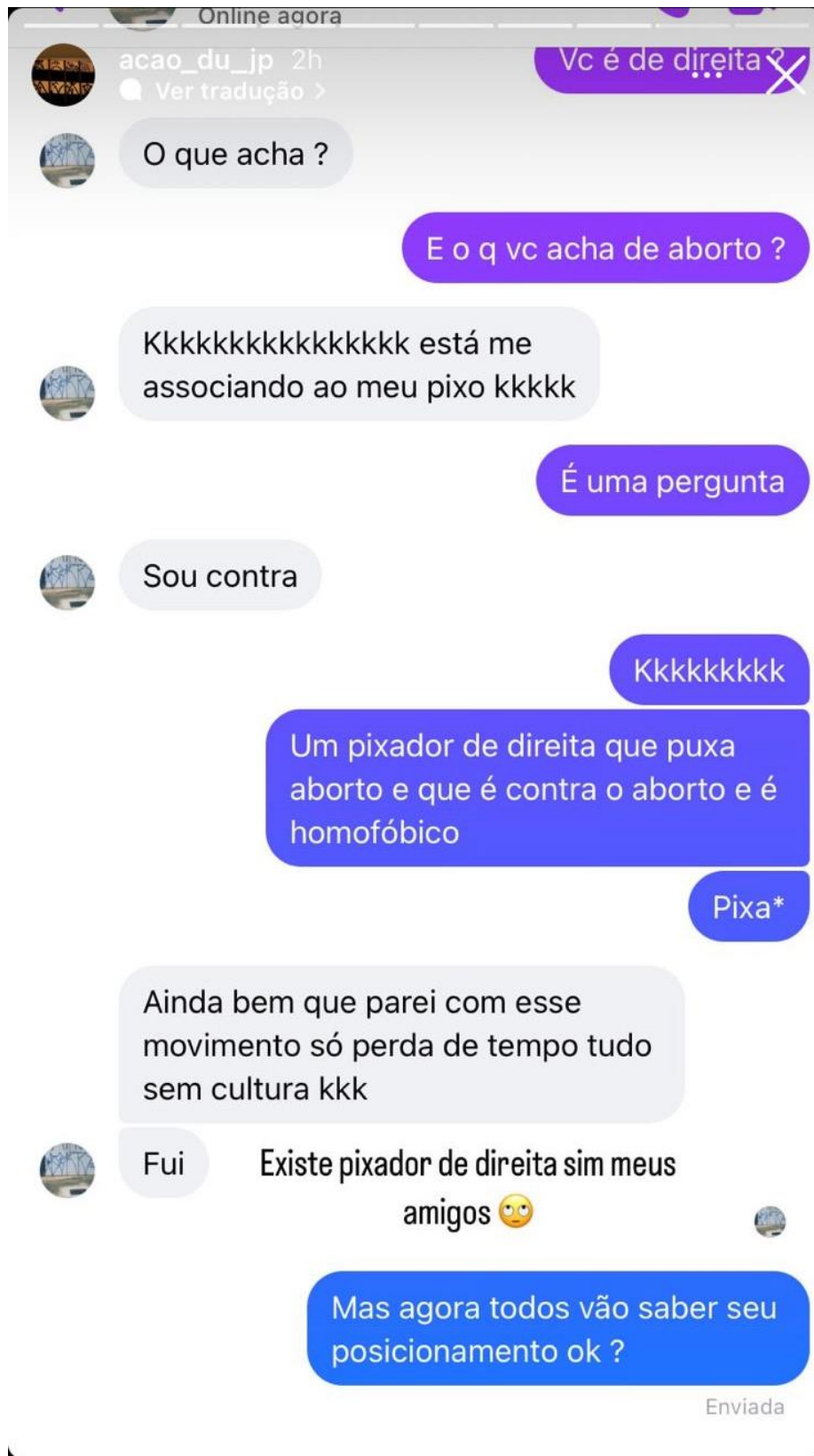
Fonte: https://www.instagram.com/acao_du_jp/

FIGURA 8- PRINT 2 -Diálogo entre Ação Du e Abortos FND



Fonte: https://www.instagram.com/acao_du_jp/

FIGURA 9- PRINT 3 -Diálogo entre Ação Du e Abortos FND



Fonte: https://www.instagram.com/acao_du_jp/, 2023.

Existem outras tensões entre os pixadores e pixadoras que não são somente políticas, no caso, em torno das “regras” que a pixação possui, por assim dizer. Sim, existem acordos e opiniões distintas entre pixadores e pixadoras em torno desta linguagem, existe muita disputa entre os pares que muitas vezes pode até levar a um certo “exibicionismo”, a disputa por muros é algo bastante comum. Uma regra muito comum e fundamental aqui no Brasil é nunca fazer uma pixação ou graffiti em cima de outro(a) já existente, o chamado “atropelo”. Além disso, a grande maioria concorda que a pixação não deve ser legalizada, pois ela perderia seu real significado, e de fato, o que torna a pixação única e legítima é sua ilegalidade. Alguns praticantes não acreditam que a pixação seja arte ou até mesmo uma forma de protesto, por isso, existem diversas tensões em relação a intervenções autorizadas, uso da estética do pixo dentro dos meios artísticos etc. Um exemplo disso é o trabalho realizado pela pixadora Eneri (Eneri foi citada no início deste trabalho e será mencionada nos próximos capítulos desta dissertação), a artista fez um trabalho autorizado em Rotterdam, na Holanda, convidada pelo grupo “All Caps” e legendou a frase escrita na estética do pixo.

FIGURA 10- Obra autorizada de Eleri



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cxkv-9hIgrB/?img_index=1, 2023.

FIGURA 11- Obra autorizada de Eneri 2

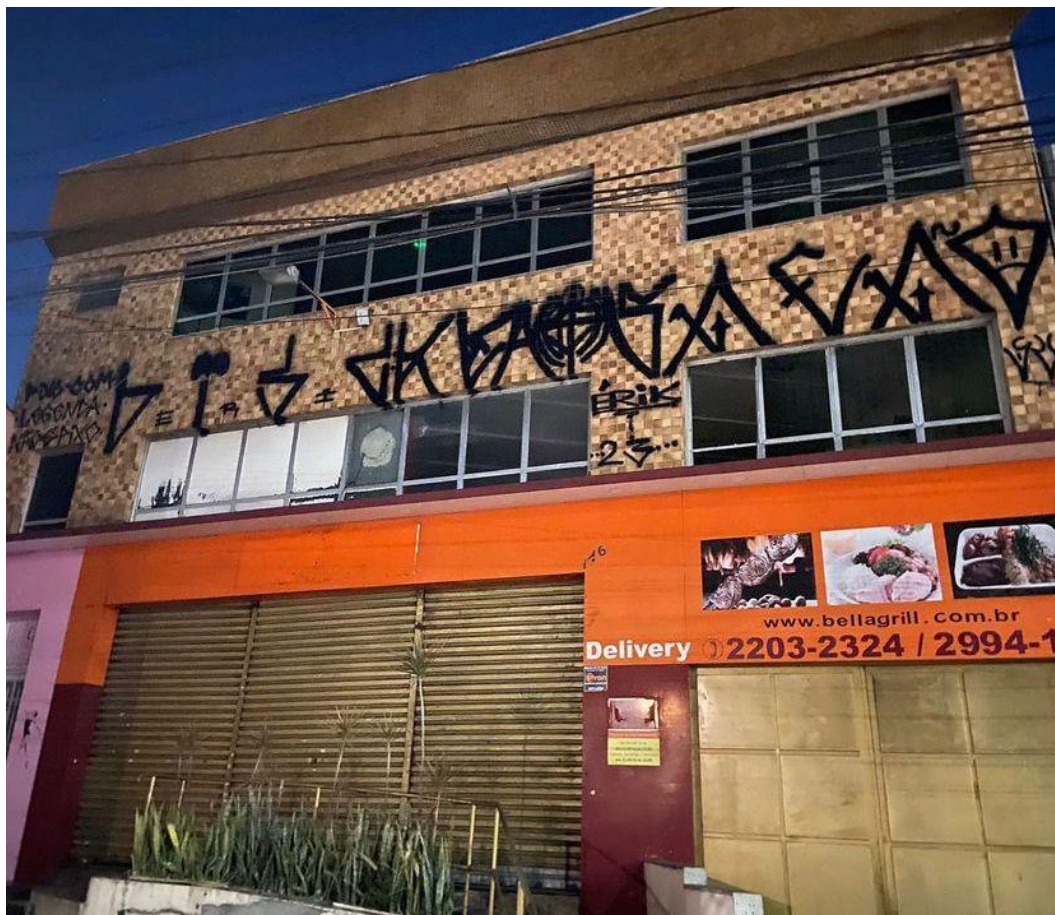


Fonte: https://www.instagram.com/p/Cxkv-9hIgrB/?img_index=1, 2023.

Após o ocorrido, o pixador Ação Du, pronunciou-se sobre o trabalho da artista em seu Instagram de forma indireta, pixou no muro “Pixo com legenda não é pixo” juntamente com sua tag e seus colegas Reais Erik e Discretas Erica. A intenção do artista era questionar o uso da estética da pixação na obra feita por Eneri com autorização prévia. O artista afirma, através de um post do Instagram, que a legendar a pixação faz movimento contrário ao movimento transgressor do pixo, que é realmente não explicar nada, somente existir daquela determinada maneira, legendar o pixo é como querer explicar algo que não precisa ser explicado, pois a própria

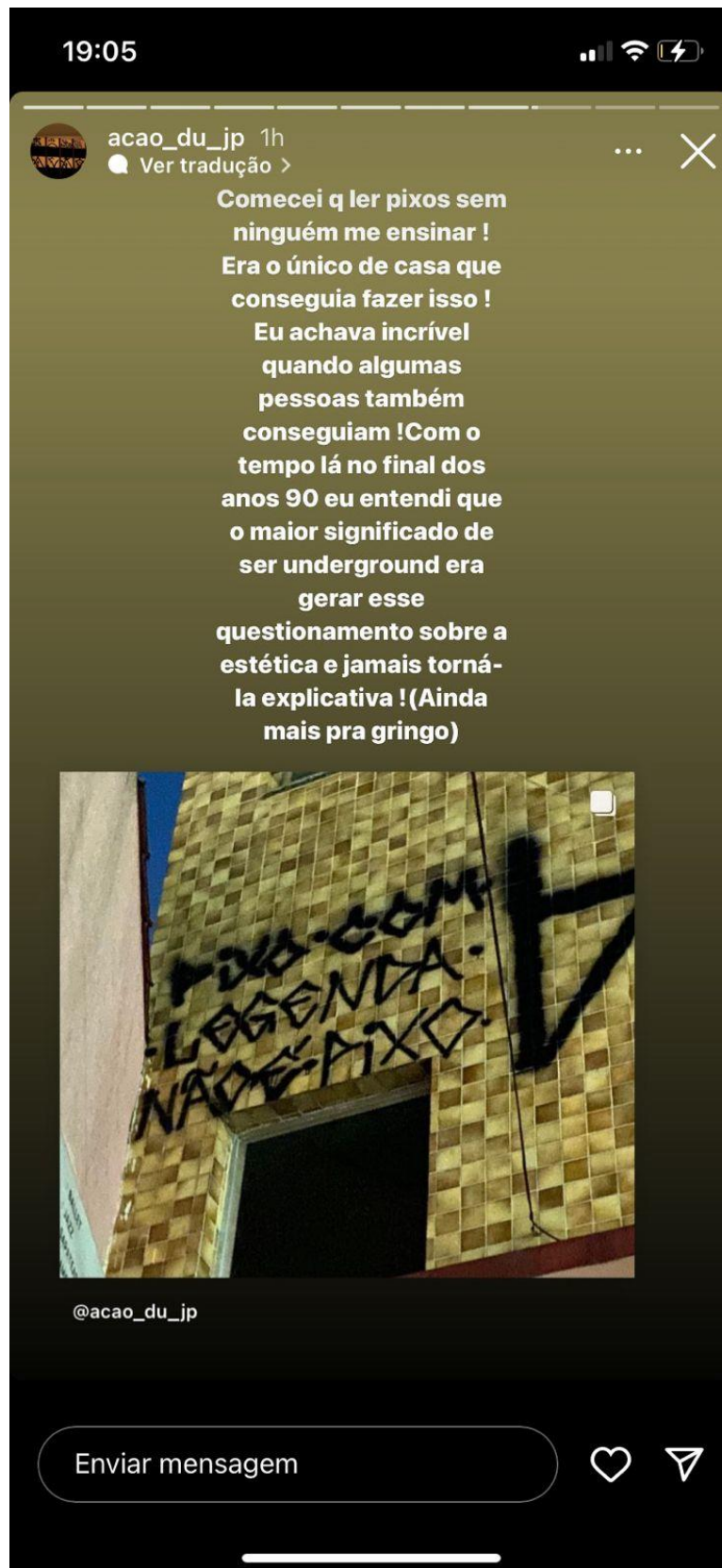
explicação está no não explicar. A estética que na maioria das vezes leva o espectador a não compreensão dela é proposital.

FIGURA 12- Pixação Dis + Rais + Ação Du



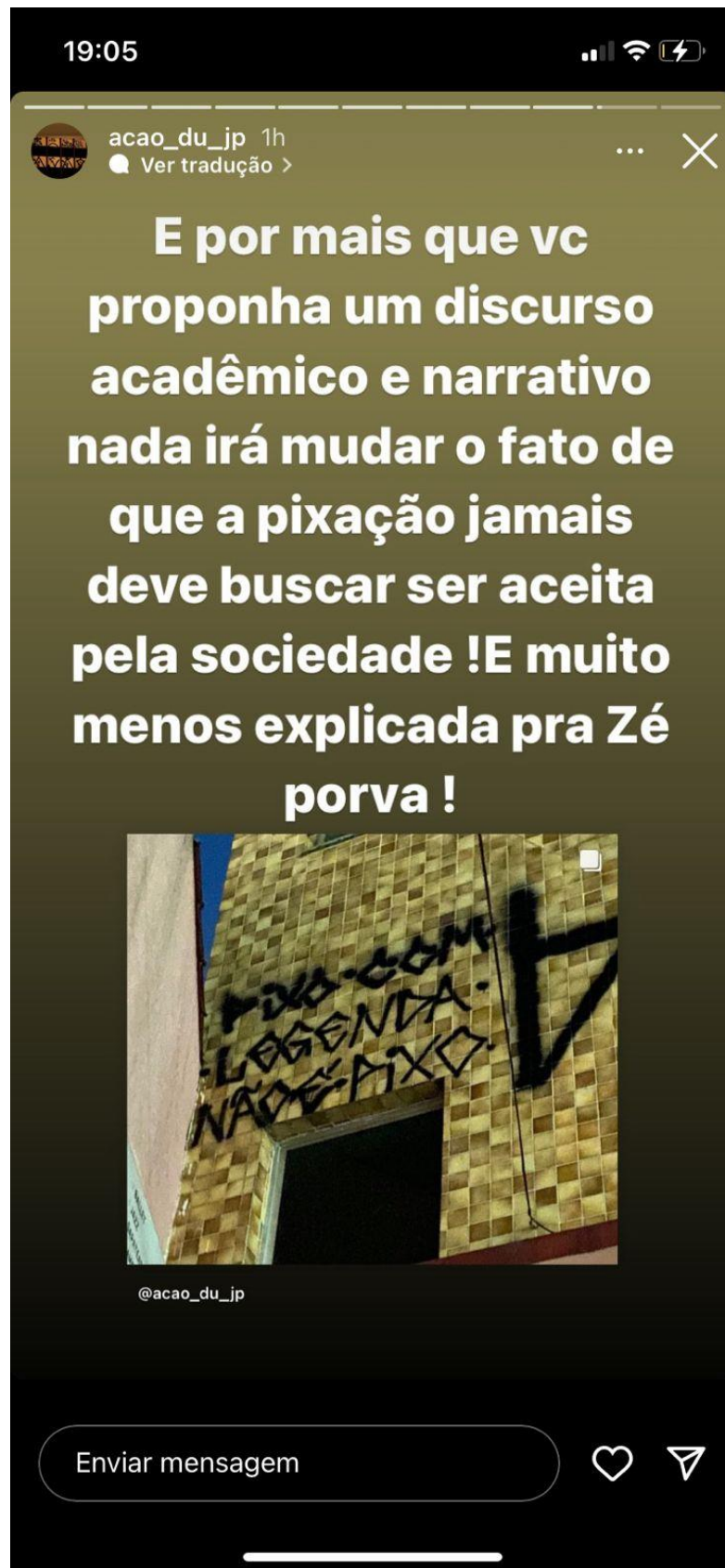
Fonte: https://www.instagram.com/acao_du_jp/, 2023.

FIGURA 13- PRINT 1- Post Ação Du



Fonte: https://www.instagram.com/acao_du_jp/, 2023.

FIGURA 14- PRINT 2- Post Ação Du



Fonte: https://www.instagram.com/acao_du_jp/, 2023.

Por trás da estética do pixo, existe um contexto que incomoda a sociedade burguesa, que não se dispõe a renunciar a uma gota de seus benefícios em prol de um bem maior, que no caso seria a igualdade de classes sociais.

A estética da pixação possui uma conotação agressiva justamente por isso, porque a intenção é agredir visualmente o transeunte, de modo a fazer com que o indivíduo reflita sobre o que está sendo representado. O graffiti possui uma estética menos agressiva, apesar de muitos pixadores e pixadoras também o realizarem. O “bomb”, o “throw up” e o “outline” são modalidades do graffiti que se aproximam da pixação, por serem também feitos na ilegalidade. São letreiros feitos rapidamente, em cerca de 3 minutos ou menos, coloridos, com contorno e preenchimento (bomb ou throw-up) ou sem preenchimento (outline), geralmente com letras “gordinhas”. A seguir temos um “bomb” da artista indígena Kina.

FIGURA 15- BOMB



Fonte: Instagram @kinagraffiti, 2019.

O graffiti também pode ser feito com imagens figurativas, como faz a artista Criola na imagem a seguir.

FIGURA 16 - CRIOLA / HÍBRIDA ANCESTRAL - GUARDIÃ BRASILEIRA



Fonte: Instagram @criola_, 2021.

O graffiti ainda é muito mais aceito pela sociedade por possuir uma estética mais acessível e menos agressiva. Aquele que observa as imagens do graffiti, suas cores, consegue compreender, em certa medida, a mensagem que está tentando ser transmitida, já na pixação, isso não acontece, pois para ler as pixações é necessário já ter algum repertório imagético em torno deste tipo de arte para decifrar seus códigos, a estética ininteligível do pixo faz parte de sua poética subversiva.

Na esteira dessas reflexões, trago o teórico Pierre Bourdieu para a discussão do campo da arte e da pixação, como estes campos têm conversado ao longo dos anos, e como a pixação vem, lentamente, sendo cada vez mais analisada pelos meios acadêmicos e artísticos como uma linguagem legítima de manifestação artística. Em seu livro *A Distinção: crítica social do julgamento*, principalmente no capítulo “Gostos de Classes e Estilos de Vida”, Bourdieu (2007) aborda questões de gosto relacionando com a classe social a qual o indivíduo pertence:

Se é verdade que a distribuição do capital econômico e a distribuição do capital cultural, entre as frações, apresentam estruturas simétricas e

inversas, e que as diferentes estruturas patrimoniais estão, com a trajetória social, no princípio do *habitus* e das escolhas sistemáticas que ele produz em todos os domínios da prática e cujas escolhas, comumente reconhecidas como estéticas, constituem uma dimensão, deve-se reencontrar essas estruturas de espaço dos estilos de vida, ou seja, diferentes sistemas de propriedades que se exprimem os diferentes sistemas de disposições (BOURDIEU, 2007, p. 241).

Na citação acima e no capítulo “Gostos de classe e estilos de vida”, Bourdieu (2007) analisa diferentes classes sociais e os gostos dos indivíduos que as pertencem. Ele apresenta as distinções dos gostos na vida destes indivíduos, o que costumam fazer em seu tempo livre, quais são seus hábitos, com quem convivem e o que consomem.

Em sua obra *A distinção: crítica social do julgamento*, o sociólogo observa que as diferenças de condições de existências das classes se expressam tanto no plano material como no simbólico. A linguagem, os valores, as práticas culturais de cada uma das classes se diferenciam. Os membros das classes populares, por exemplo, são muito mais relacionados aos bens materiais e simbólicos úteis que possuam praticidade, portanto, funcionais. Em contrapartida, os agentes pertencentes à classe dominante valorizam bens supérfluos com pouca utilidade prática (MONTEIRO, 2018, P.48 apud NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2009, P 38 E 39). Nesta obra Bourdieu nos apresenta como gosto estético é construído a partir das posições e disposições dos agentes no espaço social por meio de uma vasta pesquisa empírica. O gosto não é algo dado naturalmente (MONTEIRO, 2018, p. 48).

Nesta análise, feita por Monteiro (2018), é possível identificar que os gostos de classe, por exemplo os da burguesia e da classe trabalhadora, são condizentes e praticamente padrões, e que existem divergências em relação às culturas e hábitos entre as diferentes classes sociais. O *habitus* que Bourdieu se refere no fragmento apresentado anteriormente se refere ao seguinte

O *habitus* é entendido como um sistema de disposições gerais que se adapta por meio dos agentes, a cada conjuntura específica da ação. O *habitus* se traduz, assim, pelo *ethos*, que são os valores em estado prático, cultura tornada corpo e não consciente da moral, e pela *hexis* corporal, que diz respeito às posturas, as disposições do corpo. Em outras palavras, o *habitus* não só permite entender o porquê que as pessoas se vestem ou se alimentam de tal maneira ou praticam tais esportes, mas, também, a forma como elas se vestem, se alimentam e praticam tais esportes (MONTEIRO, 2018, p.60).

Portanto, o *habitus* se dá a partir de padrões sociais, de classes sociais, que perpassam a vida de um indivíduo e fazem com que ele pense e aja daquela forma. O “gosto legítimo” é ainda o gosto da classe dominante, que inferioriza o conhecimento e a cultura da periferia, de modo a marginalizar, hostilizar e insultar os praticantes destas culturas afrodescendentes, denominando-os como “bandidos” e

“vagabundos”, por exemplo a própria cultura do Hip-Hop: o graffiti, a pixação, as batalhas de rap, o *breakdance*, a capoeira, os bailes funk etc.

A pixação e o graffiti são manifestações artísticas que estão à margem já por não pertencerem a lugares privados e exclusivos como o museu, onde grande parte da população não tem acesso, isso por si só já serve de mote para a desvalorização da arte urbana. Pierre Bourdieu (2007) afirma

A apropriação de objetos simbólicos com suporte material, tal como o quadro, eleva à segunda potência a eficácia distintiva da propriedade, reduzindo o modo de apropriação puramente simbólico ao estatuto inferior de substituto simbólico; apropriar-se de uma obra de arte é afirmar-se como o detentor exclusivo do objeto e do verdadeiro gosto deste objeto, assim, convertido em negação reificada de todos aqueles que são indignos de possuí-lo (BOURDIEU, 2007, p. 262).

Na citação acima, Bourdieu (2007) confirma que a apropriação de objetos que possuem valor cultural traz ao obtentor daquele item um potencial de exclusividade, já que o indivíduo que o possui reafirma seu capital cultural e econômico ao adquiri-lo. Ao pensar nisso, é válido lembrar que a arte urbana possui mais aspectos que a levam a ser marginalizada além do suporte, que no caso é a rua, mas também a estética e a qual classe social ela remete. Lembrando que: no graffiti, ainda é possível que haja um diálogo mais tranquilo com o mercado artístico, já que os/as artistas são contratadas(os) para pintar em eventos. Na pixação isso não acontece, pois a partir do momento em que a pixação é feita em local permitido, ela perde seu sentido original.

A rua é o suporte da pixação, é o muro, o prédio, a marquise é a “tela”, os símbolos ali representados muitas vezes não agradam o espectador, que não os entende, e por muitas vezes se sente “excluído” deste tipo de diálogo, o que o leva a classificar a intervenção urbana como apenas rabiscos e vandalismo, por não entender o real significado.

Entre todas as técnicas de conversão que visam formar e acumular capital simbólico, a compra de obras de arte, testemunho objetivado do “gosto pessoal”, é a mais próxima da forma mais irrepreensível e mais inimitável do acúmulo, ou seja, a incorporação dos sinais distintivos e dos símbolos do poder sob a modalidade distinção natural, de autoridade pessoal ou de “cultura” (BOURDIEU, 2007, p. 263).

Neste fragmento, o autor de que forma a obtenção de obras de arte faz parte de um “status social”, que torna o indivíduo detentor da obra de arte como também um detentor de poder, capital simbólico e cultural. O indivíduo, ao adquirir uma obra de arte, acumula capital simbólico, desse modo, uma obra que não pode ser vendida

nem comprada, e que é desvalorizada socialmente por originar-se da periferia, não possui um capital simbólico que possa interessar aos investidores de arte, então, em certa medida e durante muito tempo, este tipo de arte foi considerado irrelevante aos meios artísticos

No Brasil, a ascensão das classes populares, por exemplo, assistiu-se a aproximação destas classes ao acesso e ao consumo de bens culturais que até então eram tidos como típicos de determinados agentes, o que alimentou uma série de lutas simbólicas e materiais, de disputas de ódio de classe entre a classe média e a classe popular ascendente. (...) Este processo alimentou o ódio e acirrou as lutas por classificação ao mesmo tempo em que também se exacerbou a busca por processos de diferenciação entre a classe média e as classes populares (MONTEIRO, 2018, P. 50 e 51).

Neste fragmento, o autor fomenta que a ascensão da classe baixa “desestabiliza” e chega a “irritar” a classe dominante, que se sente ameaçada em perder seus privilégios, por isso, retorno a salientar o ódio das classes dominantes em torno da cultura periférica, isto ficará ainda mais evidente ao longo deste texto, quando citarei o ocorrido na Bienal de São Paulo em 2008 e os comentários emitidos pela própria Bienal em torno do caso.

A autora negra bell hooks, em seu livro “O Feminismo é Para Todo Mundo” (2018), adverte sobre como as questões econômicas interferem na vida e na independência das mulheres, caso que também trarei em pauta posteriormente quando entrar nas questões de gênero subsequentes

Classe é muito mais do que a definição de Marx para o relacionamento com os meios de produção. A classe envolve seu comportamento, seus pressupostos básicos, como você é ensinada a se comportar, o que você espera de si e dos outros, seu conceito de futuro, como você entende os problemas e os soluciona, como você pensa, sente, age (BROWN apud BELL HOOKS, 2018, p. 68).

1.2 PIXAÇÃO X CAMPO DA ARTE

Isso tudo reflete nos museus e nas galerias de arte, lugares bastante excludentes por originalmente pertencerem à classe dominante e por ainda serem muito frequentados por ela. Um episódio marcante da inserção da classe pobre nesses ambientes é justamente a ocupação da Bienal do Vazio, no ano de 2008. Antes da intervenção à Bienal, já haviam ocorrido outras duas intervenções, lideradas por Rafael PixoBomb (Rafael Augustaitiz), uma no Centro Universitário de Belas Artes em São Paulo (G1, 2008) e outra na Galeria Choque Cultural (SÃO PAULO, 2008). A 28ª Bienal de Arte de São Paulo, na ocasião, deixou o segundo andar inteiro do Pavilhão Ciccillo Matarazzo vazio por decisão dos curadores, “O vazio se propõe como espaço de potência, de abrir, de repensar, entrar o ar.” afirma a curadora Ana Paula Cohen (HIRSZMAN, 2008). Na verdade, o vazio colocou toda a estrutura da Bienal em xeque após o ato dos(as) pixadores(as) e levantou discussões que até hoje ainda estão sendo refletidas pelos meios artísticos e institucionais.

De acordo com Molina (2008), em notícia no site do Estadão, no dia da abertura da exposição, um grupo de cerca de 40 pixadores entrou no Pavilhão para pixar as paredes brancas do andar vazio, nas pixações havia tags e frases como “Abaixa a ditadura”. Houve confusão durante a intervenção, a polícia foi acionada e os seguranças tentaram segurar os/as pixadores/as. Uma vidraça foi quebrada pelo grupo para que a fuga acontecesse, dentre eles, estava Caroline Pivetta da Mota, também conhecida como Carol Susto’s¹⁰, pixadora que estava em um momento de muita potência dentro de sua trajetória artística e pixando diversos lugares da cidade de São Paulo, na época, com 23 anos de idade. Carol Susto’s foi a única a sair algemada do Pavilhão e foi encaminhada à Penitenciária Feminina de Sant’anna, onde ficou presa durante 54 dias por ter pixado uma das paredes brancas do andar vazio. O Ministério Público do Estado de São Paulo acusou Caroline Pivetta da Mota pelo art. 62 da Lei de Crimes Ambientais (destruição de patrimônio cultural). O bem jurídico tutelado pelo tipo penal são “bens especialmente protegidos por lei, ato administrativo ou decisão judicial (vide art. 62 do LCA) com vistas a proteção do patrimônio cultural, abarcando em sua conceituação o patrimônio histórico, artístico e arqueológico” - conceituado pelo art. 1º do Decreto Lei nº. 25 de 1937. Ela foi a única presa naquele dia a partir de um ato coletivo.

¹⁰ “SUSTO’S” é um grupo de pixação de São Paulo, fundado em meados de 1996.

Posteriormente, outro artista que participou da intervenção da Bienal foi preso, porém permaneceu em cárcere durante 7 dias. A intervenção realizada na Bienal tinha o propósito de visibilizar a arte da pixação, considerada crime ambiental, como já mencionado, e quem o praticar estará sujeito(a) a pena de multa e/ou detenção de 3 meses a 1 ano de prisão (BRASIL, 2011).

A prisão de Caroline Pivetta foi promovida e apoiada pelos funcionários e curadores da Bienal de São Paulo. Na época, a Bienal emitiu a seguinte nota

A Fundação Bienal de São Paulo e a curadoria da 28ª Bienal de São Paulo lamentam e condenam a invasão e o vandalismo ocorridos no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque Ibirapuera, no último domingo, 26 de outubro de 2008.

Trata-se de um ato criminoso, previsto em lei, contra um patrimônio público, o edifício da Bienal, o meio ambiente, a área preservada do Parque Ibirapuera, além de graves agressões físicas a funcionários trabalhando no evento. Embora já tivéssemos sido informados da possibilidade de um ataque desse tipo, em respeito ao público visitante, havíamos optado por manter uma segurança menos ostensiva, além da colaboração de profissionais preparados para a mediação com o público por meio dos serviços educativos. Ainda assim, foram graças à eficiência da segurança contratada e ao apoio dos educadores que esse bando de criminosos não logrou maiores danos em relação às obras expostas. Depois do ocorrido, fomos obrigados a alterar e reforçar o esquema de segurança.

Causa-nos profunda surpresa e pesar, ver que no momento em que a exposição Bienal se propõe como um espaço democrático, aberto ao público, hospitaleiro, recebamos uma manifestação completamente contrária a esse espírito. O vandalismo causado pela atitude autoritária e agressiva desses jovens representa uma ameaça à constituição de um espaço público coletivo, que respeite a integridade de cada cidadão e o patrimônio material e simbólico da nossa cultura. A atuação do grupo repetiu o mesmo padrão de ataques anteriores realizados na Faculdade de Belas Artes e na Galeria Choque Cultural, ambas em São Paulo, mas, diferentemente do que ocorreu nessas ocasiões, eles não conseguiram destruir nenhuma obra. Duas pessoas foram detidas e poderão sofrer duras penalidades.

A Fundação Bienal de São Paulo e a curadoria da 28ª Bienal de São Paulo pedem a compreensão do público visitante da mostra, pois somos obrigados pelo autoritarismo e violência desses criminosos, a implementar medidas de segurança e controle do público visitante. Portanto, a fim de evitarmos transtornos e embarços, pedimos a gentileza de que os visitantes não venham com bolsas grandes (mochilas são guardadas obrigatoriamente), pois elas terão de ficar no guarda volumes. Todos os visitantes deverão passar por detectores de metal e, quando solicitados, poderão ser inquiridos sobre possíveis pertences metálicos que estejam portando. A 28ª Bienal de São Paulo estará aberta normalmente ao público, amanhã, terça-feira, a partir das 10h, sem qualquer alteração em sua programação.

Fundação Bienal de São Paulo

Curadoria da 28ª Bienal de São Paulo: "em vivo contato" (BRANT, 2008, s.p.).

Percebe-se que a nota emitida pela Bienal possui cunho preconceituoso e contraditório, sem ao menos buscar compreender o ato realizado pelos(as) pixadores(as). Além disso, não existem registros policiais de agressões contra funcionários ou imagens que demonstrem esse tipo de ato por parte dos(as) artistas

pixadores(as). O texto enfatiza o ato como brutal e criminoso, passível de punição. Afirma que os pixadores são “um bando de criminosos” e que o espaço é democrático, ao mesmo tempo, pontua que a manifestação que os artistas apresentaram é contrária a este espírito. Se o ambiente fosse de fato democrático, a Bienal teria buscado compreender a forma de expressão daqueles indivíduos. Quando leio essa nota, reflito sobre essa arte “limpinha” e “hospitaleira” que a Bienal, naquela época, e os espaços de arte ainda neste momento reivindicam. Voltando às teorias do sociólogo Bourdieu, cabe aqui uma ponte para esta reflexão: a arte só é definida e decretada arte quando os espaços artísticos e acadêmicos a reafirmam como tal, mas qual é a classe que comanda nestes espaços? Quem sempre os ocupou?

A resposta está no seguinte trecho de Bourdieu

A classe dominante constitui um espaço relativamente autônomo, cuja estrutura é definida pela distribuição, entre seus membros, das diferentes espécies de capital, de modo que cada fração é caracterizada propriamente falando por certa configuração dessa distribuição à qual corresponde, por intermédio dos habitus, certo estilo de vida (BOURDIEU, 2007, s.p.).

Por isso, a intervenção dos pixadores, a pixação, na época e ainda hoje, pela sociedade brasileira em geral (incluindo pessoas do meio artístico), não é reconhecida como arte. Este comportamento é recorrente em nossa sociedade brasileira que não reflete a própria arte, não busca valorizar o que é originalmente brasileiro, mas que busca a validação nas artes europeias. Lembrando que a pixação é uma intervenção ilegal e isso faz parte de sua poética, é um ato de subversão geralmente praticado por pessoas de classes sociais mais baixas, o que contribui para um preconceito por parte da sociedade brasileira em geral.

Quatro figuras públicas refletiram o caso da Bienal e se posicionaram a favor em relação a libertação da pixadora Caroline Pivetta da Mota, foram Juca Ferreira, Ministro da Cultura na época (de 2008 a 2010, no governo Lula), o crítico de arte Paulo Herkenhoff que dirigiu o Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro e foi curador no MoMA em Nova Iorque e da 24ª Bienal de São Paulo em 1998, o ex-ministro dos Direitos Humanos Paulo Vanucchi e o Advogado Augusto de Arruda Botelho.¹¹

O ex Ministro Juca Ferreira emitiu a seguinte nota:

O Ministério da Cultura defende a busca de uma saída na esfera cultural para o impasse decorrente do ato e da prisão da jovem Caroline Pivetta da Mota,

¹¹ Botelho foi indicado no ano de 2022 por Flávio Dino como secretário nacional da Justiça para o assumir o cargo em 2023, no atual governo Lula.

de 23 anos de idade. Ela integrava o grupo que pintou com tinta spray o edifício da Bienal de São Paulo, no local onde os curadores da 28ª edição Bienal estabeleceram um espaço vazio de interação com o público. Esta solicitação é devida à preocupação que muitos artistas e agentes culturais do país têm manifestado com os desdobramentos que podem criminalizar um ato que tem características culturais, muito embora não concordemos com a agressão simbólica proposta em manifestos e textos divulgados como de autoria do grupo.

Temos buscado o diálogo constante com grupos jovens dos centros urbanos e das periferias das grandes cidades por acreditar que esta é a forma mais eficaz e duradoura de combater os impulsos violentos que são gerados em meio à desagregação reinante em muitos ambientes de fragilidade socio-cultural nos quais vivem estes indivíduos. Contudo cremos que a agressividade simbólica aparece como "alternativa" a estes jovens submetidos a um cotidiano de violência, e ela é a "compensação cultural" por vezes ao seu alcance para fugir do crime ou da marginalidade. Desde muito essas populações têm suas formas de expressão e de linguagem enquadradas como atos de violência e desrespeito, como foram as rodas de capoeira no passado, os bailes funks nos dias correntes, mas não podemos esquecer que a cultura toma caminhos que fogem do padrão estabelecido para expressarem conteúdos latentes nas formações sociais emergentes.

Não desconhecemos que estas situações podem, vez ou outra, superar o âmbito criativo, mas devemos ainda lembrar que isso ocorre também pela falta de comunicação e pela pouca acessibilidade destes cidadãos aos bens diversificados de nossa cultura e de nossa arte. Sabemos que tais conflitos precisam ser trabalhados pelas políticas públicas e pelas instituições de modo a evitar uma maior desagregação do tecido de nossa sociedade.

Acreditamos que os mais de 40 dias de prisão guardam uma desproporção com o ato da jovem, porque tal medida pode gerar uma intensificação dos conflitos que buscamos combater, uma vez que se tornaram um problema real. O ato dos jovens, por mais que discordemos dele, não deve ser criminalizado como se ocorresse uma pichação e degradação do patrimônio cultural ali protegido por lei. Ele aconteceu num espaço específico em que era permitido a todo visitante exercer seu livre e vivo contato com o lugar simbólico da Bienal, uma mostra de arte, no qual, segundo a imprensa, muitos outros grupos e indivíduos se manifestaram com ações diferentes. O grupo de jovens reivindica o estatuto artístico e cultural ao seu ato. Quem deve julgar e avaliar tal mérito são as instituições culturais, os críticos e historiadores da arte, através dos recursos da reflexão e do debate público. Peço sua ajuda no sentido de garantirmos esse espaço público de discussão e apreciação, evitando que o estado decida em favor de nenhuma parte, e apenas cuide para que possa ser mantido o ambiente de diálogo e o direito de todos a suas manifestações culturais (O GLOBO, 2008).

Na nota acima, Juca Ferreira comparou a pixação aos movimentos que antes eram também criminalizados, como a capoeira, os bailes funks, que ainda são alvo de preconceito, e evidenciou ainda mais o erro da Bienal, que não compreendeu a intervenção ali feita pelos(a) pixadores(a). Juca Ferreira ainda fomenta, que o espaço artístico apresentou uma proposta onde era aceitável intervenções do público, e que aquela manifestação refletia um problema social que deveria ser reconhecido e

trazido à tona para que houvesse uma reflexão sobre aquela ação, ao invés de reprimir, pois a repressão é a própria causa da ação.

A nota de Paulo Herkenhoff (2008) contribui para que tenhamos uma reflexão ainda mais evidente sobre os fatos apresentados. Herkenhoff relatou em um artigo para a Folha de São Paulo no dia 15 de dezembro de 2008:

Eu vi, em 1972, os seguranças do MAM carioca ajudarem Antonio Manuel a fugir da polícia que o perseguia porque havia se apresentado nu no Salão Nacional de Arte Moderna. O MAM do Rio não mandou prender Raimundo Colares quando quebrou vidros do prédio em manifestação durante a ditadura militar. A Bienal quer que o Brasil sinta saudades da ditadura? A mesma Bienal que entrega a grafiteira à polícia foi a que proscreeu Cildo Meireles em 2006 por ter protestado contra a reeleição de Edemar Cid Ferreira para seu conselho. O paradoxo é que Edemar não providenciou a prisão da garota que beijou com batom uma tela de Andy Warhol na Bienal de 1996, fato muito mais grave do que grafitar paredes nuas (HERKENHOFF, 2008, s.p.).

Herkenhoff continua:

Se a grafiteira fosse um nome do mercado de arte não teria sido presa ou já estaria solta. O ato de Carolina Pivetta da Mota é rigorosamente igual a tudo o que ocorre no prédio da Bienal. Depois é só repintar, como aconteceu. Tudo se refaz porque o prédio da Bienal está à disposição da expressão. Sua estrutura original de feira industrial tinha que ser necessariamente versátil para atender a todo tipo de tranco físico. Por isso o acabamento sem adornos e luxo do Pavilhão do Ibirapuera. É só cimento, tijolo e cal. [...] Se tivesse causado um dano real à superfície das paredes, teria sido ínfimo. Dirigi um museu do Iphan onde uma ex-diretora causou danos em esculturas ao instalá-las ao ar livre, onde tomavam chuva ácida. O Iphan e o Ministério Público não pediram sua prisão quando verificaram danos irreparáveis à pátina na escultura "A Faceira de Bernardelli" (HERKENHOFF, 2008, s.p.).

Paulo Herkenhoff traz à tona uma reflexão relevante: a prisão de Caroline Pivetta está relacionada com o fato da jovem ser uma artista periférica e proletária. Ele mesmo fomenta que, se no lugar da intervenção fossem artistas do mercado artístico, a prisão nem se quer aconteceria. O mesmo argumento o jornalista Diógenes Muniz, "Se fossem estudantes de arte da USP jogando tinta nas paredes da Bienal do Vazio, ninguém teria ido parar na Penitenciária de Santana" (SALVADORI, 2021). Além disso, o espaço não havia sido depredado inicialmente (somente após a ação, os pixadores estouraram uma vidraça para que pudessem escapar), Carol Susto's e os pixadores não pixaram obras de arte, eles simplesmente espirraram tinta sobre as paredes, questão essa que foi resolvida já no dia seguinte, quando o espaço foi repintado, assim como acontece com outras exposições que modificam o ambiente, uma vez que o espaço do Pavilhão foi feito para isso, para receber as intervenções artísticas e depois a voltar a seu estado "original". Esse fator citado anteriormente circunscreve exatamente na questão de classe. A classe

dominante somente aceita uma intervenção inesperada se esta for feita pelos membros desta mesma classe, caso contrário, não há legitimação. O Pavilhão foi repintado no dia seguinte, mas Carol Susto's ficou presa durante mais de um mês na Penitenciária de Sant'ana, e segundo jornais da época, a artista permaneceu presa por não possuir comprovante de residência (REDAÇÃO FÓRUM, 2012).

Em 2008, na 11ª Conferência Nacional de Direitos Humanos, o nome de Caroline Pivetta foi novamente citado, desta vez pelo Ministro dos Direitos Humanos Paulo Vanucchi, que comentou "Está presa a 50 dias uma jovem chamada Carolina Pivetta porque grafitou uma sala da Bienal de São Paulo, Daniel Dantas ficou preso muito menos tempo e acusado de irregularidades muito mais graves" (SOUSA, 2009, s.p.).

Daniel Dantas é um ex-banqueiro, que foi detido na mesma época por desvio de dinheiro, corrupção, sonegação fiscal e evasão de dívidas, mas por conta de um habeas corpus do Supremo Tribunal Federal, não permaneceu em cárcere (REDAÇÃO ÉPOCA, 2008). Assim, é possível perceber mais uma evidência de que a punição aplicada em Caroline foi não apenas para puni-la, mas também para usar essa punição como "exemplo" para outros pixadores, ao demonstrar o quão "grave" seria pixar um patrimônio. A reflexão do ministro evidencia que, neste caso, o espirrar da tinta em uma parede branca pode ser muito mais grave do que roubar dinheiro público, pois este espirrar de tinta está sujando não só a parede, mas os "bons modos" de uma classe social em específico, no caso, a classe dominante.

O advogado que cuidou do caso de Pivetta na época foi Augusto de Arruda Botelho Neto, conselheiro da organização Human Rights Watch e um dos fundadores do Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDD), que em entrevista comenta sobre a pena desproporcional ao ato de grafitar uma parede branca dentro de uma instituição de arte, onde foi aberta a possibilidade de intervenção por parte do público. No caso, Carol Susto's foi incriminada por depredação do patrimônio público, e não por crime ambiental

O advogado Augusto de Arruda Botelho Neto, que assumiu o caso da jovem, diz que ela foi vítima de um "equivoco". "Nem o Fernandinho Beira-Mar, se fosse pego pichando um muro, receberia a pena que ela já recebeu. O Ministério Público denunciou a Caroline pelo crime de destruição de um bem protegido por lei, quando deveria tê-la denunciado pelo crime ambiental de pichação. Já seria um erro. Há mais. Também não se aplica a "destruição". O muro pichado por ela foi pintado e continua lá. Não houve destruição nenhuma" (LAURA CAPRIGLIONE, 2008, s.p.).

Na nota, o advogado compara o caso de Caroline com o de Fernandinho Beira-Mar que, naquela época, era chefe de uma das maiores organizações criminosas do Brasil, chamada “Comando Vermelho”. Ao analisar os argumentos e estudo de caso que foram realizados, pode-se perceber que a prisão de Caroline só ocorreu por ela ser uma pessoa periférica e, devo salientar, principalmente: por questões de gênero, por ser mulher, e por, teoricamente, ser um alvo mais “fácil” para os seguranças.

Observar que nas ruas existem escritos de resistência é uma ameaça a aqueles que são privilegiados, e que não querem que estas pessoas ganhem voz e ocupem espaços, ainda mais em espaços artísticos como museus e galerias, que são espaços elitizados. O caso é ainda mais grave quando se trata de uma mulher periférica, pois, além de sofrer o preconceito de classe social a qual ela pertence, ainda existe um preconceito de gênero. Carol Susto”s realizou uma entrevista para o site *Universa* em 2021 e disse que hoje é evidente que sua prisão ocorreu pelo fato de ser mulher: "Com certeza fui presa por ser mulher. Por que não cataram os moleques? Na época, não tive essa percepção, mas sabia que foi por causa da minha fragilidade, entre aspas." (LUIZA SOUTO, 2021). Dentre os 40 pixadores, somente Caroline Pivetta foi presa e assim permaneceu durante 54 dias. Após sua saída da prisão, Carol Susto”s foi entrevistada pelo programa de TV da rede Globo, transmitido tradicionalmente aos domingos na parte da noite, chamado “Fantástico”, em que denunciou a precariedade do sistema carcerário feminino em rede nacional, “Às vezes é comida azeda que vai, são diversas situações que tem lá dentro, não tem medicação. Um lugar que tem 3 mil presas e não tem um ginecologista, entendeu?” (SPL, 2009).

FIGURA 17 - CAROL SUSTO'S/ PIXAÇÃO NA BIENAL DE 2008



Fonte: <https://cidadeverde.com/noticias/28911/me-identifico-com-o-vazio-diz-jovem-presapor-pichar-bienal>, 2023.

Após o ocorrido na Bienal do Vazio, ocorreram muitos desdobramentos, a própria Bienal convidou os artistas e Carol Susto's, dois anos depois, na 29ª Bienal de Arte de São Paulo para apresentarem seus trabalhos¹², além de um convite à Bienal de Berlim em 2012. Os meios acadêmicos voltaram-se para a pixação após o ocorrido na Bienal, surgiram estudos concretos sobre o assunto, dissertações, artigos, teses, trabalhos de conclusão de curso etc. É importante considerar também que, muito provavelmente, se a intervenção na Bienal não tivesse sido reprimida, e se Carol Susto's não tivesse sido presa, a pixação não teria recebido a atenção e reconhecimento que recebeu e recebe até os dias atuais, sendo discutida cada vez mais pelos meios acadêmicos e artísticos.

A presença de Caroline na Bienal de 2008 foi importantíssima, pois por ser uma figura feminina, ela encorajou outras mulheres a se envolverem com a pixação. No fragmento do artigo de Pereira (2023), “Onde estão as meninas? Questões para pesquisas sobre culturas juvenis hegemonicamente masculinas”, o autor fomenta

Convém, entretanto, fazer a ressalva de que na virada da primeira para a segunda década deste século XXI a participação de meninas na pixação e nas artes de rua em São Paulo aumentou consideravelmente. O caso mais emblemático dessa mudança deu-se no ano de 2008, quando um grupo resolveu pizar as paredes de um espaço vazio em exposição no prédio da Bienal de Artes de São Paulo. A segurança privada do local e a polícia foram acionadas. A única pessoa detida nessa ação foi justamente uma garota, Caroline Pivetta, que ficou presa por 54 dias por conta de sua participação nesse evento. Ela acabou, inclusive, tornando-se símbolo de uma nova postura do pixo, que passou a inserir-se de modo provocativo no campo das

¹²Carol Susto's foi convidada para expor nesta ocasião, mas optou por não participar “Eu pensei - muitas vezes em ir, em não ir - e algo me diz que não é pra eu estar lá dessa forma. Pode ser um pingo de mágoa, não sei explicar.”

artes, com uma série de ações de grande repercussão midiática. Além disso, algumas meninas do pixo passaram a recusar a *performance* de um comportamento mais masculino, afirmando valores que consideravam mais femininos (PEREIRA, 2023, p. 59).

Na citação, o autor afirma que a presença de Caroline Pivetta da Mota no evento da Bienal foi crucial para as mulheres que estavam no meio da pixação, ou que desejavam adentrar a este meio, pois ela, mesmo dentre diversos homens, participou do ato sem performar como homem, sem ter que usar corte de cabelo ou roupas denominadas “masculinas”. Isso encorajou outras mulheres a se expressarem através da pixação, sendo elas mesmas, sem performar masculinidade, a partir do momento que se sentiram também representadas pela pixadora. A presença e a visibilidade das mulheres nestes espaços são absolutamente cruciais e isso se confirma cada vez mais, é importantíssimo compreender a necessidade de denotarmos a figura feminina em todas as áreas.

Na Bienal de Berlim, realizada em 2012, também houve uma intervenção inesperada dos pixadores, eles foram chamados para dar um ‘workshop’ de pixação. Obviamente que é impossível dar um workshop de pixação, pois a pixação é um ato de subversão, e para que ela aconteça, precisa ser feito na ilegalidade. As(os) pixadoras(es) convidados foram Djan Ivson (Djan Cripta), Rafael Augustaitiz (PixoBomb), Caroline Pivetta da Mota (Carol Susto’s), Willian Pereira e Edmilson Victor Barbosa (Biscoito) e Barbara Rodrigues. Destes que foram convidados, compareceram Djan Cripta, Biscoito, Willian, R.C. (Ricardo) e o pesquisador sociólogo Sérgio Franco, que foram convidados posteriormente.

BERLIN BIENNALE

Berlin Biennale Auguststraße 69 D-10117 Berlin

To whom it may concern

December 6, 2011

Letter of intent

Dear Madam / Sir,

Hereby we confirm the intention to collaborate with Pixadores in the framework of the 7th Berlin Biennale. Under the condition that travel funding will be collected, we would like to invite Sérgio Miguel Franco, who will be co-curator of the project by Pixadores, Djan Ivson Silva, Rafael Guedes Augustaitiz, Caroline Pivetta da Mota, Willian Pereira da Silva, Edmilson Vitor do Santos Barbosa and Barbara de Araujo Rodrigues.

The upcoming Berlin Biennale, curated by Artur Zmijewski, will take place in Berlin from April 27 to July 1, 2012, in different venues in the city and abroad. Artur Zmijewski will create the upcoming Berlin Biennale as a political space, in which the effects of art on society as well as the connections to ongoing politics should be explored. The aim is to bring the confrontation and conflict back into the art field and to integrate contradictory art discourses in the exhibition.

We are looking forward to this collaboration.

Yours sincerely,


Natasja Reich
Projectmanager

Berlin Biennale Auguststraße 69 D-10117 Berlin
T +49 (0)30 24 34 59 0 F +49 (0)30 24 34 59 99 office@berlinbiennale.de www.berlinbiennale.de
Director Gabriele Horn Founding Director Klaus Biesenbach Founding Chairman Sberhard Mayntz

The Berlin Biennale is organized by WW Institute for Contemporary Art
Hans-Nahmer-Berlin e.V. Local Court Charlottenburg Company Registration No. 95 04 90 430 89
Tax No. 255425125 VAT ID DE 65 686 275 www.berlinbiennale.de

Fonte: Arquivo pessoal.

Durante a intervenção, foi lhes apresentado um tapume, onde eles deveriam fazer as pixações. Entretanto, ao invés de pintar os tapumes, os pixadores escalaram e pixaram as paredes da igreja medieval Santa Elizabeth (que estava desativada) onde o workshop estava sendo realizado. Após a ação, Djan Cripta discutiu e jogou tinta no curador Artur Żmijewski. A reação da polícia alemã foi pacífica, o público

conversou com os policiais e afirmaram que se tratava de uma intervenção artística, que os pixadores haviam sido convidados para tal evento. Muito diferente da reação da polícia brasileira na Bienal de 2008, que também, por diversas vezes, como já relatado por pixadores(as) (inclusive no documentário PIXO), é agressiva com os pixadores(as), punindo com violência corporal e psicológica, banhos de tinta, perseguições, prisão etc. Depois do ocorrido, o público e os pixadores ainda debateram sobre a ação que havia sido feita.

FIGURA 19 -PIXAÇÃO NA BIENAL DE BERLIM 2012



Fonte: <https://multiplosdearte.wordpress.com/2012/06/11/pichadores-na-bienal-de-berlim-2012/>, 2012.

FIGURA 20 -PIXAÇÃO NA BIENAL DE BERLIM 2012 - IGREJA MEDIEVAL



FIGURA 21 -PIXAÇÃO NA BIENAL DE BERLIM 2012 / CURADOR PIXADO



FIGURA 22 - POLÍCIA ALEMÃ E OS PIXADORES/ BIENAL DE BERLIM 2012



Fonte: <https://multiplosdearte.wordpress.com/2012/06/11/pichadores-na-bienal-de-berlim-2012/>, 2012.

A punição desproporcional do caso de Carol Susto's faz-me refletir sobre situações que realmente pedem atenção. A partir destes relatos, é possível analisar como a justiça no Brasil é incoerente e preconceituosa, na qual pessoas, em geral, homens brancos e ricos, não são penalizados pelos seus atos, independentemente do quão graves eles sejam.

Apesar de Carol não ter sido presa pelo artigo 65 da Lei nº 9.605, que é o artigo que classifica a pichação como crime ambiental, e sim por depredação de patrimônio público (o que não faz o menor sentido, pois nenhum patrimônio foi quebrado ou destruído, somente pintado), é possível analisar a lei dos crimes ambientais e entender que, na verdade, a prisão e a punição de pessoas no Brasil são bastante seletivas.

Ao pensar nas consequências dos crimes ambientais cometidos pela empresa Samarco, administrada pela Vale que, no dia 5 de novembro de 2015, permitiu que uma barragem em Mariana, em Minas Gerais, fosse rompida e milhares

de litros de lama tóxica fossem espalhados, o que gerou 19 mortes e a devastação da vida aquática da bacia hidrográfica do Rio Doce e acabou com o turismo e a subsistência de milhares de habitantes que utilizavam do rio para sobreviver. Este foi o maior crime ambiental já ocorrido na área da mineração do mundo (CAMPERA, 2019), mas pelas vias da lei brasileira, a penalização e prisão dos responsáveis pelo ocorrido torna-se quase impossível, devido às diversas lacunas e burocracias que nossa lei apresenta quando o crime envolve uma pessoa jurídica.

No ano de 2019, na cidade de Brumadinho, em Belo Horizonte, passou pela mesma situação, e novamente, o crime cometido foi responsabilidade da empresa Vale, por inadimplência da empresa uma barragem estourou, deixando Brumadinho debaixo da lama, com fauna e flora devastadas e com ao menos 270 mortes (RAFAELA MANSUR, 2023).

Em ambos os casos, Brumadinho e Mariana, nenhuma pessoa foi condenada pelos crimes, não houve reparo ambiental ou então ressarcimento e indenizações judiciais equivalentes. Nestes casos, é necessária uma reflexão sobre valores e sobre punição, pois é possível perceber que o Brasil é um país onde os que têm dinheiro permanecem impunes, enquanto as pessoas pobres sofrem com penas desproporcionais pelos seus atos. A Vale, uma empresa milionária, além de ter causado um dano enorme ao meio ambiente, seus empresários deixaram milhares de famílias desoladas, sem seus entes queridos, sem teto, e sem condições de vida dignas. Isso não pode ser consertado com um pouco tinta branca. Nem mesmo o dinheiro pode consertar isso integralmente, as vítimas dos danos ambientais ocorridos em Mariana e Brumadinho suportaram lesões de natureza existencial. Isto significa dizer que o dano suportado afetou o *modus vivendi* destas pessoas, mudou completamente a forma de vida e a identidade delas. O dinheiro pode ajudar as famílias a reconstruírem seus bens, mas não trará seus entes queridos de volta, suas vidas nunca mais voltarão ao “normal”, muito menos consertará o dano contra a natureza ou então ao abalo existencial causado na vida destes indivíduos a partir do momento que todo o espaço ao seu redor foi destruído.

É possível, também, citar um exemplo recente, agora não em relação ao crime ambiental, mas sim sobre uma violência contra mulher: o caso de Mariana Ferrer, a qual foi dopada e estuprada em um Beach Club de Florianópolis em que o estuprador, André Camargo Aranha, apesar de todas as provas (incluindo teste de DNA e defloração já que a vítima era virgem) foi absolvido depois do processo penal

relâmpago (REDAÇÃO VOGUE, 2020). No final do ano de 2021, o Tribunal de Justiça de Santa Catarina, absolveu André Aranha pela segunda vez (ANA MENDONÇA, 2021). A diferença entre “peso e medida” da Lei brasileira ainda está longe de cumprir a máxima do Direito de que “todos são iguais perante a Lei”.

O caso de Mariana Ferrer serve de demonstração ao analisarmos os pesos e as medidas perante a justiça brasileira, enquanto uma artista permaneceu presa durante 54 dias, por ter pintado uma parede branca com uma lata de tinta spray preto fosco, provavelmente, acresceu ao “delito” dela o fato de ser mulher e periférica. Por outro lado, o estuprador não permaneceu nem um dia preso, por ser homem e rico, ou seja, tais elementos contaram a favor do criminoso. Ao observar o descaso com a vida de Mariana Ferrer, é verdadeira a premissa de que a impunidade gera mais um tipo de violência para a vítima, pois na atual sociedade brasileira, o patrimônio vale mais que a vida de uma mulher e o dinheiro é quem dita as regras, “uns são mais iguais que os outros”. Então, cabe sublinhar que este estudo também foi motivado pelas evidências de que a aplicação das Leis no Brasil, infelizmente, é norteadas pela linha de corte de: raça, gênero e classe.

Os péssimos exemplos apresentados acima da aplicação da Lei para periféricos ou mulheres, ou as duas situações acopladas, serviram como um sinal de urgência em pesquisar e apresentar algumas representantes desta categoria artística desfavorecida da sociedade, ou seja, mulheres periféricas e artistas. No entanto, tais mulheres representam e personificam as famílias de Minas Gerais, acachapadas pelo desamparo do ataque de uma empresa milionária, ou ainda, a moça Mariana Ferrer desacreditada pela justiça porque o algoz era um milionário, entre outros tantos exemplos passíveis de citar.

A prisão de Caroline Pivetta da Mota movimentou a lei brasileira, algum tempo após sua prisão a lei mudou, a Lei n. 12.408 de 2011 acresceu neste tipo a ressalva que não constitui crime a prática do graffiti realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística quando consentida pelo proprietário ou autorização do órgão competente. Apesar da pixação não ser considerada graffiti, como já mencionado no início do texto, antes da prisão de Carol esta ressalva na lei não existia.

Não só a lei pode ser bastante cruel com os pixadores e pixadoras, mas também a sociedade em geral, que despreza e repugna a prática da pixação, e que na maioria das vezes defende ao patrimônio privado em detrimento a vida. No dia 23

de outubro de 2023, no bairro Interlagos, na zona sul de São Paulo, um homem foi espancado até a morte após pixar um tapume. No ocorrido, segundo relatos, o indivíduo estava acompanhado de outros amigos quando a briga começou, após serem confundidos e acusados por transeuntes de roubar baterias de carro na região, um dos pixadores correu para um mercado Atacadão e tentou esconder-se no banheiro, porém foi perseguido pelos agressores e espancado até a morte (BEATRIZ GOMEZ, 2023, s.p.). O fato evidencia como a vida é banalizada na sociedade capitalista que protege e valoriza o patrimônio, acima da própria existência humana.

Uma semana após o acontecimento, pixadores e pixadoras organizaram-se para protestar contra a atrocidade cometida contra o pixador Ral, espancado até a morte por pixar um tapume. A irmã de Ral afirma que ele nunca havia roubado nada, que era pai de família e que praticava pixação como hobby

Nada justifica o que fizeram com um pai de família. Bateram nele até com uma chave de roda. Por que isso? Ele não era nenhum ladrão. Ele nunca roubou, nunca matou, nunca fez nada contra ninguém. Ele é pichador há 20 anos, era isso que ele amava fazer, mas isso é motivo para ser morto? (DALAPOLA, 2023, s.p.).

FIGURA 23 - Manchete morte do pixador Rafael da Silva

Rafael da Silva, 34 anos, foi perseguido por um grupo de homens que saíram de um condomínio da região de Interlagos, zona sul de SP, até uma unidade do Atacadão, onde foi agredido sob acusação de roubar baterias de carros



Fonte: <https://ponte.org/pixador-e-confundido-com-ladrao-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-de-sp/>, ANO.

A morte de Ral gerou revolta entre os pixadores, que fizeram cartazes e organizaram-se para protestar nas ruas de São Paulo. No auto-falante, a irmã de Ral questiona “Se pixar é crime, então matar é arte?”, até então os agressores permanecem impunes, gerando um sentimento de injustiça, dor e tristeza entre amigos e familiares.

O caso de Ral não foi o primeiro e provavelmente não será o último, a pixação é uma prática muito arriscada em uma sociedade que ignora os problemas de desigualdade social, fome, racismo, misoginia, etc, e que sobretudo valoriza o patrimônio privado. Recentemente, acompanhei comentários em uma publicação em uma página sobre pixação no Instagram chamado @noticiasdapixacao. Na

publicação, havia um vídeo onde três pessoas escalavam um prédio para pixar. Os comentários foram os seguintes:

FIGURA 24 - Escalada a luz do dia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cw3pdYPxaW/>, 2023.

FIGURA 25 - PRINT 1 no post da escalada a luz do dia



lima_daniel81 2 sem

Só abrir a janela e empurrar com o rodo.

Responder Ocultar Ver tradução



maicon_rodrigues_street 2 sem

Arriecendo a vida pra fazer uma hosta

Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cw3pdYPxsaW/>



FIGURA 26 - PRINT 2 no post da escalada a luz do dia



Pixador v4g4bundo, porque o analfabeto não se aperfeiçoa e faz pinturas decente. Pixador é a face da preguiça e do desleixo.

Responder Ocultar Ver tradução



ale_carmona86 3 sem

Alguém tinha que sair ali na janela e empurrar

Responder Ocultar Ver tradução



oficinaceliomotomecanica 3 sem

Derruba

Responder Ocultar Ver tradução



dosalexandrebarbosa 3 sem

Tinha q pinchar a cara deles

Responder Ocultar Ver tradução



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cw3pdYPxsaW/>, 2023.

FIGURA 27 - PRINT 3 no post da escalada a luz do dia



juliosouza_4.2 7 sem



Faz pintar tudo de novo

Responder Ocultar Ver tradução



alesurfvida 7 sem



Tinha que falar pra pular 😂

Responder Ocultar Ver tradução



psycholixo 6 sem



Acordar cedo trabalhar não quer

Responder Ocultar Ver tradução



eu_4214 6 sem



Gcm não tem poder de polícia, mas só existem para proteger o patrimônio público

Responder Ocultar Ver tradução

Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cw3pdYPxaW/>, 2023.

FIGURA 28 - PRINT 4 no post da escalada a luz do dia
Responder Ocultar Ver tradução



c4du20 2 sem



Os menino é monstro

Responder Ocultar Ver tradução



marceloqrz 2 sem



Da pra trocar as crianças inocentes presas em Israel por esses caras aí????

Responder Ocultar Ver tradução



weverton_leal_vieira 2 sem



Arte ? Essa 🤔

Responder Ocultar Ver tradução



peter.sanches 2 sem



Já que são invasores, não poderiam ser abatidos?

Responder Ocultar Ver tradução

Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cw3pdYPxaW/>, 2023.

FIGURA 29 - PRINT 5 no post da escalada a luz do dia
Responder Ocultar Ver tradução



sorianigustavo 3 sem



O custo pra limpar isso, sai do bolso de um assalariado. Por isso que eu acho que esses caras devem ver Jesus pra sempre

Responder Ocultar Ver tradução

— Ver 1 respostas



gordaoforever 2 sem



Pixar, ser integrante de torcida organizada, adorar político são uma verdadeira [#imbecilidadehumana](#)

24

Responder Ocultar Ver tradução

— Ver 6 respostas



igorsouzamartins 8 sem



Os cara q é contra o sistema pixando apê de morador comum kkkkk. Feio

1

Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cw3pdYPxaW/>, 2023.

FIGURA 30 - PRINT 6 no post da escalada a luz do dia



Com 20 anos ok com 40 nem fodendo.

Responder Ocultar Ver tradução



1



gustavomario__ 3 sem

disposição pra subir e mais disposição
ainda pra descer 😂😂, tá maluco filho

Responder Ocultar Ver tradução



1



marcogrigoletto505536 2 sem

Cultura dos ignorântes

Responder Ocultar Ver tradução



— Ver 1 respostas



charlie_golf_charlie2 2 sem

Sei que os Guardas seriam presos, mas
seria incrível ver a bala comendo e esses
Demônios caindo lá de cima. Vai pixar no
Inferno!


Responder Ocultar Ver tradução




1


Fonte: <https://www.instagram.com/noticiasdapixacao/>, 2023.


FIGURA 31 - PRINT 7 no post da escalada a luz do dia


 **noticiasdapixacao** • [Seguir](#) ...
Áudio original

12 sem [Responder](#) [Ver tradução](#)

 **rodrigobrasil1080** Eu só quero saber se colocou pra limpar depois?????? ♡
12 sem [Responder](#) [Ver tradução](#)

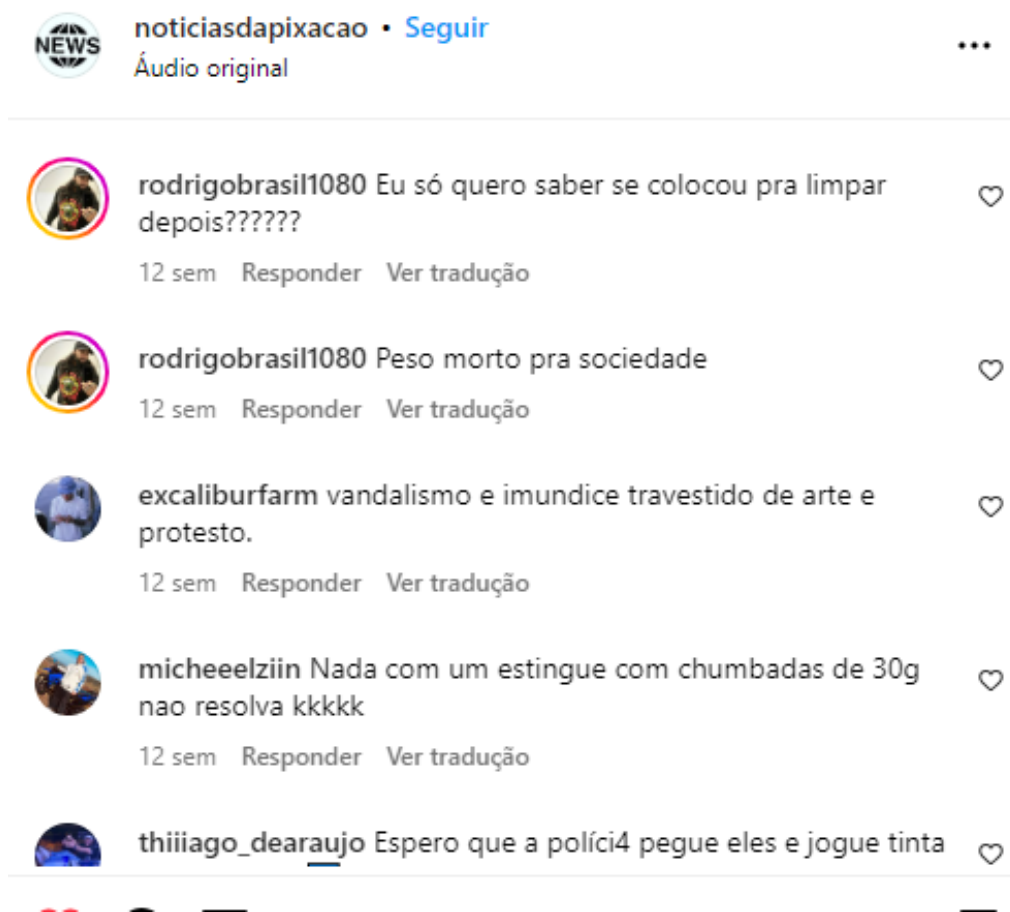
 **rodrigobrasil1080** Peso morto pra sociedade ♡
12 sem [Responder](#) [Ver tradução](#)

 **excaliburfarm** vandalismo e imundice travestido de arte e protesto. ♡
12 sem [Responder](#) [Ver tradução](#)

 **micheelziin** Nada com um estingue com chumbadas de 30g nao resova kkkkk ♡
12 sem [Responder](#) [Ver tradução](#) ...

Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cw3pdYPxaW/>, 2023.

FIGURA 32 - PRINT 8 no post da escalada a luz do dia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cw3pdYPxaW/>, 2023.

Na publicação, diferentes usuários da rede social comentaram sobre a prática da pixação e sobre o que acham que deveriam fazer com as(os) pixadores(as) que estavam praticando aquele ato. Comentários como “cultura dos ignorâtes” (acento errado no “a”) na Figura 30, “Pixador é a face da preguiça e do desleixo”, na Figura 26, comentários incitando morte e violência “Só abrir a janela e empurrar com o rodo” na Figura 25, “Sei que os Guardas seriam presos, mas seria incrível ver a bala comendo e esses demônios caindo lá de cima. Vai pixar no inferno!”, dentre outros comentários sobre a prática do pixo que ainda é muito incompreendido pela sociedade em geral “vandalismo e imundice travestido de arte e protesto” na Figura 32, “Arte? Essa merda” na Figura 28.

Ainda existe uma perseguição e revolta muito grande contra pixadores(as), isso se propaga de forma violenta e reafirma a falta de sensibilidade da humanidade, que desvaloriza a vida e desumaniza o indivíduo por praticar o ato. Apesar de ser

crime segundo a lei, a pixação não passa de tinta na parede, que pode ser lavada ou pintada, é algo puramente estético, pode incomodar visualmente, mas não passa disso, de uma perturbação estética. Um pouco de tinta na parede pode servir de justificativa para uma morte? A vida foi banalizada e a justificativa desta banalização é a tinta espirrada no patrimônio, efêmero. Tornou-se normal tratar estas pessoas comuns (que também são trabalhadores, e em sua maioria, periféricos) que praticam a pixação como corpos “matáveis”¹³, é justificável matá-lo pois não passa de um “lixo”, de um “analfabeto”, que está ali para prejudicar a propriedade privada, e que não busca “contribuir” com a sociedade. Este estereótipo social perante os pixadores e pixadoras reafirma o discurso de ódio, dando-lhe o rótulo de “inútil”, sem considerar que aquele indivíduo possui família, emprego, posição social, uma vida além daquele ato que fez parte de seu cotidiano e realidade.

Vejam agora como o ato da pixação tem sido encarado pelos meios artísticos. Recentemente, no ano de 2023, o artista Negro MIA¹⁴ pixador de São Paulo, pixou o Pavilhão Ciccilo Matarazzo com extrema tranquilidade, e ainda foi filmado durante o ato, o artista pixou nome artístico no pixo “NEGRO” e ao lado escreveu “Cadê a arte preta?”.¹⁵ Desta vez, não houve repressão por parte da SP Arte, que estava conduzindo o evento no espaço, o máximo que ocorreu foi uma pessoa da produção se aproximando, e conversando baixo com o artista, que pixou uma parede branca sem autorização, obviamente. MIA já sofreu muita repressão policial nas ruas, até por ser um artista negro e periférico, porém, na ocasião em específico, vários fatores contribuíram para que essa repressão não acontecesse: possivelmente, o fato de ter pessoas filmando, a vestimenta de MIA (terno e calça social), sua naturalidade no ato, a interpretação dos produtores do evento, a surpresa do ato individual etc. O ato da pixação pode também ser observado através da ótica da performance, como no caso do ato de MIA, em que diversos fatores nos levam a

¹³ No Brasil, muitos são os corpos matáveis, aqueles que são descartáveis pela sociedade capitalista e patriarcal em que vivemos, os corpos negros, indígenas, LGBTQIAP+ e os corpos femininos. Existem diversas produções acadêmicas que adentram nesta questão dos corpos matáveis, uma delas é “Vagabundo não tem memória’: Os corpos matáveis das práticas de segurança” (2023), de Galeano e Guareschi, as autoras levantam dados sobre o assunto em questão, no caso, a morte de pessoas negras.

¹⁴MIA é uma sigla, que significa: *Massive Illegal Arts*. O artista já participou de exposições e já havia feito uma intervenção em uma exposição sobre Banksy. Acesso rápido ao link: <https://vogue.globo.com/cultura/arte/noticia/2023/02/artista-negro-mia-faz-intervencao-em-mostra-sobre-banks-e-questiona-elitizacao-da-arte-de-rua.ghtml>

¹⁵ Acesso rápido ao vídeo:

https://www.instagram.com/reel/CqYZCIRAbkb/?utm_source=ig_web_copy_link

ver esta ação como algo performático. Assim como na performance, o uso de registros fotográficos e audiovisuais é um recurso muito usado pelas(os) pixadoras(es). Como já mencionado anteriormente, a pixação em si nunca ou quase nunca é feita dentro de uma instituição de arte de forma legal, por isso o registro desta ação pode ser usado para ser exposto em instituições de arte, o registro tem um aspecto muito importante para os(as) artistas de rua, o local e a forma que o pixo é realizado também é de extrema importância para os(as) pixadores(as) em ação, quanto maior a dificuldade, mais interessante o trabalho se torna.

Pode-se perceber então que houve um movimento perante aos meios artísticos, de 2008 a 2023. Inclusive, MIA comenta em seu podcast “Real Corre da Rua” sobre esta mudança que ocorreu no meio da pixação através dos anos.

MIA: O meu pixo, de extintor, todo escorrido, que valor isso tem? Que valor econômico isso tem? Não existe! Até que um dia eu vejo uma foto minha sendo vendida por 4 mil reais, aí eu olhei e falei ‘Caralho, os playboy tá vindo, tirando a foto do meu bagulho’ (...) (RUA a., 2022, s.p.).

Não é a primeira vez que o artista faz intervenções em galerias, ele também já fez pixações em diversos os monumentos históricos de São Paulo (como a estátua de Borba Gato), intervenções em uma exposição do artista Banksy (FURTADO, 2023), performances em galerias, todas de forma ilegal, ou então, não autorizadas. O interessante é que, sempre que MIA se encontra nestes lugares, ele atua como artista, mas fora dos meios artísticos, ou seja, não segue as regras pré-dispostas pelo espaço, cria suas próprias regras. Por isso a poética do pixo jamais caberá em uma galeria ou museu, pois o sentido de sua poética se consolida na rua e no ato ilegal.¹⁶

Na 29ª Bienal de São Paulo, os pixadores reuniram e expuseram as “folhinhas”, uma prática comum no meio do pixo, em que as pixadoras e pixadores trocam folhas com seus pixos e guardam como recordação. A autora da dissertação “A arte transgressiva como gênese da ressignificação do campo artístico”, Leôna de Oliveira Martins (2019), fomenta

A pergunta que fica latente é: o campo da arte incorporou a ‘Pixação’ ou os ‘pixadores’? Fica claro que, quando convidados os pichadores não picharam, eles expuseram registros do ‘pixo’. Podemos pensar que os pichadores foram, sim, aderidos pelo campo da arte, mas que a Pichação (ou ‘Pixação’) não se deixou legitimar. Nesse, movimento a Pichação englobou uma nova superfície, o cubo branco. Se antes o território do picho delimitava as paredes, muros, túneis e prédios do espaço público urbano, agora também está dentro das instituições da arte (LEÔNA MARTINS, 2019, P. 86).

¹⁶ Acesso rápido ao link:

https://www.instagram.com/tv/CbOrfXxgkrq/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=loading&hl=pt

Leôna Martins (2019) afirma que, apesar dos pixadores terem sido incluídos no meio artístico após o evento da Bienal de 2008, ainda assim a pixação em si não se deixou legitimar pelo campo. Os pixadores não pixariam uma instituição de arte de forma legal, pois isso tiraria a pixação do seu contexto e propósito original. Ao invés disso, os artistas optaram por expor as folhinhas, que são trocas que eles fazem entre si, adentrando no espaço artístico com outra forma de linguagem que não é a pixação em si.

FIGURA 33- PIXAÇÃO NA 29ª BIENAL DE SÃO PAULO



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-4-Participacao-dos-pixadores-na-29-Bienal-de-Sao-Paulo-Fonte-Daigo-Oliva-G1_fig3_365767119, 2010.

No artigo de Nathalie Heinich “Quando há artificação?”, a autora fomenta como o processo de reconhecimento do graffiti (pixação) como arte e a inserção nos meios acadêmicos e artísticos têm ocorrido ostensivamente, para que esse processo ocorra, ele passa por estágios, deslocando de seu contexto inicial.

A autora comenta como esse processo se deu no graffiti

O terceiro tipo envolve casos de artificação que são recentes, quase concluídos ou que estão em andamento. A arte marginal (outsider art) e a art brut enquadram-se nessa categoria, assim como objetos de arte industrializados (readymades). Todos ganharam o reconhecimento de críticos e museus apenas uma ou duas gerações depois de terem aparecido na esfera pública. Em atividades como a curadoria de exposições de arte contemporânea, o breakdance e o grafite, o processo de artificação parece estar quase concluído; está acontecendo diante de nossos olhos. Nestas

situações, o conceito de artificação manifesta sua relevância em especial ao revelar fenômenos que, de outro modo, teriam passado despercebidos (NATHALIE HEINICH, 2013, p. 25).

Não podemos esquecer que a arte marginal, o graffiti, diferente da pixação, está passando por um processo de artificação distinto, a pixação passa por um processo de resistência a artificação, pois se a pixação fosse legalizada, ela deixaria de existir, já que seu intuito é afrontar a lei. Já o graffiti, pode ser realizado em locais autorizados, por isso a artificação acontece de forma diferente

Em todos esses casos, para os atores sociais a artificação parece como o processo de diferenciação e estratificação que de fato é. Eles prefeririam evitar isso porque na artificação veem um risco para a coesão do grupo.(...) Quais as condições necessárias para a artificação e quais os obstáculos para sua efetivação? Atividades de luxo e de classe alta que produzem objetos que são de fácil transportação, aprimoram a individualidade e garantem a autonomia de quem os fabricou parecem estar entre as principais condições para a realização da artificação, como no caso da pintura de cavalete e da moda de luxo. No entanto, é verdade que as práticas de grupos das camadas populares, ou de grupos parcialmente socializados, como a juventude e os reclusos, também passam por artificação. É o caso do jazz, do hip-hop, do grafite ou da arte do artista autodidata. Nesses exemplos, as circunstâncias favoráveis parecem ser uma rede fortemente unida de cooperação, organizações coletivas e um rico corpus de discurso crítico. Iniciativas avante-garde dão ímpeto e visibilidade. Apoio governamental e políticas culturais de longo prazo consolidam o processo de artificação (NATHALIE HEINICH, 2013, p. 25).

Evidentemente que, segundo o fragmento, o processo de artificação torna-se mais “natural” quando este refere-se a obras feitas pela elite, que podem ser vendidas e compradas, como telas. Este processo já não é tão fácil quando se trata de um tipo de arte que além de não poder ser comercializada, é ilegal e está ocupando um espaço público, não uma instituição de arte, neste caso, o processo ocorre de outra forma: coletivamente, com os movimentos que a base faz para reivindicar este espaço. Monteiro afirma que “Tais capitais (econômico e cultural) estruturam as relações sociais da sociedade capitalista contemporânea. As classes dominantes no espaço social lutam não só para adquiri-los, mas também para mantê-los e transmiti-los” (MONTEIRO, 2018, p. 76 apud BURAWOY, 2010, p. 36).

É possível entender, através da citação acima, que os capitais culturais estruturam as relações sociais, além disso, a classe dominante, que possui capital econômico, busca adquirir cada vez mais espaço e ainda os transmitir. Para compreender melhor esta afirmação, é preciso entender que, diariamente, a população é cercada por símbolos e propagandas, bombardeados através de imagens, músicas, discursos que são reproduzidos repetidamente, buscando

convencer os espectadores a consumir cada vez, pois, segundo o sistema capitalista, é o consumo que dá sentido à existência. A contínua e perversa pressão em que vivemos, em uma lógica de consumo, foi aceita pela sociedade brasileira em geral. Não existe uma reflexão mais profunda sobre o assunto, os símbolos, as propagandas, simplesmente fluem no dia-a-dia dos transeuntes. Então, cabe a reflexão do porquê os(as) artistas urbanos(as) não podem espalhar seus símbolos pela cidade também?

No caso destas(es) artistas, a proposta não é comercial, apenas simbólica e reflexiva. No entanto, é recorrente o preconceito social que todas as modalidades artísticas urbanas sofrem, esse fato aproxima esses “anônimos” da reflexão de Ernest Gombrich quando adverte que “não existe maior obstáculo à fruição de grandes obras de arte do que a nossa relutância em descartar hábitos e preconceitos” (GOMBRICH, 1993, p. 11)

No livro *As Regras da Arte: A Gênese e a Estrutura do Campo Literário* (1996), Bourdieu traz à tona a discussão

Todas as formas de consagração social e destinação estatutária, as conferidas por uma origem social elevada, por um significativo sucesso escolar ou, para os escritores, pelo reconhecimento dos pares, tem por efeito aumentar o direito aos possíveis mais raros e através dessa *segurança*, a capacidade subjetiva de os realizar praticamente (BOURDIEU, 1996, p. 294).

Apesar do livro abordar questões do campo literário, é possível fazer uma ponte com a arte contemporânea. O status que a(o) artista recebe através da consagração de sua arte no campo artístico, reflete na sua validação também nos meios sociais. Para que ocorra a consagração, os ambientes artísticos precisam dialogar com o objeto em questão, legitimando-o, sendo reconhecido como arte pelo mesmo. Esta é a “segurança” que os meios artísticos fornecem entre si e as(os) artistas que a pertencem, a consagração da arte dá a(o) artista credibilidade para se aprofundar e explorar o campo, além do status social que o(a) mesmo(a) passa a obter, como já mencionado. A ocupação dos(as) pixadores(as) na Bienal é uma quebra desta lógica em si, pois para se fazerem legitimar eles entraram no campo por si mesmos, de modo a interferir no meio sem autorização. É o estourar da “bolha social” do meio artístico, protegida pela classe dominante. Sobre transformações radicais Bourdieu comenta

As transformações radicais do espaço das tomadas de posição (as revoluções literárias ou artísticas) podem resultar tão-somente de transformações das relações de força constitutivas do espaço das posições

que se tornam possíveis, elas próprias, pelo encontro entre as intenções subversivas de uma fração de produtores e expectativas de uma fração do público (interno e externo), logo, por uma transformação das relações entre o campo intelectual e o campo do poder. Quando um novo grupo literário ou artístico se impõe no campo, todo o espaço dos possíveis correspondentes, portanto, toda a problemática, vêm-se transformados por isso: com seu acesso à existência, ou seja, a diferença, é o universo das opções possíveis que se encontra modificado, podendo as produções até então dominantes, por exemplo, ser remetidas a condições de produto desclassificado ou clássico (BOURDIEU, 1996, p. 265).

Se interpretarmos pelo viés da arte contemporânea, a citação de Bourdieu encaixa-se novamente com o caso dos pixadores na Bienal de 2008, por ter sido um ato coletivo e subversivo contra a própria instituição de arte, que, ao longo dos anos, foi legitimado pelo próprio meio, ao confrontar e, posteriormente, contornar as regras da própria instituição, acabaram a adentrar ao meio artístico de forma subversiva. Concluo, retomando a reflexão de da autora Leôna Martins (2019), sobre esse entendimento do pixo no meio do campo da arte, a autora fomenta que o que é legitimado no meio artístico é a estética da pixação, mas não sua poética

Nesse processo da Pichação (periferia-urbe-arte-institucionalização) é como se a pichação deixasse de legado para o campo da arte sua estética, mas não sua poética. Ela entrega para o sistema da arte sua imagem, sua representatividade, porém não a sua produção, o ato de fazer, a poética. Em uma linguagem semiótica a pichação está no campo da arte como representante e não como representado. Parece que no campo da arte o picho está como símbolo, não como objeto (LEÔNA MARTINS, 2019, p. 85).

A pixação adentrou ao campo artístico sem perder sua essência original: o ato marginal e proibido, se não ocorresse desta maneira, o pixo perderia sua potência poética ao adentrar no campo através da “legalidade”.

Tenho observado o movimento das minas neste meio se expandido, mas ainda é muito pouco fomentado sobre o trabalho delas. Nas raras vezes em que são mencionados nomes femininos, eles se fecham sempre aos mesmos dentro do circuito acadêmico e artístico. Além disso, os trabalhos acadêmicos que trazem a voz das mulheres à tona, geralmente são trabalhos que envolvem mais o universo do graffiti do que o da pixação em si. É importante que tenhamos em mente, que a luta do movimento feminista foi o que deu oportunidade e abriu o caminho para as mulheres através dos anos, pois durante muito tempo, e ainda hoje, as mulheres foram excluídas dos meios artísticos, do mercado de trabalho e também do circuito acadêmico, isso reverbera nos mais diversos meios sociais, inclusive no campo da pixação.

A Historiadora da Arte Whitney Chadwick realizou uma denúncia sobre o apagamento das mulheres artistas da História da Arte oficial. No artigo “História da Arte e a Artista Mulher,” a historiadora apresenta um inventário sobre os registros da existência de mulheres artistas (WHITNEY CHADWICK, 2019, p. 151). O levantamento demonstra que muitas mulheres foram sistematicamente apagadas da História da Arte. Nos grandes manuais de história da arte como: Gombrich, Janson, Hauser, Schip e Argan, que são livros de grande circulação, os autores raramente citam uma produção artística feminina antes do século XX. Além disso, é possível facilmente perceber que os artistas de épocas distintas mais conhecidos pelo grande público na atualidade são na maioria homens. Desta maneira, tornou invisíveis as produções artísticas das mulheres desde o Renascimento, isso ao considerar os registros de Vasari apontados pela historiadora Chadwick. Diante deste ocultamento, foi somente no final do século XIX que as mulheres tiveram alguma oportunidade social para reivindicar espaços sociais no campo da arte, almejando a mesma circulação social do sexo oposto (TAMAR GARB, 1998, 231 p.).

Nos capítulos seguintes, trarei como mote principal a hipótese de um duplo apagamento que as mulheres pixadoras sofrem: além do apagamento nos meios artísticos e acadêmicos, da sociedade em sua totalidade, elas ainda sofrem um possível apagamento no próprio meio da pixação. Abordarei essas questões pesquisando a trajetória de cinco pixadoras, uma artista pixadora de cada região brasileira, além de fontes, vídeos e relatos que coletei ao longo desta pesquisa. Trarei a frente uma análise em torno do próprio meio do pixo, buscando entender se neste meio existe algum tipo de segregação, que acaba reverberando nos outros meios aqui citados e vice-versa.

2. PIXAÇÃO, GÊNERO E APAGAMENTO

Após a análise feita anteriormente, envolvendo a pixação, o graffiti e o meio artístico, é possível seguir com o raciocínio agora ao realizar um recorte em relação ao tema gênero. Nos capítulos anteriores, trouxe para reflexão o fato da pixação e do graffiti no Brasil serem vistos de forma distinta pela sociedade brasileira em geral e pelos meios artísticos, o que resulta em uma marginalização e um preconceito ainda maior em torno desta linguagem oriunda da periferia. No capítulo 2, farei um recorte de gênero como mote desta discussão. Neste momento, conto com teóricas feministas para estruturar minha argumentação e fazer uma costura entre os assuntos. Será necessário compreender a marginalização que as mulheres vêm sofrendo nos meios artísticos ao longo dos anos, que ainda se faz presente nos dias de hoje em nossa sociedade subdesenvolvida e patriarcal. Ao sofrerem com a marginalização e o apagamento que a própria sociedade já as acomete, elas recorrem a pixação como uma válvula de escape, mas gostaria de compreender quais são as adversidades que as artistas pixadoras enfrentam dentro do próprio meio da pixação, já que a rua continua sendo um lugar hostil para as mulheres.

No capítulo um, foi possível compreender que o pixo, por si só, sofre uma marginalização perante a sociedade, por possuir uma distinção em relação às outras linguagens artísticas urbanas, portanto, ser pixador já é desafio. Ao realizarmos um recorte específico na questão de gênero, muitas outras questões podem ser levantadas em relação a preconceitos e vulnerabilidades. Por muitos anos, as mulheres foram excluídas dos ambientes públicos, foram impedidas de adentrar ao mercado de trabalho, meios acadêmicos e foram apagadas dos meios artísticos. A ponte de reflexão que faço aqui é para compreender se no meio da pixação as mulheres recebem o mesmo reconhecimento e enfrentam as mesmas dificuldades que seus pares masculinos. A minha investigação em torno do assunto envolverá situações que as mulheres artistas pixadoras enfrentam diariamente em suas trajetórias, através de relatos, entrevistas, vídeos, prints, artigos de jornal e revistas, entre outros, analisarei se, possivelmente, as artistas pixadoras sofrem com algum tipo de apagamento neste meio artístico subversivo em específico. No capítulo 2.1 adentrarei ao assunto ao trazer a questão do apagamento da mulher na história da arte e a exclusão delas dos meios urbanos como mote da discussão.

2.1 PIXAÇÃO X FEMINISMO

É necessário coragem para enfrentar questões que atravessam o coração e a alma. Coragem e força para falar sobre o que está nas entrelinhas, sobre o que é difícil enxergar. A periferia não tem vez na sociedade capitalista, que explora as(os) trabalhadoras(es) sugando tudo possível, inclusive a criatividade e o ser. Pintar um muro com tinta spray pode significar só sujeira e depredação para alguns, mas para quem está traçando um caminho para fora da jaula que foi criada em torno dos corpos dos trabalhadores e trabalhadoras periféricas, pode se tornar uma forma de expressão valiosíssima, tudo dependerá da intenção e objetivo colocado em cada intervenção. As ruas, os prédios e muros que nela existem possuem uma característica importante que deve ser levada em conta: ser de um, ser de todos, e ao mesmo tempo, de ninguém. Gostaria de poder dizer que a rua é um espaço onde todos aqueles que são oprimidos e apagados da sociedade burguesa podem ganhar voz, porém, a realidade não é essa. O debate de gênero não pode mais ser deixado de lado quando estamos falando sobre arte urbana. Primeiramente, é necessário entender que existe uma carga simbólica que o gênero carrega, como afirma Joan Scott, no fragmento retirado do livro *Pensamento Feminista*, de Hollanda

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” - a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (JOAN SCOTT, 2019, P.54).

Segundo a autora, o gênero possui uma carga simbólica em nossa sociedade, que leva a criação de papéis destinados a homens e mulheres, ideais sociais para cada um dos sexos. O papel da mulher na sociedade capitalista foi o de cuidadora do lar, dona de casa, mãe, destinada ao espaço privado, não cabendo a escolha de adentrar ao mercado de trabalho, desenvolver autonomia, ou ter acesso a outra realidade a não ser a de propriedade de uma figura masculina.¹⁷ A tempos que os corpos femininos têm sido condicionados ao espaço privado, no livro “O corpo feminino em debate”, Maria Izilda S. de Matos e Rachel Soihet (2003) trazem diversas

¹⁷ Apesar de não estar aqui fazendo também um recorte racial específico, a realidade das mulheres negras era e ainda é ainda mais difícil em comparação às mulheres brancas, por terem passado pelo fardo da escravidão durante muitos anos, a vida destas mulheres foi e ainda é cerceada pelo sistema capitalista, que as colocava em condições de exploração, levando-as a estado de marginalização.

referências e questões sobre a figura feminina, principalmente na Europa. Estes “princípios” ainda são muito adotados pela nossa sociedade hoje, no século XXI

Destacando o que a mulher tem por natureza aptidões para os cuidados com a infância e é responsável pela família, o discurso médico valorizou-a positivamente dentro do lar e ampliou os poderes femininos no privado, delegando-lhe um novo estatuto e fazendo com que as mulheres se reconhecessem dentro da esfera familiar. Porém, enquanto posicionava as mulheres no centro da família, privilegiava o papel dos homens no espaço público (cf. Luz, 1982; Nunes, 1982) (MARIA MATOS; RACHEL SOIHET, 2003, p. 125).

As autoras continuam

Na sua repetição e circularidade, reforça que as mulheres não foram feitas para as atividades públicas, ao contrário dos homens. Nesse discurso, identidade e diferenciação são faces de um mesmo processo permeado pelo poder, recuperando o arquétipo feminino e masculino: o homem urbano, imbuído de poder, deve civilizar e impor uma nova ordem, enquanto a mulher caberia outro perfil - passiva, submissa, recolhida à família e à maternidade, mas modelo da moralidade e dedicação (MARIA MATOS; RACHEL SOIHET, 2003, p. 126).

Ao analisar o trecho acima, fica ainda mais evidente qual foi o papel da mulher na sociedade capitalista, ao tornar-se refém de sua própria realidade pela falta de autonomia (nem social, econômica ou jurídica) para fazer as próprias escolhas. Segundo o Código Civil de 1916, até 1962, a mulher precisava da autorização do marido para trabalhar ou abrir uma conta em banco (MENEZES; CUNHA, 2019). Quando criança, a menina era propriedade da figura masculina da família, quando moça, era obrigada a se casar, depois de casada pertencia ao marido, destinada ao espaço privado, responsável pela criação dos filhos e pelo bem estar do esposo. Enquanto ao homem era atribuída a dedicação ao trabalho e a vida pública.

Infelizmente, ainda hoje, no Brasil, o direito de transitar pelas ruas da cidade a qualquer horário ainda é um privilégio masculino, exercer a liberdade de expressão e a autonomia é algo recente e não integral para as mulheres. O corpo feminino é visto como objeto e como propriedade masculina. Quando sozinha, ou seja, sem a companhia de um homem, a mulher torna-se um alvo¹⁸. É necessário coragem, como já havia mencionado aqui, para ir às ruas sendo mulher e periférica, pois a vulnerabilidade se torna muito maior. Em decorrência da nossa sociedade patriarcal

¹⁸ Jornal destaca que duas amigas foram assassinadas por estarem “viajando sozinhas” pela América Latina e terem se colocado em risco, quando na verdade elas não estavam viajando sozinhas, estavam na companhia uma da outra, o que elas não tinham era uma presença masculina. Acesso rápido através do link: <https://themis.org.br/por-que-mulheres-viajando-sozinhas-sao-um-problema-para-o-mundo/>

e subdesenvolvida, as mulheres, as pessoas negras e LGBTQIAPN+ ainda são o principal alvo de ataques quando saem de suas casas. A sociedade busca demonizar e culpar aquelas que saem nas ruas à noite. É comum escutar comentários como por exemplo: “Ela foi estuprada pois estava andando sozinha...” ou “Ela não estava usando uma roupa adequada, por isso foi assediada...”, ou, então, discursos do quanto deveríamos evitar fazer coisas que os homens fazem sem preocupação alguma, como viajar sozinha, voltar para casa bêbada, ir a shows e baladas desacompanhadas de companhia masculina, transitar pela cidade, usar a roupa que deseja etc. A intenção por trás desses discursos é colocar a mulher em posição de fragilidade, de forma com que o medo seja maior do que a vontade de transitar livremente. Virginie Despentes, feminista anarcopunk, escritora, em seu livro Teoria King Kong (2016), relata um estupro que sofreu juntamente a uma amiga, ao pedirem carona em uma cidade da Europa. Em um trecho do livro, a autora relata que após uma conversa com a feminista Camille Plagia, sua vida mudou completamente

Camille Paglia é, sem dúvida, a mais controversa das feministas americanas. Ela nos instigava a pensar o estupro como um risco inevitável, inerente à nossa condição de meninas. Uma liberdade incrível de desdramatização. Sim, havíamos saído de casa, alcançado um espaço que não era nos destinado. Sim, havíamos sobrevivido ao invés de morrer. Sim, usamos minissaias sem estarmos acompanhadas de um cara, de noite, sim fomos estúpidas e fracas em capazes de quebrar a cara deles, fracas comum meninas que aprendem a ser quando são agredidas. Sim, aquilo tinha acontecido conosco, mas, pela primeira vez, compreendíamos o que havíamos feito: tínhamos saído para rua porque, dentro da casa da mamãe do papai, nada interessante acontecia. Corremos o risco, pagamos o preço, e mais do que ter vergonha de estar nos vivas, poderíamos agora decidir nos levantar e nos recuperar da melhor forma possível. Plagia permitia que nos imaginássemos como guerreiras, não tanto responsáveis pessoalmente por por algo que havia buscado, mas vítimas ordinárias de alguma coisa que poderíamos esperar quando se é mulher e se deseja correr o risco de se aventurar do lado de fora (VIRGINIE DESPENTES, 2016, p. 35).

A reflexão de Despentes vai contra todo um discurso de nossa sociedade, o qual leva as mulheres a sentirem mais medo de andarem sozinhas, do que a viverem suas vidas livremente, sem depender que um homem as acompanhe. Além disso, essas mulheres, por muitas vezes, se culpam por buscar pela liberdade e quando sofrem algum tipo de violência, são acusadas por não terem tomado o devido cuidado ou chegam a ser acusadas de “estupro culposo”, como aconteceu com Mariana Ferrer e com muitas outras mulheres, no caso aqui já mencionado (SCHIRLEI ALVES, 2020). Dessa forma, a autora subverte completamente a situação e nos leva a refletir que devemos ocupar os espaços, independentemente se eles são destinados a nós

ou não, como forma de luta, resistência. Fazer arte na rua, sendo mulher, sozinha, é uma atitude punk, anarquista e extremamente subversiva. Mikki Kendall, autora preta, em sua obra “Feminismo na Periferia” (2022), comenta sobre como a cultura do estupro ainda é mais violenta com as mulheres que estão à margem

A cultura do estupro, num sistema que posiciona alguns corpos como “merecedores” de serem atacados, articula-se no ato de ignorar a maneira como as mulheres marginalizadas são maltratadas - seja mulheres de periferias, de reservas, imigrantes ou encarceradas. Devido aos seus corpos serem vistos como disponíveis e muitas vezes, descartáveis, a violência sexual é normalizada até mesmo quando as pessoas diminuem seu impacto frequente àquelas com mais privilégios. A cultura do estupro não surgiu do nada, ela é construída conciente e inconscientemente pelas normas sociais. É uma cultura que precisa que todos comprem a ideia de respeitabilidade como medida de segurança e; então, imediatamente, coloca todo e qualquer passo para fora desse padrão como digno de culpa por ter sido violentada (MIKKI KENDALL, 2022, p. 86).

O estupro é, infelizmente, um tipo de violência física, mas principalmente moral, pois as mulheres estão sujeitas a passar por inúmeros tipos de situações quando saem de suas casas, o que torna as pixadoras ainda mais vulneráveis, pois além das abordagens policiais, podem sofrer violência de pessoas que buscam defender seus patrimônios, dispostas a matar qualquer indivíduo que se aproxime de suas propriedades; elas ainda têm que lidar com a possibilidade de serem atacadas por estupradores e assediadores.

Além disso, existe a questão do privilégio racial, uma mulher branca está em privilégio em relação a uma mulher negra. Mikki Kendall (2022) salienta como o feminismo muitas vezes não consegue abarcar todas as implicações que deveria

O meu feminismo, assim como o da maioria, senão de todas as mulheres marginalizadas que têm um papel de feministas em suas comunidades, - mesmo quando não usam essa terminologia - é baseado na conscientização de como a raça, o gênero e a classe são coisas que podem afetar a minha oportunidade de receber educação, assistência médica; de manter um emprego; e de influenciar o tratamento que recebo de figuras de autoridade. Talvez seja devido a memória de uma professora branca, em que um acampamento de verão, que se recusou a acreditar que eu conhecia a palavra ‘auto-consciente’, ou as micro agressões que sofro em meu dia a dia, mas sei que ser uma garota negra do lado sul de Chicago faz com que as pessoas assumam certas coisas sobre mim. O mesmo acontece com qualquer um que existia que exista fora da ‘norma’ da classe média branca, heterossexual, magra, sem deficiência, etc. Nós todos temos que lidar com o mundo da maneira com que é, não como desejamos que ele fosse, e isso faz com que o feminismo idealizado, que foca nos problemas daqueles que já tem muito, seja província dos seus privilegiados (MIKKI KENDALL, 2022, p. 14).

Como afirma a autora, a desigualdade e injustiças ocorrem com as mulheres com maior intensidade dependendo de onde vivem, de suas classes sociais, condições biológicas e orientação sexual. Mikki Kendall (2022) explicita a necessidade de trabalhar com a realidade, sem idealizar ou romantizar o movimento feminista. É necessário compreender as diversas camadas que compõem este assunto, os diversos níveis de opressão. A pixação possui inúmeras narrativas que dialogam com estas questões, e uma delas é dar voz aos menos favorecidos, de modo a possibilitar a liberdade de expressão e reconhecimento do indivíduo, seja econômica, cultural ou socialmente. É necessário estar atenta às questões de gênero, que muitas vezes não recebe a devida atenção por parte dos pares masculinos e femininos do meio, e que não vem sendo discutida com profundidade pelo campo artístico e acadêmico. Uma vez que vi isso acontecendo, não consigo voltar atrás e “desver”, é preciso fazer algo com o que se viu, ainda mais quando se trata de uma questão de injustiça. Como cita Mikki Kendall (2022), “Não podemos nos dar ao luxo de fugir da raiva. Porque os fanáticos usam a raiva como instrumento político” (MIKKI KENDALL, 2022, p. 296). Nós, mulheres, não precisamos que tenham dó de nós para que se abra um espaço para discussão. A busca pela igualdade, pela justiça, se dá em passos contínuos e reflexões sobre cada atitude que está sendo tomada. O lugar de privilégio é a zona de conforto, e para que os homens tenham conforto, as mulheres têm perdido seu espaço de reconhecimento e paz a muito tempo. É exaustivo ter que lutar o tempo todo, dizer coisas óbvias, entrar em questões absurdas que já deveriam estar resolvidas - pelo menos nos grupos mais subversivos, as mulheres deveriam ter um pouco de paz, reconhecimento. Entretanto, não é assim que acontece, a opressão vem de todo lado o tempo todo, e de formas diferentes. No campo da arte, a exclusão social e de gênero que existem dentro das galerias e museus, acontece também, nas ruas

Infelizmente a visibilidade histórica das artistas mulheres não mudou muito até o presente século XXI, apesar da luta feminina pela ocupação igualitária dos espaços artísticos remontam o final do século XIX. Pois, a visibilidade social da artista ainda é potencialmente pálida se compararmos com os representantes da arte do sexo oposto. Cabe lembrar o manifesto do grupo Guerrilha Girls (2018) no Masp, ou na exposição do MON (2019) “Estamos Aqui”, tais exposições quantificaram a população imagética destes dois museus e, ficou evidente que, ambos os acervos destes dois imponentes museus do Brasil ainda é majoritariamente masculino (EDUARDA OLIVEIRA, 2021, p.13).

O grupo anônimo feminista das Guerrilla Girls, fundado em 1985, mapeia acervos de museus ao redor do mundo, o que evidencia a ainda pequena porcentagem de mulheres presentes nestes acervos e denota que as obras masculinas são, majoritariamente, nus femininos. Tamar Garb (1998), historiadora da arte, já havia apontado o apagamento das mulheres na história da arte ao observar grandes manuais artísticos, como: Hauser, Schip, Argan, Gombrich e Janson. É evidente a ausência de mulheres artistas, são raras (ou nenhuma) as figuras femininas apresentadas nesses manuais antes do século XX. Se formos analisar, através do artigo de Linda Nochlin (2016) “Porque não houve grandes mulheres artistas?” fica mais clara esta questão

Na realidade, nunca houve grandes mulheres artistas, até onde sabemos, apesar de haver algumas interessantes e muito boas que ainda não foram suficientemente investigadas ou apreciadas, como não houve também nenhum grande pianista de jazz lituano ou um grande tenista esquimó, e não importa o quanto queríamos que tivesse existido. É lamentável que seja esse o caso, mas nenhum tipo de manipulação de evidência histórica e crítica vai alterar a situação, nem acusações de distorções machistas sobre a história. Não existem mulheres equivalentes a Michelangelo, Rembrandt, Delacroix, Cézanne, Picasso ou Matisse, ou mesmo nos tempos recentes, a Kooning ou Warhol, assim como não há afroamericanos equivalentes dos mesmos. Se existisse um grande número de mulheres artistas escondidas, ou se deveríamos ter diferentes padrões para a arte das mulheres em oposição à arte dos homens – e não se pode ter os dois – então pelo o que estariam lutando as feministas? Se as mulheres de fato tivessem alcançado o mesmo status que os homens na arte, então o status quo estaria bem. (LINDA NOCHLIN, 2016, p. 8).

No trecho acima, a autora afirma que não houve grandes mulheres artistas, evidentemente, na história da arte, pois nos grandes manuais artísticos, a presença feminina não existe. Ela continua

Porém, na realidade, como todos sabemos, as coisas como estão e como estiveram, nas artes, bem como em centenas de outras áreas, são entediantes, opressivas e desestimulantes para todos aqueles que, como as mulheres, não tiveram a sorte de nascer brancos, preferencialmente classe média e acima de tudo homens. A culpa não está nos astros, em nossos hormônios, nos nossos ciclos menstruais ou em nosso vazio interior, mas sim em nossas instituições e em nossa educação, entendida como tudo o que acontece no momento que entramos nesse mundo cheio de significados, símbolos, signos e sinais. Na verdade, o milagre é, dadas as esmagadoras chances contra as mulheres ou negros, que muitos destes ainda tenham conseguido alcançar absoluta excelência em territórios de prerrogativa masculina e branca como a ciência, a política e as artes (LINDA NOCHLIN, 2016, p. 8).

Como cita Linda Nochlin (2016), a culpa não é de nossos hormônios, nem de nossos ciclos menstruais, ou de nosso “vazio interior”, como muitos continuam a

afirmar em seus discursos subdesenvolvidos, de modo a diminuir nossa criatividade e nosso trabalho. O apagamento da mulher na história da arte (e também em outros setores), se dá por conta de nossa sociedade patriarcal e racista, que discrimina, esconde, diminui o potencial feminino.

Posteriormente, na esteira de pensamentos, no capítulo 2.2 trarei os relatos, vídeos e fontes que coletei para debate. Por fim, de modo a encerrar o capítulo 2, o subtópico 2.3 terá enfoque no filme “URUBUS” (2023), lançado recentemente por artistas da pixação. Neste momento, refletirei as questões de gênero e do meio do pixo, que envolvem este documentário fictício. Já no capítulo 3, apresentarei a seleção de artistas pixadoras e as entrevistas realizadas com cada uma delas. Os critérios de seleção destas artistas foram suas atividades no meio da pixação: artistas com uma trajetória dentro do meio e que ainda estivessem ativas em suas produções, artistas com destaque nas ruas entre seus pares pelas suas atuações constantes dentro do movimento do pixo. Pedi para que realizassem relatos sobre suas trajetórias no meio da pixação, através dos quais será possível compreender a realidade das artistas pixadoras de forma mais aprofundada, além de promover e reconhecer a arte das mulheres pixadoras no meio acadêmico.

2.2 “NENHUMA AGRESSÃO FICARÁ SEM RESPOSTA”¹⁹

A estrutura patriarcal se faz presente em todas as áreas, até nos campos mais subversivos, nos quais os artistas não aceitam enquadrar-se dentro dos meios artísticos formais, ou mesmo aceitar as dinâmicas governamentais e jurídicas. A construção de uma trajetória nas ruas leva tempo, mas o reconhecimento não é algo que vem da mesma forma para as manas e os manos. Infelizmente, existe um machismo instaurado, os trabalhos das minas são recorrentemente desvalorizados pelos pares masculinos e, muitas vezes, suas capacidades são contestadas por eles. Bruna, com codinome na pixação de “MINA LOUCA”, no documentário “Pixadores: Na revolta de Paraisópolis” (2020), realizado pela Revista Vaidape, afirma que se uma mulher é abordada pela polícia (leva um enquadro), elas apanham da mesma forma que os homens. Além disso, afirma que muitas vezes as pessoas desmerecem o trabalho feminino, desacreditados que foram elas mesmas que fizeram

¹⁹ Analogia a um lema anarcofeminista contemporâneo.

No caso se a gente tomar um enquadro, a gente vai apanhar, a gente vai tomar prejuízo porque a gente é mulher né? Os outros desafia, desacredita, porque eu faço corda²⁰, então os outros falam “Ah não é ela!” ... Desmerece muito, demais (VAIDAPE, 2020).

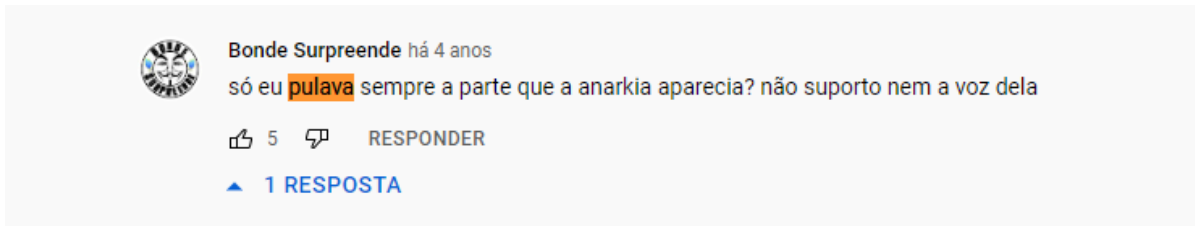
No mesmo documentário, 4 homens pixadores estão presentes, e somente uma mulher, que no caso é a Bruna. O caso se repete no documentário “Luz, Câmera, Pixação”²¹, em que a única figura feminina que aparece é Panmela Castro. Castro, também conhecida na pixação pelo nome “Anarkia Boladona”, é uma artista carioca, frequentou a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, formou-se em Pintura e a temática dos seus trabalhos recorrem ao corpo feminino. A artista fundou a Rede Nami, um projeto focado em mulheres afrodescendentes (muitas delas, vítimas de violência) para a promoção de suas artes, onde são realizadas rodas de conversas e aulas sobre Graffiti. Por meio desta linguagem visual, Panmela enseja contribuir com uma forma de visibilidade e retomada da autoestima das mulheres negras que, em geral, estão inseridas numa sociedade majoritariamente racista e machista. A artista também fez parte do grupo de pixação “AR” que significa: “Amantes do Rabisco”, os artistas que faziam parte eram “consagrados” no meio da pixação. Ela relata de que forma isso foi importante para seu desenvolvimento como artista no meio da pixação, porque foi com o grupo (no qual a grande maioria eram figuras masculinas) que ela compreendeu melhor sua própria individualidade e pôde refletir sobre sua sexualidade, relações afetivas etc. (EDUARDA OLIVEIRA, 2021).

O documentário foi postado na plataforma Youtube e possui, nos comentários do vídeo, insultos misóginos a Panmela Castro. Infelizmente, o que incomodou os homens, neste caso, não foi o fato de existir somente uma mulher a ser escolhida para participar do documentário, mas que ela estava “falando demais”, ou reprovando-a por pixar um determinado local, sendo que a pixação é exatamente pixar onde não se deve.

²⁰ Quando a artista afirma fazer “corda” isso quer dizer que ela pratica a modalidade rapel.

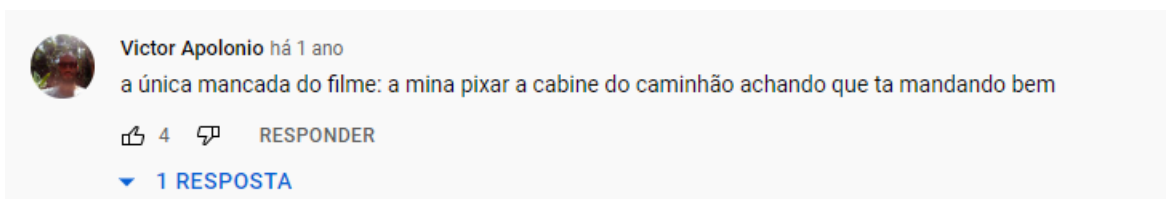
²¹ Pode-se acessar o documentário “Luz, Câmera, Pixação” rapidamente através do link disponível: https://www.youtube.com/watch?v=b_MB_CmhjUQ.

FIGURA 34 - PRINT 1: Insultos à artista Panmela Castro nos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, PICHANÇA!”²²



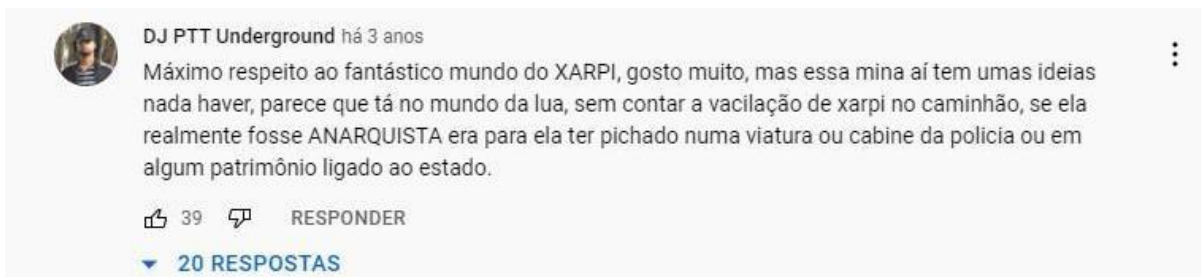
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=b_MB_CmhjUQ, 2019.

FIGURA 35 - PRINT 2: Insultos à artista Panmela Castro nos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, PICHANÇA!”



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=b_MB_CmhjUQ, 2022.

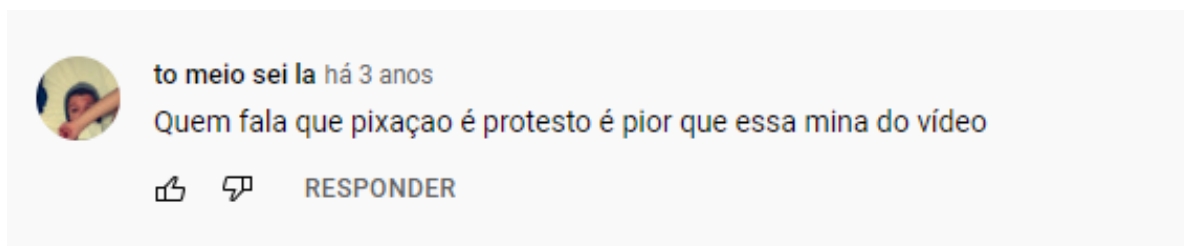
FIGURA 36 - PRINT 3: Insultos à artista Panmela Castro nos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, PICHANÇA!”



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=b_MB_CmhjUQ, 2020.

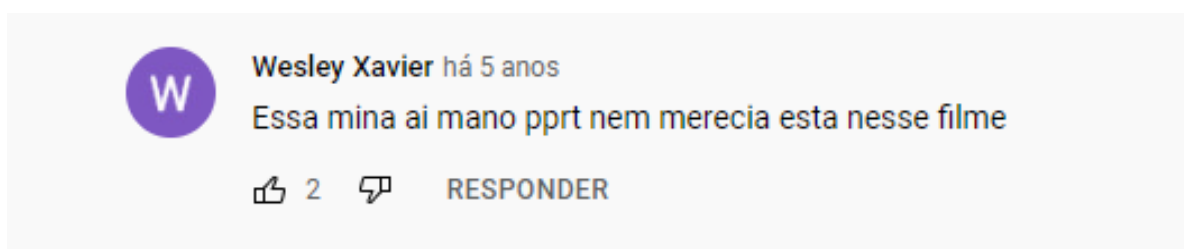
²² Todos os prints foram feitos dos comentários localizados no link do filme Luz, Câmera, Pichação! Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b_MB_CmhjUQ&t=133s, Acesso em: 03/12/2022.

FIGURA 37 - PRINT 4: Insultos à artista Panmela Castro nos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, PICHANÇA!”



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=b_MB_CmhjUQ, 2020.

FIGURA 38 - PRINT 5: Insultos à artista Panmela Castro nos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, PICHANÇA!”



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=b_MB_CmhjUQ, 2018.

Os prints acima foram coletados a partir dos comentários do vídeo do Youtube “Luz, Câmera, Pichação!”, e, como é possível observar através dos nomes, é possível supor que estes comentários são comentários feitos por homens. No Print 1, o usuário do Youtube “Bonde Surpreende” comenta sobre a voz de Panmela Castro, comentário típico de misoginia “Só eu pulava sempre a parte que a anarkia aparecia? não suporto nem a voz dela”. É comum que os homens busquem características nas mulheres para diminuir o que elas estão dizendo (COELHO; GUERRA; CAETANO, 2016). No comentário seguinte, Print 2, o usuário do Youtube Victor Apolonio comenta “A única mancada do filme: a mina pixar a cabine de um caminhão achando que está mandando bem”, em algum momento do filme, Panmela Castro pixa a cabine de um caminhão, nesta cena não há como saber de quem é o caminhão, se ele tem dono ou não, se é de uma empresa, pessoa, ou se está abandonado. O fato é que não só neste comentário, mas também no Print 3, em que o usuário DJJ PTT Underground, que comenta “Máximo respeito ao fantástico mundo do XARPI²³, gosto muito, mas essa mina aí tem umas ideias nada haver, parece que tá no mundo da lua, sem contar

²³ XARPI (palavra “pixar” invertida) é uma estética da pixação da cidade do Rio de Janeiro.

a vacilação de xarpi no caminhão, se ela realmente fosse ANARQUISTA, era pra ela ter pichado uma viatura ou cabine da polícia ou algum patrimônio ligado ao estado.” Novamente, contesto o comentário, a partir do momento em que os comentaristas não sabem de quem é o caminhão e estão fazendo um julgamento sem embasamento perante o ato da artista.

Anarkia Boladona pixou diversos lugares da cidade do Rio de Janeiro e, quando era pixadora, construiu uma caminhada sólida nas ruas, por isso é conhecida até hoje, ainda que atualmente realize somente o graffiti. Panmela Castro possui mestrado em Arte, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, em sua dissertação intitulada “A arte de Anarkia Boladona e outras questões sobre o graffiti” (2013), a artista comenta sobre sua experiência com os pares masculinos da pixação. Ela afirma que, apesar de muitas vezes ser algo desafiador, ela se sentia especial com a sensação de pertencimento

...mesmo após 20 anos de experiência do movimento da pichação na cidade do Rio de Janeiro, distantes eram as lembranças de outras mulheres que escreviam seus nomes pela cidade-suporte e as que subiam como alpinistas urbanas, como eu vinha fazendo. Estes dados eram desconhecidos. Este ponto explica o porquê do estranhamento dos rapazes em me ver como uma deles e isto eu gostava, porque, apesar de dificultar minha inserção no grupo, me tornava alguém especial (PANMELA CASTRO, 2013, p.30).

A artista, no documentário, não está no “mundo da lua”, ela está falando sobre a produção poética, sobre suas experiências e relação com a pixação. Já no Print 4, o usuário do Youtube “to meio sei la” comenta: “Quem fala que pixação é protesto é pior que essa mina do vídeo”, no Print 5 o usuário “Wesley Xavier” comenta “Essa mina ai mano pprrt nem merecia estar nesse filme”. Pude identificar que todos os comentários negativos são destinados a Panmela Castro. Apesar de grande parte do filme apresentar artistas masculinos e a única artista mulher entrevistada ser Panmela Castro, não existe comentário negativo algum em cima da fala ou ato de qualquer um deles. (COELHO; GUERRA; CAETANO, 2016). A produção de fontes audiovisuais sobre pixação evidencia a ausência visibilidade feminina neste meio, em documentários que possuem trânsito no meio da arte urbana, como o documentário o “PIXO”, já citado anteriormente, o “Luz, câmera, pixação”²⁴ e “Cidade Cinza”²⁵, a presença feminina é minoritária, e em outros documentários nem sequer são

²⁴ A única participação feminina foi a da pixadora e grafiteira Panmela Castro.

²⁵ A única participação feminina foi a da grafiteira Nina Pandolfo.

mencionados nomes femininos, como no documentário curitibano “Pixo na Cidade Modelo” (2023) e o filme “Pixadores” (2014).

Em uma entrevista para a Elástica UOL, em 2021, a pixadora Caroline Pivetta da Mota, presa na Bienal de 2008, a única pixadora feminina que aparece dando depoimento no documentário “PIXO”, reconhece que sofria com situações de machismo, porém que naquela época era pouquíssimo comentado

Eu não vou dizer que não sofri machismo porque sofri, mas não tinha consciência de que era isso, a gente tinha o costume de ser menosprezada o tempo todo e aceitar. Agora, entendemos que podemos fazer as mesmas coisas que os homens e que somos iguais (BEATRIZ LOURENÇO, 2021 s.p.).

Carol Susto’s relatou, em entrevista para a autora desta dissertação, que enfrentou diversas vezes casos de machismo e misoginia por parte dos pares masculinos do meio do pixo. Caroline Pivetta da Mota entrou para o grupo de pixo “SUSTO’S” em 2008, através de um convite de um colega, o grupo já estava ativo nas ruas desde 1996. Ao entrar, logo começou a pixar “SUSTO’S C.”²⁶ nos mais diversos bairros da grande São Paulo. Após ter feito várias pixações na cidade carregando o nome do grupo, os participantes decidiram que Carol Susto’s deveria sair, pois, de acordo com eles, ela não estava contribuindo com sua participação. Carol afirmou que não pararia de pixar SUSTO’S ao menos que eles anunciassem a todos um motivo plausível para sua retirada (BEATRIZ LOURENÇO, 2021). Os conflitos foram vários ao longo dos anos, segundo relatos da artista, ela afirma que adoeceu com tantos comentários misóginos e ataques

No início eu adoeci... eu trampo com cozinha né? E eu trampava fazendo os rangos e chorando em cima das comidas, né meu? Porque aquilo me abateu muito, eu não consegui acreditar que os cara só conseguiam querer me afastar, ao invés de ter orgulho de ter uma mina tão interessada em manter o nome aceso igual eles. Por qual motivo? (BEATRIZ LOURENÇO, 2021).

A artista continua

Eu fiz a mesma pergunta pra ele, ‘Seguinte, o que você agrega para o nome “SUSTO’S”?’ Eu tenho mil pontos para citar do que eu fiz de bom com esse nome, para valorizar isso. Se vocês conseguem hoje vender um moletom por 200 reais, 300 reais (...) é porque alguém mantém um marketing para vocês aceso, né? Quem mantém o marketing dessa marca sou eu. Então eu também te pergunto, eu não ganho nada com esse corre de vocês e eu ainda faço propaganda mano, sabe? Por isso rolou de eu falar desse assunto que

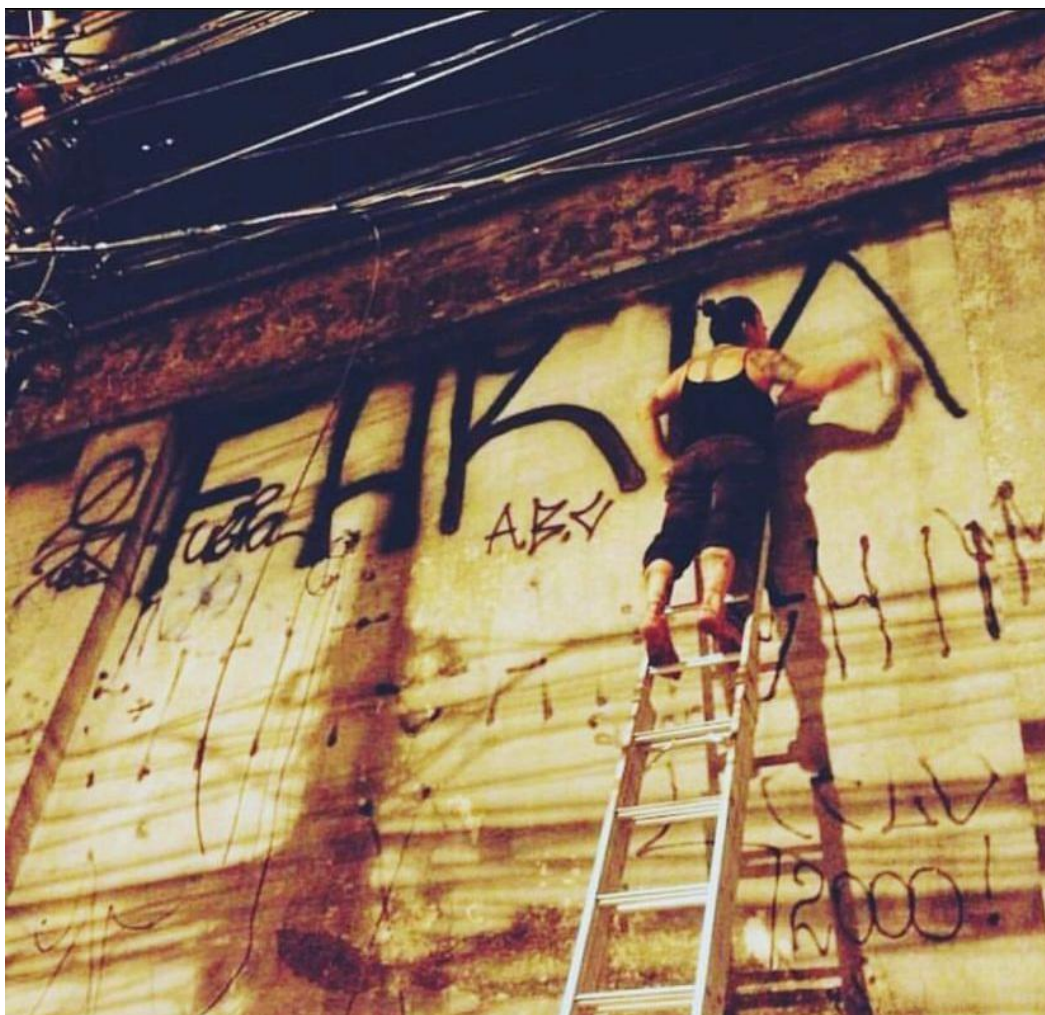
²⁶ O “C.” que Carol pixava fazia referência a seu nome, é uma forma dos outros pixadores do grupo identificarem que foi ela quem fez e assinou o pixo, já que outras pessoas também assinam “SUSTO’S”.

eu estou falsificando meu próprio nome. E isso me adoeceu, eu fiquei dias tendo crises de ansiedade, ou eu não comia nada, ou eu comia demais, ou eu não dormia, sentia medo de entrar no ônibus, ficava com medo dos meus colegas de trabalho, eu só pensava nessas coisas. Cheguei a ter que tomar remédio, pra acalmar o coração... pra você ver como essas coisas mexeram com a minha vida né? (BEATRIZ LOURENÇO, 2021, s.p.).

O relato da artista é que, após estes ocorridos, isso também lhe gerou crises de ansiedade e crises de pânico. Como já mencionado anteriormente, Carol Susto's foi a única a ser presa após o ocorrido da Bienal de São Paulo de 2008 e, na ocasião, ela não delatou nenhum de seus colegas pichadores. Além de ter uma sólida e longa caminhada nas ruas, Carol Susto's afirma que é ela quem levantou o nome "SUSTO'S", mas que ao mesmo tempo não recebe absolutamente nada por isso.

O caso de Carol Susto's não é único, algo muito parecido aconteceu com Bia Fúria, pixadora da cidade de São Paulo desde 1998, a qual também teve desavenças com os pichadores que fazem parte do grupo de pixo "Fúria". Este grupo já tinha caminhada pelas ruas quando Bia foi convidada a entrar, em 2002, após conhecer um dos integrantes do grupo. Na época em que ela começou a pixar, não existia internet, então a única forma de ser reconhecida nas ruas era pixando o máximo possível. A artista, como sempre, estava disposta a encarar os desafios que a rua a apresentasse, fez muitas pixações em um curto período, em cerca de 1 ano Bia Fúria afirma, em entrevista para a autora desta dissertação, que recebeu destaque dentre os pares (BIA FÚRIA, 2023). Em 2004, ocorreu um desentendimento entre a pixadora e os integrantes do grupo, que não queriam mais que ela pixasse "Fúria". No ocorrido, Bia Fúria chegou a ser agredida por um deles, porém, como já tinha uma longa caminhada com seu nome no pixo, resolveu continuar a pixar o nome do grupo. Bia relata, na mesma entrevista, que ela sempre teve um grande destaque, por ser a pessoa do grupo que provavelmente mais fazia pixos carregando o nome, isso muitas vezes incomodava os integrantes do grupo, que se sentiam acuados por seu protagonismo (BIA FÚRIA, 2023).

FIGURA 39: BIA FÚRIA



Fonte: Acervo pessoal da artista.

Em 2022, os integrantes do grupo tiveram outra desavença com a artista, no episódio, eles afirmaram que ela não estava contribuindo com o nome Fúria, no dia do ocorrido, os integrantes colocaram um comunicado nas redes sociais, após bloquear a artista de todas as redes, para comunicar que ela estava “espurrada”²⁷ do pixo. Bia comentou em suas redes que continuaria a pintar o pixo nas ruas, depois de tantos lugares que já havia feito, ela não pararia de pixar, porém decidiu que ia “separar o pixo”²⁸. A referida afirmou em suas redes sociais e para a autora desta dissertação que sofreu ataques misóginos sobre sua maneira de vestir-se. Na medida em que os integrantes do grupo não conseguiram dar um motivo plausível para a sua

²⁷ Ser “espurrada (o)” de um grupo de pixação significa que os integrantes do grupo decidem que aquela pessoa não faz mais parte do bando, por tanto não deve mais pixar o nome dele.

²⁸ “Separar o pixo” significa que a artista continua pintando o nome do grupo nas ruas mesmo não fazendo mais parte do grupo, mas por uma questão de trajetória, nome e poética, a artista opta por continuar fazendo o nome mesmo sem compactuar com as ideias do grupo.

retirada, afirma que este episódio a levou a níveis de estresse elevados, chegando a ter crises de ansiedade²⁹

Parecia que estava mexendo em um tesouro meu(...) aquilo me fez muito mal! Era meu aniversário no outro dia... Eu virei notícia no movimento da pixação. As pessoas que são de fora não tem noção de como é, são muitas pessoas, não só no estado de São Paulo, mas no Brasil todo. Eu fiquei incomodada de tanta gente estar falando sobre mim. Com isso, pegaram fotos, vídeos que estavam no meu story³⁰ e começaram a editar e fazer figurinhas, algumas delas não muito legais, isso acabou comigo, ser ridicularizada... (BIA FÚRIA, 2023).

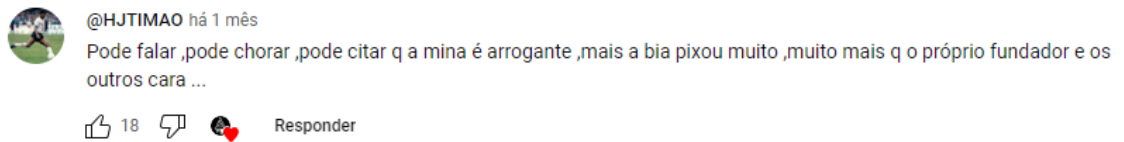
A artista comenta na citação acima a dificuldade que enfrentou em tal episódio, em que utilizaram da sua imagem para fazer piadas de mal gosto e com tom sexual. Apesar destas questões, a pixadora afirma que entende que este comportamento não diz sobre ela, mas sim sobre pessoas do movimento que não conseguiram o reconhecimento que desejavam e buscam de alguma forma serem vistos. Dessa forma, atacam e diminuem o corre dela, especialmente, por ela ser mulher, pois provavelmente, segundo a artista, se fosse um homem que ganhasse a mesma visibilidade, nenhuma destas questões teriam ocorrido. Atualmente, Bia Fúria é estudante de direito, mãe, e afirma que continuará pixando independente do que aconteça.

Agora um relato meu: conheci o pixo da Bia em 2020, e muito tempo depois eu descobri que o “Fúria” era um grupo, inicialmente, achei que era somente a Bia que pixava este nome. Em um comentário de um vídeo Youtube, um podcast chamado “Pizza com Graffiti” que Bia Fúria fez parte, houve diversos comentários positivos, um deles foi este, onde o usuário “@HJTMAO” afirma que Bia pixou muito mais que os outros indivíduos do grupo (GRAFFITI, 2023).

²⁹ Precisamos refletir sobre o estado mental das mulheres do meio da arte da pixação e do graffiti, que por muitas vezes passam por este tipo de situações que abala a saúde emocional destas artistas, este não é o primeiro relato sobre saúde mental prejudicada que observo no meio, na LIVE feita pelas grafiteiras @graffitimulherculturaderua (MEDEIROS, 2022) as grafiteiras relatam também o abalo na saúde mental que estas situações causam.

³⁰ Story é uma ferramenta que tem dentro da plataforma da rede social Instagram, nesta ferramenta, o vídeo ou a foto postada fica disponível durante 24 horas.

FIGURA 40 - PRINT Youtube Podcast Pizza com Graffiti com Bia Fúria



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CGEMA8Um77E>, 2023.

Em uma entrevista concedida ao Real Corre da Rua³¹, a artista comenta sobre situações de machismo que ela sofreu durante a sua caminhada na pixação. Ela comenta que quando começou a pixar, não existiam muitas mulheres no corre, mas a mulher que a inspirou foi Dinha³² que pixava "Absolutas", pois ela fazia em lugares mais altos como prédios. Na entrevista, Bia aponta os comentários que os pares masculinos da pixação fazem sobre o corre das meninas, em que muitas vezes a mulher é vigiada pelos pares e tornam sua vida sexual pauta de discussão

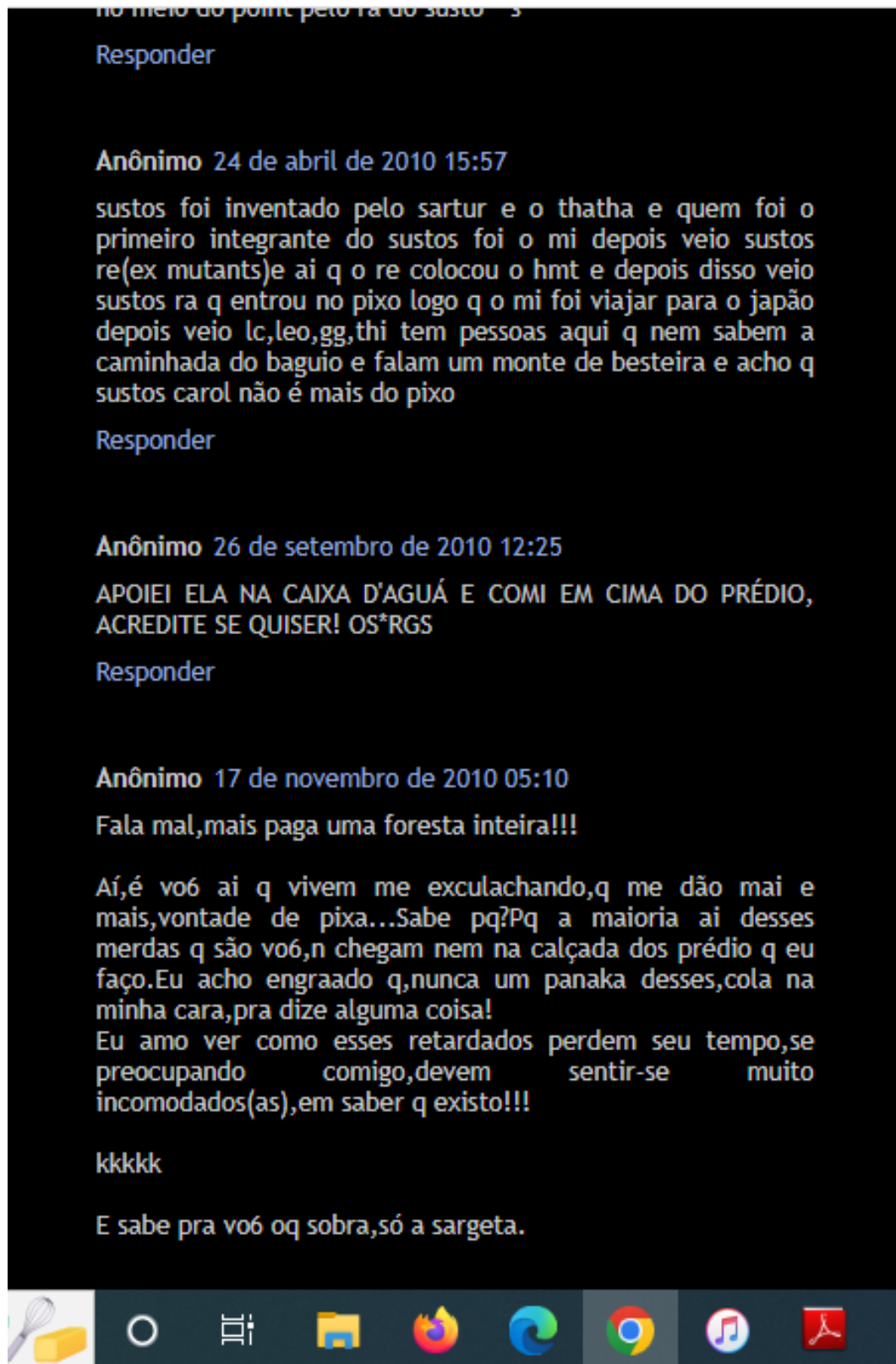
Na pixação tem muito isso de falar da vida dos outros, ainda mais quando você é mulher, puta que pariu, como o povo cuida da sua vida, você sai pra pixar com alguém, pronto, "já pegou", até hoje, desde quando comecei a pixar era assim, até hoje não muda. É um bagulho machista tão zoado que acho que não vai sair nunca. Acho que é algo que está enraizado no movimento e não vai sair nunca isso (RUA, 2022, s.p.).

Este argumento da artista é bastante verdadeiro, em uma das pesquisas que realizei na internet sobre o tema, encontrei entrevistas de um blog de 2008, em que a entrevistada era Carol Susto's. Li a entrevista e, ao finalizar, rolei a página para observar os comentários feitos, deparei-me com comentários bastante misóginos, segue a fio

³¹ Acesso rápido através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=FtB55H3C8dA>

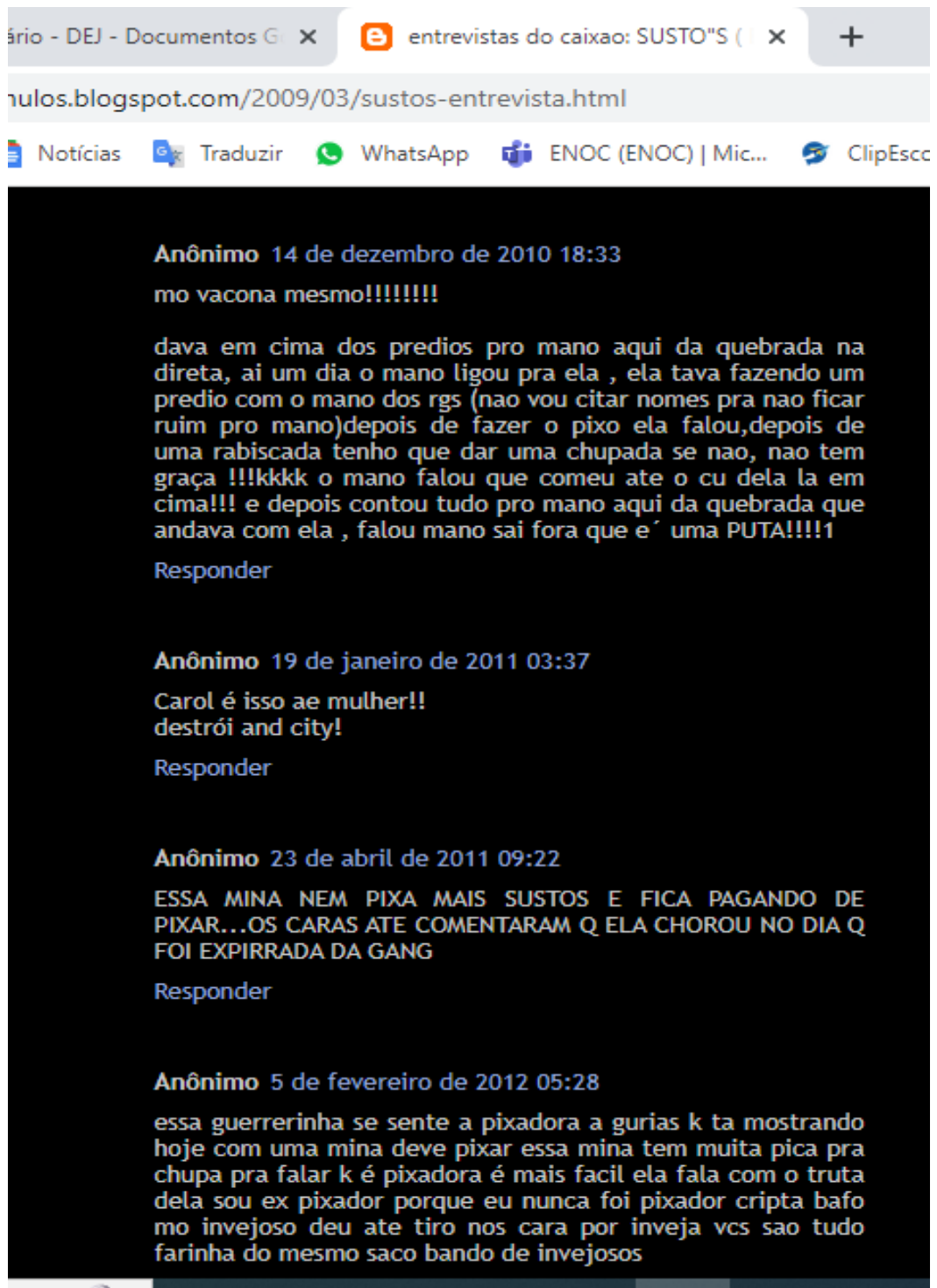
³² Dinha Absolutas foi espancada até a morte pelo companheiro, segundo relatos.

FIGURA 41 - PRINT 1: Comentários do blog “Entrevistas do Caixão” à artista Carol Susto”s.



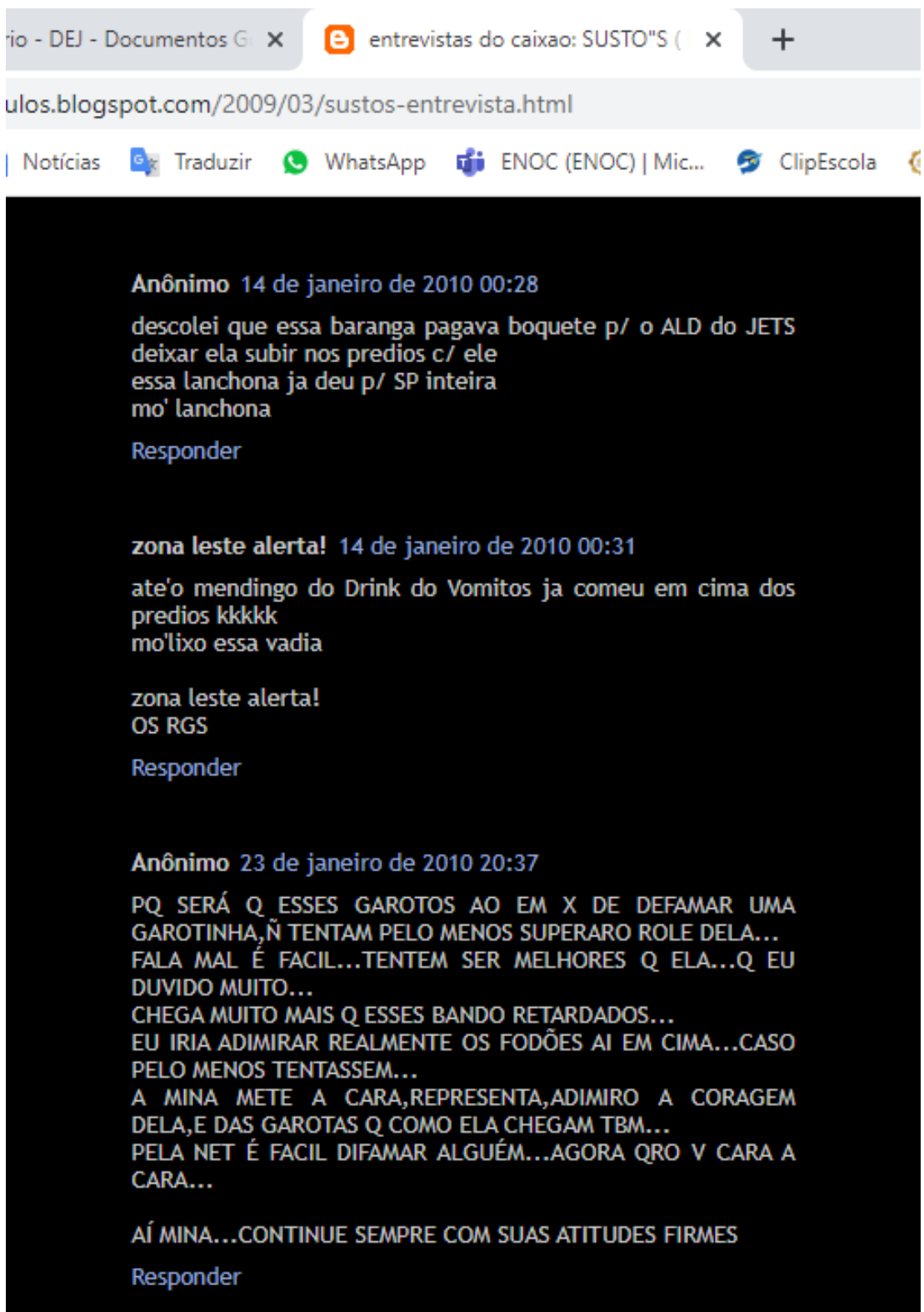
Fonte: <http://entrevistastumulos.blogspot.com/2009/03/sustos-entrevista.html>, 2008.

FIGURA 42 - PRINT 2: Comentários do blog “Entrevistas do Caixão” à artista Carol Susto”s.



Fonte: <http://entrevistastumulos.blogspot.com/2009/03/sustos-entrevista.html>, 2008.

FIGURA 43 - PRINT 3: Comentários do blog “Entrevistas do Caixão” à artista Carol Susto”s.



FONTE: <http://entrevistastumulos.blogspot.com/2009/03/sustos-entrevista.html>, 2008.

Infelizmente, fica evidente que os comentários sobre o corpo e a vida sexual das mulheres é sempre colocado em pauta pelos pares masculinos, os adjetivos

“baranga”, “vacona”, entre outros, são comumente usados pelos homens para atacar mulheres. Além disso, afirmações como “já comi ela...” ou “tem muita pika pra chupar pra dizer que é pixadora” são formas de colocar a mulher em posição subserviente e desonrar sua imagem, pois o ato sexual é visto como prestigioso somente para as figuras masculinas, de forma que a mulher deve comportar-se, caso contrário, ela não merece respeito. Na esteira de reflexões em torno da imagem da figura feminina, Naomi Wolf, em seu livro “O mito da beleza” (1992), relata sobre como a beleza e os padrões normativos que são impostos aos corpos femininos funcionam em nossa sociedade, no capítulo “O sexo”, Naomi Wolf (1992) salienta

Quando a romancista Margaret Atwood perguntou a mulheres o que elas mais temiam dos homens, elas responderam que tinham medo que eles as matassem. Quando fez a mesma pergunta aos homens com relação às mulheres, eles responderam que tinham medo que elas rissem deles. Quando os homens controlam a sexualidade feminina, eles ficam a salvo da avaliação sexual (NAOMI WOLF, 1992, p. 202).

As falas masculinas em torno da sexualidade das mulheres, segundo a autora, é uma forma de controle, pois, desta maneira, ficam a salvo da avaliação sexual que elas poderiam fazer em relação a eles. Consequentemente, o papel da mulher na sociedade contemporânea fica sempre em subserviência aos caprichos masculinos, que utilizam a vida sexual feminina como forma de dirigir ataques gratuitos a seu caráter, ao trazer a ideia de que se a mulher faz sexo com “qualquer um”, ou então se ela vive cercada por homens, não merece ser respeitada. Por isso, o caminhar nas ruas, expor-se ao espaço público é algo tão subversivo para as mulheres, pois estar nas ruas significa usufruir da liberdade a qual não as foi destinada, e que ainda não as é destinada, pois ainda sofrem ataques constantes, sejam eles físicos, verbais, psicológicos etc. No livro Flâneuse, a autora Lauren Elkin (2022) afirma

E é no centro das cidades que as mulheres se afirmam, mergulhando neste coração urbano e andando por onde não deveriam. Andando onde outras pessoas (homens) andam sem suscitar comentários. Esse é o ato transgressor. Sendo mulher, a gente não precisa ficar perambulando com uma jaqueta de nylon para ser subversiva. Basta sair de casa (LAUREN ELKIN, 2022, P. 32).

De fato, perambular pela cidade sendo mulher, ainda mais na parte da noite, é um ato de subversão, é uma afronta estar em espaços majoritariamente masculinos, espaços em que os corpos femininos se tornam alvo de violência.

Ataques misóginos foram feitos a Bia Fúria, assim como a Carol Susto's, e não somente com elas. É algo recorrente no meio. A entrevistadora do podcast mencionado anteriormente (Real Corre da Rua), chamada Fernanda, comenta "O universo da pixação ainda é muito careta né?" Bia Fúria responde: "Não é careta não, é machista mesmo". Em uma entrevista que Bia Fúria concedeu a autora deste trabalho, ela afirma que as mulheres do meio sofrem muito assédio, além de serem denominadas "putas" ou "vagabundas" muitas vezes pelos pares masculinos

No movimento você sofre um assédio do caralho, quando você começa a pixar e ganha uma notoriedade... hoje em dia você nem precisa ter notoriedade, só de você ser uma mina e começar a pixar, o que aparece de homem em cima de você te chamando para fazer rolê, é impressionante! E o mais foda ainda é que você vê cara de 40, quase 50 anos chamando mina de 15, 16 anos pra ir pro rolê, ainda eles dão ideia nessas minas, só que elas não podem falar nada, porque se falarem alguma coisa é "vagabunda", é "puta", "ai queria me dar e eu não quis comer", é isso que eles falam, né? (BIA FÚRIA, 2023).

Fernanda, que também é pixadora, comenta sobre as questões machistas afirma "Foda né, que além de você ter que fazer o rolê que já é mó treta, porque é essa né? É esse o desafio, você ainda tem que ficar provando para o próprio movimento." Neste momento, com o argumento de Fernanda, fica ainda mais evidente o duplo enfrentamento que as mulheres precisam travar: o primeiro, em relação a sociedade, que busca oprimir, repudiar, moldar o comportamento das mulheres; em seguida, elas recorrem a arte de rua como forma de reivindicação, mas o que acontece é que o próprio movimento da rua faz uma segunda opressão em torno delas. Por isso, devemos refletir sobre o que vem sendo apresentado nos meios acadêmicos e artísticos em relação ao pixo. O estereótipo de que a pixação é um movimento "anarquista", que reivindica espaço para os excluídos, torna-se hipocrisia ao diminuir a caminhada das mulheres.

Paloma, pixadora de São Paulo, codinome "Sujeitas" na pixação, no podcast "Real Corre da Rua"³³ também expõe sobre o crescimento do número de mulheres no meio do pixo. A artista comenta que existiam várias meninas que pixavam, mas que antes não existia um "acesso" a elas, como existe hoje. Paloma Sujeitas afirma: "Parecia ser muito individual, parecia que só podia ter uma mina na banca dos caras." (RUA, 2021). Em seguida, Fernanda, já citada aqui anteriormente (ela é quem conduz o podcast, juntamente com o Negro MIA), afirma que também consegue perceber

³³Acesso rápido através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=ULcirwYjL0&t=3938s>.

esta configuração - no caso, as duas estão afirmando que em cada griff, era comum que houvesse no máximo uma mulher integrante, não uma mescla de homens e mulheres. Paloma Sujeitas³⁴ afirma que hoje ainda existem muitos casos assim, mas muita coisa mudou. A artista é a criadora do encontro “Grapixurras das minas”³⁵, no qual ela encontra um muro no intuito de que as meninas passem o dia pintando suas letras da pixação, só que em uma outra estética, como se fosse uma mistura de graffiti com pixação, o “grapixo”. Não é uma regra que todas façam este tipo de pintura, elas também fazem desenhos além de letras. O intuito do encontro é promover o contato e o compartilhamento da arte das mulheres no meio da pixação e visibilizar a arte destas mulheres, que muitas vezes estão à margem dentro do próprio movimento que é composto por uma quantidade massiva de figuras masculinas (RUA, 2022).

³⁴ Sujeitas é o codinome de Paloma dentro da pixação. Segundo a artista, ela escolheu este nome pois quando era abordada pelos policiais e estava com homens, como os policiais não podiam revistá-la por ser mulher (a lei não permite que um policial homem reviste uma mulher), pediam para que ela ficasse de fora da revista, então falavam “vá para lá, Sujeitinha” (RUA, 2022).

³⁵ Acesso rápido através do link: <https://www.instagram.com/grapixurrasdasminas/>.

FIGURA 44 - Grapixurras das minas/ 2019/ 2ª edição



Fonte: Fotografia: @cristhiane.evangelista, 2019.

Paloma é questionada por Fernanda sobre os perigos que a pixação oferece e revela acreditar que as coisas estão ainda mais perigosas nos dias de hoje

Acho que agora é mais perigoso sair para a rua, porque antigamente você não via muito de polícia matar pixador. O risco na verdade, para a mulher sair na rua sozinha, é normal, de dia já é difícil, então você sempre pensa duas vezes, pois não é só a polícia que está na rua, tem gente louca que está na rua também (RUA, 2022).

Além dos riscos de estar na rua sendo mulher (risco de assédio, estupro e outros tipos de violência), os problemas com a polícia, os prejuízos sociais que a pixação pode trazer são diversos. Paloma Sujeitas afirma, na mesma entrevista, que chegou a perder o emprego depois de cair com a polícia³⁶ e aparecer na televisão. Segundo a artista, seu nome e sua imagem foram transmitidos em TV aberta sem sua autorização e, por consequência, fez com que fosse demitida de seu emprego.

Eneri, pixadora de São Paulo, também comentou que passou por situações de machismo no meio da pixação. A artista utiliza o registro fotográfico não apenas

³⁶ “Cair com a polícia” significa ser pega pelos policiais.

como forma de lembrança, mas para legitimar sua ação e para evitar o apagamento do seu trabalho e de sua história, pois muitos homens ainda subestimam sua capacidade e alegam que a ação foi realizada por outro homem. Na Live que a artista realizou, em conjunto à “Família 5 Estrelas”, por meio da plataforma do Instagram, Eneri comenta que, quando começou a fazer suas escaladas, muitos duvidaram de sua capacidade. Por ser mulher, achavam que ela não teria coragem nem força para conseguir subir os grandes edifícios.

Infelizmente, esta situação é bastante comum, enquanto um homem não precisa fazer nenhum registro, pois a palavra masculina tem um peso muito maior em nossa sociedade, a mulher precisa sempre confirmar sua ação através de provas concretas. Ela afirma a importância destes registros, até mesmo como uma documentação histórica, uma vez que, como o trabalho está na rua, ele pode ser apagado a qualquer momento. Esta também é uma forma de evitar o apagamento da mulher na história da arte (ENERI, 2020).

A artista tem se tornado cada vez mais conhecida nos meios artísticos e midiáticos. De acordo com Lourenço (2021), participou de entrevistas em revistas como Marie Clarie e Abril. Além disso, fez parte de exposições de arte no Brasil e no exterior, como a que ocorreu em Los Angeles chamada MOMENTUM³⁷ e a “Na luta Na lata”, que aconteceu em Brasília³⁸, convidada por Djan Cripta, além de uma exposição no Museu da Língua Portuguesa em São Paulo. A artista também vende suas obras de arte feitas em tela³⁹.

Sobre todos os relatos e análises de casos acima, faço uma ponte com o pensamento de Virginie Despentes (2016). A escritora feminista anarcopunk, em seu livro Teoria King Kong, aborda o assunto de forma muito clara

Mesmo os caras mais furiosos do hip-hop não são maltratados como uma mulher (...) Não há nada pior do que uma mulher julgada por homem. Todos os golpes são permitidos, a começar pelos mais sujos. Não somos nem mesmo estrangeiras: falam por nós o tempo todo, porque não sabemos o que temos a dizer. Não sabemos tão bem quanto os machos dominantes, habituados a séculos a escrever livros sobre as questões de nossa realidade e o que ela implica (VIRGINIE DESPENTES, 2016, p. 100).

³⁷ Acesso rápido através do link: https://www.instagram.com/p/CID-_8GvOVx/

³⁸ Acesso rápido através do link: <https://www.instagram.com/p/Cha-5LoDSys/>

³⁹ Acesso rápido através do link: <https://a7ma.com.br/produto/eneri-tanto-o-pixo-quanto-as-mulheres-ja-chegaram-mais-longe-do-que-poderiam-imaginar/>

A autora salienta que as mulheres sofrem com os golpes mais baixos, com os que atingem a dignidade feminina, o que, conseqüentemente, as torna vulneráveis, e que se torna um comportamento recorrente para abalar sua estrutura psicológica das formas mais diversas possíveis. Em outro fragmento, Virginie Despentes (2016) cita o que acontece com uma mulher que tem tesão e, esse tesão, não se diz somente das questões sexuais, mas o tesão que as mulheres têm pela vida, pela arte, e que os homens, buscam a todo custo, cercear, diluir, aniquilar

Não queremos escutar o que vieram dizer, que estão fervendo de desejo. Esse fenômeno maior é ocultado. Os homens não querem ouvir. O desejo é o domínio exclusivo deles.(...) Há, de um lado, um desejo que indica boa saúde, que possui a benção do coletivo, que é exaltado, pelo qual demonstramos benevolência e compreensão. E, de outro, um apetite obrigatoriamente grotesco, monstruoso, risível, a ser reprimido (VIRGINIE DESPENTES, 2016, p. 89).

A autora continua

São os homens que supervalorizam e subestimam o corpo feminino e que, incapazes de obter o prazer esperado, acumulam conquistas na esperança de experimentar, um dia, qualquer coisa que pareça um orgasmo de verdade. Mais uma vez, o que é fundamentalmente verdadeiro para os homens é deslocado para estigmatizar a sexualidade feminina (VIRGINIE DESPENTES, 2016, p. 90).

Virginie Despentes (2016) pontua: a segurança, felicidade, tesão e empoderamento das mulheres causa insegurança e inveja nos homens e, por medo de perderem seus privilégios, eles buscam, através de atitudes e comentários, diminuir, reprimir, depreciar o corpo das minas.

A seguir, um trecho Zine da punk *Ânima* (#1,1997), para uma reflexão mais profunda

Estamos aqui para encher a paciência, incomodar e desafiar “o coro dos contentes machistas”, pois nunca estamos contentes. Podem nos odiar, mas dificilmente vão estar livres de nós, a gente quer ser uma pedra no sapato, somos terríveis mocréias feministas que estão aí para horrorizar as noites de qualquer machão. Aos que nos apreciam, o nosso sincero amor e amizade. Esperamos de coração, que as feministas não fiquem só no que é escrito, mas que suas atitudes prevaleçam inspiradas de vontade, coerência e luta prática. HASTA LA LUCHA! (zine *Ânima*, #1,1997:1 apud GABRIELA MARQUES, 2013, p. 12).

A citação acima desafia o leitor, pois a intenção das feministas punks é criar um incômodo a quem as lê, sem se preocupar se isso irá ofender ou não o leitor, afinal, as mulheres já são insultadas recorrentemente, por isso o uso do adjetivo

“mocréias”, utilizado pelos homens para se referir às mulheres como de forma pejorativa.

Apesar disso, ainda assim, as escritoras afirmam que aos que as apreciam e lutam em prol da igualdade de gênero, todo o amor e amizade, e salientam a importância das ações masculinas nesta luta que não é somente das mulheres, mas também dos pares masculinos para tornar o mundo mais justo e menos perverso. Aqui, é necessário fazer um adendo: evidentemente não são todos os homens pixadores que são machistas, o ponto trazido aqui é uma visão ampla sobre o meio, que, como qualquer outro, ainda é bastante machista. Dessa forma, ainda existem pixadores que buscam estar atentos sobre as questões de gênero e preocupados com a equidade. Muitos deles nutrem amizades e relações horizontais com pixadoras mulheres, saem juntos para realizar ações e as apoiam. Acredito que o feminismo pode ser explorado, interpretado, construído das mais diversas formas, a escolha da citação acima é justamente pela escolha do tema desta dissertação. A pixação é uma atitude subversiva, que carrega muito da atitude punk e que se inspirou no movimento punk, apesar de muitas vezes as atitudes das pessoas do meio (como vimos nos prints acima) ser contrária à prática anarquista que o próprio grupo reivindica⁴⁰, se a essência é a anarquia, é importante que essa essência reverbere em nas atitudes dos praticantes, não só na escrita subversiva. A arte da pixação traz reivindicações concretas e pode transformar radicalmente a realidade social através das pessoas que as praticam.

No artigo de Gabriela Miranda Marques, “As artes de resistir: mulheres na cena anarcopunk” (2013), a autora comenta sobre o apagamento das mulheres na cena punk e, de que forma isso reverberou posteriormente em um discurso ainda mais machista dos próprios homens do movimento, os quais não aceitavam a presença feminina

Os punks também combatem leis, costumes e o estado de “inércia” e destruição que atribuem a humanidade. Neste sentido as mulheres inseridas nesta cena travam uma batalha ainda mais dura, para além de criticar a sociedade e buscar o enfrentamento a coragem-da-verdade destas mulheres toca ainda um campo movediço. A crítica delas se remete também ao interior da própria cena (GABRIELA MARQUES, 2013, p. 4).

⁴⁰ “A essência tá aí, na anarquia, tá ligado?” afirma Djan Cripta, no documentário PIXO (WAINER, 2009).

A autora comenta sobre a batalha que as mulheres tiveram e ainda tem que travar: a dupla exclusão, o debate com os opressores do próprio grupo que ainda às chamavam de “feministas separatistas”

As mulheres anarcopunks escolhem, como muitas mulheres em organizações de esquerda revolucionária escolheram denunciar violência e opressões dentro de seus próprios coletivos, de suas frentes de luta, e como aquelas mulheres décadas antes foram acusadas de divisionismo, de serem “feministas separatistas”, de não se importarem com o que de fato era mais importante “uma luta mais geral”, de acusar os companheiros que já se entendiam como pessoas livres de preconceitos (GABRIELA MARQUES, 2013, p. 5).

A autora, na citação acima, afirma que as mulheres revolucionárias precisam lutar, dentro de seus próprios coletivos e frentes de luta, pois sofrem o preconceito dentro do próprio movimento. Ainda que, muitas vezes, os pares masculinos que fazem parte, reivindiquem a liberdade e a anarquia, é muito claro que não executam isso na prática, ao afirmar que estas mulheres são “separatistas” e que, na verdade, eles estavam livres de qualquer estereótipo ou preconceito.

Nesta próxima parte, a autora discorre sobre como o “Rock and Roll” é visto como algo masculino, e que, se trocássemos o rock pela pixação, a questão seria quase a mesma, da mesma forma que o que envolve “atitude” e “agressividade” é culturalmente entendido como um comportamento masculino

O Rock and roll é visto como um ritmo masculino (SOUZA, 2005, p. 37); a cena punk, cunhada neste universo, não poderia estar dissociada desse caráter “macho”. Dentro do punk, as associações com o que é definido como masculino, em nossa sociedade, ficam ainda mais visíveis: a música e o visual são extremamente agressivos, punk tem a ver com violência, com choque, com enfrentamento; essas características foram em nossa ocidentalidade, forçadas e reforçadas como ligadas ao que é masculino. Não era de se estranhar, portanto, que, no início do punk e ainda nas décadas de 1970 e 1980 surgissem poucas mulheres na cena. Outra hipótese, apresentada em algumas produções punks feministas (Zine Libido #01, DIAS, 2011), 6 é de que elas foram invisibilizadas na própria cena. Não é que elas não estivessem ali, mas como eram vistas, somente, como as “minas dos caras”, ou, ainda, não ocupassem nenhuma posição de destaque frente a uma banda conhecida, elas não mereceram nenhum destaque nas narrativas sobre o punk. Essa invisibilização das mulheres, na história, foi apontada ainda pelos feminismos (PEDRO, 2005: 85); logo o punk não seria uma exceção. Assim, para evitar o completo esquecimento de sua história as mulheres começaram a dar maior circularidade aos seus zines. Estes, eram coletivos ou individuais e para além da visibilidade do feminismo anarquista, tratavam de assuntos diversos ligados à luta das mulheres (GABRIELA MARQUES, 2013, p. 5).

A pesquisadora afirma que as mulheres foram inviabilizadas dentro da própria cena punk, de modo a serem vistas somente como “as minas dos caras”, ou seja, não

eram percebidas como indivíduos com suas próprias trajetórias e assim, nunca ocupavam um lugar de destaque. Isso acontece em toda a história, na ciência, na arte, nos movimentos sociais, a invisibilização das mulheres acontece em todos os setores. Ao ocupar espaços, trazer pautas como o machismo, a violência contra a mulher e misoginia, para as ruas, as mulheres subvertem a opressão dentro da opressão. Ao ocupar as ruas e as instituições de arte, as mulheres abrem a seguinte questão: ameaça aos privilégios masculinos, que até então estavam ali, intactos. Como já citou Linda Nochlin (2016)

Não é realista ter esperança de que uma grande maioria de homens, nas artes e em outros campos, vai ser iluminado e descobrir que é para seu próprio bem conceder às mulheres completa igualdade de direitos e possibilidades – como afirmam algumas feministas de forma otimista –, ou sustentar a ideia de que os próprios homens logo irão perceber sua limitação, negando, a si mesmos, acesso a tradicionais campos e emoções tidos como femininos (LINDA NOCHLIN, 2016, p. 11).

A autora salienta

Aqueles que dispõem de privilégios, inevitavelmente se agarram a eles com força, não importando o quão marginal a vantagem envolvida é até que sejam persuadidos a render-se a um poder superior de alguma ordem ou outra. Dessa maneira, a questão da igualdade das mulheres, na arte ou em qualquer outro campo, não recai sobre a relativa benevolência ou a má intenção de certos homens, ou sobre a autoconfiança ou “natureza desprezível” de certas mulheres, mas sim na natureza de nossas estruturas institucionais e na visão de realidade que estas impõem sobre os seres humanos que as integram (LINDA NOCHLIN, 2016, p. 12).

Linda Nochlin (2016) deixa claro: os homens permanecerão agarrados a seus privilégios, não acontecerá qualquer grande revolução partindo deles. Nós, mulheres, teremos que continuar lutando para que nossos direitos sejam garantidos, nossa existência respeitada e nossos trabalhos reconhecidos. Não é um caminho simples, é necessário sermos cuidadosas com o “conto do vigário”, com aqueles homens que se dizem favoráveis à luta feminina, mas que fazem isso para que não sejam apontados seus erros, ou para ganhar algum tipo de visibilidade e/ou lucro com as pautas feministas.

Não é muito difícil se deparar com situações de invisibilidade feminina no meio da arte urbana. Está em cartaz do dia 06/05/2023 ao dia 30/07/2023 a exposição “Além das ruas, histórias do graffiti” no Itaú Cultural, localizado na Avenida Paulista. A exposição retrata o graffiti dentro e fora do Brasil, contando com obras de 51

artistas. Dentre eles e elas estão: (em ordem alfabética): Acme, Alex Vallauri, Alexandre Órion, André Gonzaga Dalata, Binho Ribeiro, Brunosmoky, Celso Gitahy, Chivitz, Clara Leff, Coletivo SHN, Crânio, Cripta Djan, Daniel Melim, Dino, Dninja Bichocoisa, Eduardo Kobra, ENERI, Fábio Does1, Farid Rueda, Fefe Talavera, Gnos, John Howard, Katia Suzue, Kelly Reis, Kuêio, Lady Brown, Lari, Luiz Teor, Mauro Neri, Mazola Marcnou, Minhau, Nenesurreal, Nina Pandolfo, Odé Frasão, Odrus, Os Tupys, OSGEMEOS, Ozi, Paula Yama, Rafael Highraff, Saturno, Shalak Attack, Simone Siss, Soberana Ziza, Speto, Tinho, Tio Trampo, T-Kid, Toz, Vitché e Waleska Nomura (ITAÚCULTURAL, 2023). Dos 51 artistas, apenas 17 são mulheres, enquanto 34 são homens. O curador da exposição é Binho Ribeiro, grafiteiro conhecido no meio. O artista aparece no documentário “Entre latas e lutas: a cena das mulheres no graffiti de São Paulo”, Binho Ribeiro comenta: “Quando a menina decide: ‘vou ser grafiteira’, provavelmente ela não vai ter muito tempo para fazer a unha, fazer o cabelo...”⁴¹ em outro momento no vídeo, ele afirma “Uma garota, sozinha, em um beco ela pode sofrer uma situação de estupro, de assalto que talvez um cara não sofresse. Mas isso acho que não tem a ver com machismo, tem a ver mais com a questão física”, no mesmo documentário, ele declara “Você acaba tendo em eventos 30, 40% de participação feminina, enquanto 80% dos homens ficam de fora, que participam da cena como um todo, isso não me parece muito justo” (FEMELLA, 2020). As falas do curador da exposição do Itaú Cultural, ditas recentemente, se parecem com falas reproduzidas pelos homens a cerca de 100 anos atrás.

O documentário aborda questões de gênero dentro do graffiti e dá enfoque aos assédios e exclusões que as grafiteiras sofrem no meio artístico, contando com relatos de grafiteiras, que afirmam a pouca quantidade de mulheres no movimento do graffiti nos anos 90. No documentário, elas também afirmam a organização de eventos, em sua maioria, realizados por homens da cena que optam por deixar de lado os trabalhos das mulheres grafiteiras. Ainda na mesma filmagem, são levantados dados numéricos de quantas mulheres são convidadas para os eventos e exposições de arte urbana, o que evidencia o número ainda reduzido de mulheres que são convidadas para tais eventos (FEMELLA, 2020).

⁴¹ Acesso rápido através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=PusxWWW382o>

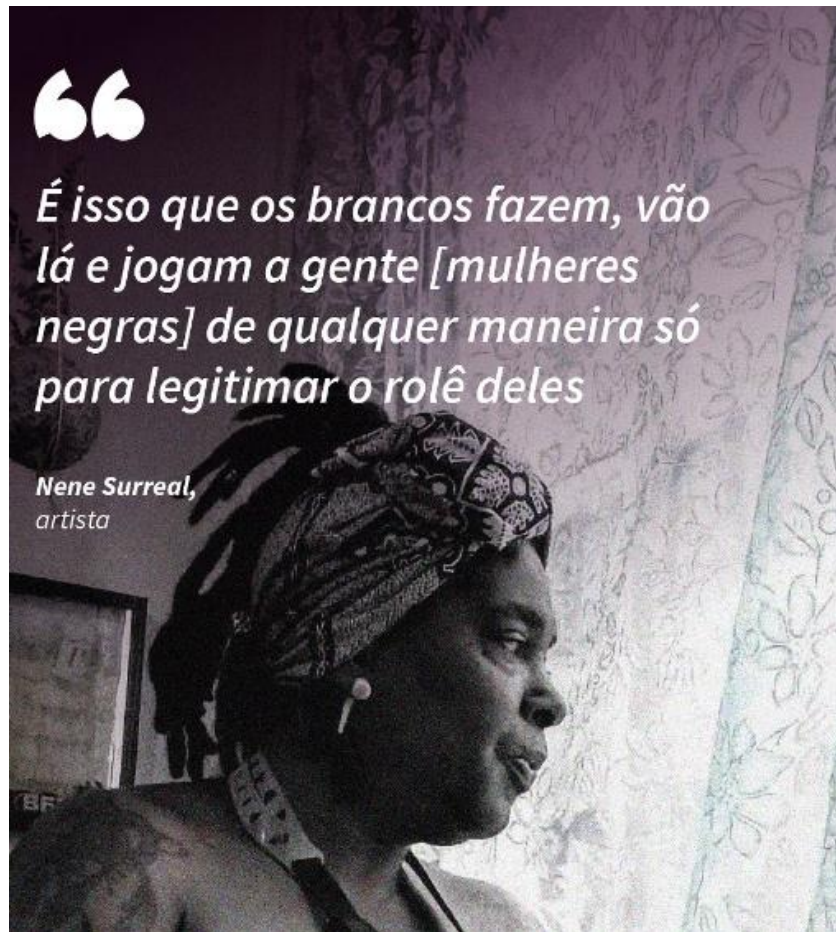
No vídeo, a pixadora Luciana afirma

Vários caras chamavam a gente pra pixar achando que a gente ia dar pra eles. Isso é fato. Ninguém achava que a gente ia pixar realmente, ou grafitar realmente. Vários caras chamavam a gente pra ir achando que ia rolar alguma coisa sexual, por ser mulher e estar no meio de um monte de homem, eles acham que a gente vai buscar homem (FEMELLA, 2020).

A artista relata que vários homens imaginam que as mulheres que fazem arte urbana estão inseridas neste local para encontrar-se com homens com intenções sexuais e românticas, não pela arte em si. Outra artista, Clara Leff, afirma no documentário que estava em um evento grafitando, toda suja de tinta, quando a questionaram se ela era namorada de algum grafiteiro do evento. As mulheres que participaram do documentário afirmam que a coletividade é crucial para uma mudança no meio da arte urbana (FEMELLA, 2020).

A exposição no Itaú Cultural gerou debate entre as mulheres do graffiti por diversos motivos, entre eles: a escolha do curador e a pequena quantidade de mulheres selecionadas para a exposição de arte, na qual várias destas obras foram colocadas em lugares de menor visibilidade dentro do espaço expositivo. Além da não representatividade de pessoas negras e indígenas, a construção da exposição foi realizada em uma perspectiva branca e masculina, sem a presença de artistas do nordeste ou do norte do país.

FIGURA 45 - Citação da grafiteira Nene Surreal



Fonte: Imagem do Instagram por: @nosmulheresdaperiferia, 2023.

Na figura acima, Nene Surreal, grafiteira negra, afirma a deslegitimação do corre das mulheres negras, que são colocadas em exposições em um sistema de “cotas”, somente para que não venham à tona comentários de que não foram selecionadas pessoas negras e mulheres para a exposição em questão, mas não porque o trabalho foi construído em equidade.

O Instagram @graffitmulherculturaderua fez uma LIVE⁴² com a participação das grafiteiras: Crisca Monteiro (@crisca.monteiro), Ana Clara (@anaclara.macaspodres), Amanda Pankill (@amandapankill), Carol (@carolinaitza) e Nuvem (@nuvemv). Junto a elas, estava a pixadora Eneri (@eneri.psm), que está dentre as artistas que participa da exposição⁴³, para conversar sobre questões de

⁴² “LIVE” se trata de um bate-papo ao vivo.

⁴³ Acesso rápido através do link: <https://www.instagram.com/reel/CtIUBvnNGuy/>

gênero no grafitti, de modo a trazer esta exposição como mais uma evidência de apagamento do corre das mulheres no meio do graffiti. O nome da LIVE no Instagram foi “Histórias do Apagamento”. O debate levantou várias questões, questões do apagamento da mulher no meio do graffiti, questões de violência contra a mulher, maternidade, todas elas dentro da cena do graffiti. A artista Eneri pontua

Muito disso foi fruto de ter sido um único curador, homem, diversas coisas que quando não tem uma mulher inserida na organização, representando essa linha de frente, seja em uma exposição, ou seja em um evento, ou no que quer que seja (...) Eu acredito que a pixação muitas vezes entra em estas questões de cota. É algo que é institucional, isso não é culpa de outros artistas, é algo estrutural. (...) Eu fico pensando que mesmo que todas as mulheres talvez tivessem recusado participar desta exposição, ou várias delas, provavelmente ela teria rolado da mesma forma, então é aquilo, é bem seletivo, o quanto eles abrem de espaço e para quem... (CRICA MEDEIROS, 2022).

Eneri afirma que a escolha de somente um curador e homem implicou muito na organização do evento. A artista reafirma que é normal que nos espaços artísticos exista quase que uma “cota” para as artistas mulheres. De fato, existe uma cumplicidade entre os pares masculinos, que não buscam sair de suas zonas de conforto para conhecer as artistas da cena. Geralmente, o que acontece é uma seleção de amigos e conhecidos, sempre trazendo os mesmos nomes dos mesmos artistas, sem abrir espaço para novos nomes e nomes femininos. A artista Nuvem afirma, na LIVE, a falta de empatia dos homens em relação às minas, que muitas vezes estão reivindicando seus espaços através de muita luta e uma jornada tripla, às vezes quádrupla: trabalhar, cuidar da casa, cuidar dos filhos e fazer arte.

Eles nunca se colocam nesse lugar de “eu sou um homem, eu tive acesso a coisas que as mulheres que as mulheres não tiveram”... O graffiti, a rua, é muito masculina, homens de diversas classes sociais se juntam, de diversas raças, eles estão na brotheragem, sabe? Eles estão fechados e excluem as mulheres. Seria uma coisa muito pontual, mas que eu também não espero né? de ter essa autocrítica, essa auto análise do “porque eu estou no topo? Porque não existem tantas mulheres, ou tantas mulheres negras, ou mulheres mães no topo comigo? Será que eu sou tão especial? (CRICA MEDEIROS, 2022).

Eneri complementa, afirmando a dificuldade que a mulher enfrenta ao tentar se inserir no meio artístico, pois as obras masculinas ainda são as mais valorizadas e recebem maior destaque

A mulher quando ela resolve virar pixadora, virar grafiteira, ela também sofre muito mais esse julgamento do que os caras assim sabe? Porque acho que já é esperado que os caras estejam ocupando o espaço como a rua e tudo mais, e agora pra gente é meio que privado de nós assim, tanto por conta de

ser considerado um ambiente hostil, tanto pelo fato da maternidade (...) E quando a gente for ver no rolê das galerias mesmo, ainda é gritante a diferença de quantidade de artistas homens e mulheres, do quanto é valorizado a obra dos caras versus as obras das minas... (CRICA MEDEIROS, 2022).

Outro assunto que foi discutido pelas artistas foi a blindagem pela fama que os artistas masculinos recebem. Eu acredito que este se aplica a qualquer âmbito, uma vez que, quando o homem é famoso, a “credibilidade”, a “fala” dele é elevada e, a partir disso, muitas coisas prejudiciais podem acontecer, como o que aconteceu no caso apresentado, em que o artista, por ser conhecido, é selecionado para ser curador de uma importante exposição de graffiti, porém suas falas e comportamentos misóginos são deixados de lado pela instituição que o escolheu.

As grafiteiras @jaymoraes_⁴⁴, @graffitodas_br⁴⁵, e muitas outras também se manifestaram sobre o ocorrido, apresentando questões muito importantes como a maternidade e a maior responsabilidade que a mulher carrega em nossa sociedade contemporânea. Um grafiteiro chamado “Supermenos1”⁴⁶ afirmou, na rede social Instagram, através de um vídeo, que o reconhecimento na rua parte do pressuposto de mérito. Em resposta disso, Jay Moraes afirma, também em um vídeo do Instagram, sobre as dificuldades que as mulheres enfrentam ao estar na rua, e que sim, existe uma diferença de vulnerabilidades entre os homens e as mulheres. Entretanto, o desafio das mulheres torna-se muito maior devido aos assédios sexuais, questões de maternidade como: de que forma sair para pintar se é necessário cuidar dos filhos, de que forma sair para pintar sozinha correndo risco de ser estuprada etc.

Como é para a mulher estar na rua? Primeiro, mulher e homem não são iguais, biologicamente, nosso corpo é de uma forma, nossos papéis na sociedade é desde sempre sofrido pra caralho... Então para você estar na rua mulher, pintando na rua sozinha, você tá correndo risco, risco de vários tipos de violência, violência moral, assédios... Tu não pode sair pra pintar sozinha, tu tá de costas pra rua, alguém pode passar, alguém pode mexer com você, tocar em você... Para você sair, se você tem filho, você vai deixar seus filhos com quem? Aí nós temos a mãe e o pai: onde está o pai? está sempre fazendo o que ele quer, na hora que ele quer. A mulher tem sempre muitas limitações. (...) A mulher não tem a liberdade que o homem tem, o cara ele pode sair 5 dias na semana para pintar e treinar, já a mulher pode sair 1 ou nenhum (quando é mãe solo). (...) Não tem como uma mulher se desenvolver na mesma velocidade que os caras (pelas responsabilidades que a mulher carrega) (JAY MORAES, 2023).

⁴⁴ Acesso rápido através do link: <https://www.instagram.com/p/CteaVTRAJTY/>

⁴⁵ Acesso rápido através do link: <https://www.instagram.com/p/CtenuIFNcDj/>

⁴⁶ Acesso rápido através do link: <https://www.instagram.com/p/CtcGx0eLtZT/>

De fato, o argumento de Jay Moraes a respeito da maternidade é algo muito verdadeiro, pois a gestação leva muitas mulheres a pararem com suas práticas artísticas para se preservarem fisicamente e, para que posteriormente, se dediquem a seus filhos. Além disso, sendo mãe solo, tudo se torna ainda mais difícil, conciliar o cuidado dos filhos, trabalho, cuidados da casa e muitas vezes os estudos, se torna quase impossível ter tempo para fazer arte. Por isso, muitas mulheres iniciam no meio da pixação e do graffiti, mas acabam por não prosseguirem com a prática constante. Além disso, existem outras situações e riscos envolvem o corpo feminino que podem levar a mulher por optar em não continuar com as práticas nas ruas.

Ademais, ser mulher-artista é um desafio diário, a maternidade é um dos assuntos que inevitavelmente permeiam a trajetória de diversas mulheres artistas. No livro “Contra os filhos” de Lina Meruane, a autora salienta as dificuldades que permeiam a vida de uma mulher artista

As criadoras-sem-filhos exercem dois trabalhos de maneira alternada ou simultânea: o trabalho assalariado e o trabalho criativo raramente remunerado ou remunerado de maneira insuficiente. As criadoras-com-filhos acrescentam outro trabalho ad honorem. Este último, além de ser sem salário, é sem dias livres, sem férias e tem outra complicação: o lugar próprio da criação costuma estar dentro da casa compartilhada com o filho, um ser que não respeita portas, que não conhece limites. Se para a criadora-sem-filhos ter dois trabalhos é pesado e interfere na sua obra, para a outra, com-filhos, as horas do dia se mostram insuficientes porque, ao horário assalariado, é preciso acrescentar a implacável rotina materna e então: de onde tira o espaço temporal e mental para o ofício criativo? (LINA MERUANE, 2018, P. 76).

Na citação acima, a autora afirma que, além do trabalho assalariado, o trabalho criativo raramente remunerado, ainda a mulher possui o trabalho não remunerado e sem férias, que é a criação dos filhos, e este terceiro trabalho lhe toma um tempo que a tira do tempo de criação, que precisa de espaço temporal e mental para acontecer. Por isso, muitas mulheres começam a pixar, mas em algum momento de suas vidas acabam tendo que renunciar ao ofício criativo, para, então, dedicar-se mais à criação de seus filhos. Esta situação é algo que os homens não passam, pois estão na grande maioria das vezes delegando os cuidados dos filhos à mãe.

Podemos, por exemplo, fazer uma análise através do caso de Carol Susto”s: Caroline Pivetta é mãe de Virgínia e Ísis, sua filha caçula, a qual tinham uma relação muito próxima. O jornalista Diógenes Muniz, que havia entrevistado Caroline Pivetta quando ainda estava presa na Penitenciária de Sant’Anna, fez um documentário da

mãe e da filha caçula, o documentário foi exibido em festivais internacionais⁴⁷. Carol Susto”s manejava sua vida como artista pixadora e mãe

Na minha primeira gravidez, parei de pixar quando completei cinco meses. Isso porque, como eu pintava topos de prédios, precisava deitar no chão e não conseguia com a barriga grande. Também mudei de estado para dar uma qualidade de vida melhor para a minha filha. No início, foi bem complicado aceitar que tinha que parar. Como a arte fazia parte do meu cotidiano, passei por um processo bem doloroso (BEATRIZ LOURENÇO, 2021, s.p.).

Na citação acima, a artista afirma que teve que se afastar da prática das ruas durante um tempo devido a gravidez, pois usava seu corpo para se debruçar no topo dos prédios. Depois que sua filha nasceu, teve que se mudar para outro estado, onde estava sua família, para dar uma melhor qualidade de vida a ela. Na segunda gravidez, Carol Susto”s aproximou Ísis da realidade das ruas, porém administrava a questão da ilegalidade sendo bastante clara com ela “Eu expliquei para ela o que é o pixo e que ele é um segredo, pois a sociedade não está habituada a aceitar uma mãe de família que é pixadora” (BEATRIZ LOURENÇO, 2021,s.p.). Através do relato de Pivetta, podemos ter alguma noção de como pode ser penoso para uma mãe artista prosseguir com seu trabalho artístico, ainda mais quando se trata de uma arte ilegal.

No dia 10/07/2023, grafiteiras e pixadoras reuniram-se na frente do Itaú Cultural para se manifestarem em relação a invisibilização das mulheres no meio da arte urbana, o que se tornou um movimento bastante significativo, neste momento. Elas escreveram e leram em voz alta o manifesto “Não é só tinta”, entraram no espaço com cartazes escritos “Cadê a mulher na arte urbana?” (MONCAU, 2023), além de terem criado um Instagram chamado Articulação Nacional de Mulheres da Arte Urbana (@mulheresdaarteurbana) para abordar somente o assunto do apagamento⁴⁸.

⁴⁷ Acesso rápido em: <https://pivetta.video/>

⁴⁸ Acesso rápido através do link: <https://www.instagram.com/mulheresdaarteurbana/>

FIGURA 46 - Articulação Nacional de Mulheres da Arte Urbana

A ARTICULAÇÃO NACIONAL DE MULHERES DA ARTE URBANA FOI COLETIVAMENTE CRIADA COM O INTUITO DE REFORÇAR A LEGITIMIDADE DO TRABALHO DESEMPENHADO POR ARTISTAS MULHERES E DE GÊNEROS DISSIDENTES, E CONFRONTAR A CULTURA EXISTENTE DE QUE ARTISTAS HOMENS POSSUEM O PODER DE VALIDAÇÃO DE NOSSAS PRODUÇÕES.

DENTRE AS CINCO REGIÕES DO PAÍS REUNIMOS DIFERENTES PERFIS E VERTENTES DA ARTE PÚBLICA, ENTRE ELAS GRAFFITI, MURALISMO, PIXO, LAMBE, STENCIL, ETC. JUNTAS ACREDITAMOS NO PODER DA PLURALIDADE, DA MOBILIZAÇÃO COLETIVA, DA DESCENTRALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E CONSEQUENTEMENTE NA VALORIZAÇÃO DAS PRODUÇÕES DE TODAS AS REGIÕES DO BRASIL. NOS POSICIONAMOS CONTRA QUALQUER FORMA DE PRECONCEITO E AFIRMAMOS NOSSO COMPROMISSO COM MEDIDAS QUE TORNEM O ESPAÇO PÚBLICO MAIS ACOLHEDOR E RECEPTIVO PARA CORPOS DISSIDENTES E MARGINALIZADOS.

SOMOS UM LEMBRETE - PARA NÓS MESMES E PARA OS DEMAIS - DE QUE NÃO CAMINHAMOS SOZINHAS E DE QUE AS RUAS TAMBÉM NOS PERTENCEM.

[MULHER - ARTE - RUA] • [MULHER - ARTE - RUA]

Fonte: <https://www.instagram.com/mulheresdaarteurbana/>, 2023.

FIGURA 47 - Manifestação das minas no Itaú Cultural I



Fonte: Instagram @graffitmulherculturaderua, 2023.

FIGURA 48 - Manifestação das minas no Itaú Cultural II



Fonte: Instagram @graffitmulherculturaderua, 2023.

Segue a fio o manifesto das minas que foi lido em frente a exposição do Itaú Cultural, o qual foi apoiado por Rede GraffiteirasBr | Graffiteiras Indígenas | Sapatão das Tintas | Rede Efêmera | Grapixurras das Minas | Mães Artistas na Sagacidade | Graffiti Mulher Cultura de Rua | Rede Graffiteiras Negras do Brasil | Rede Latino-americana Todas BR | LabCasa Cultural | Mães Correria | Garagem Ateliê TintAntifa | Grupo de Estudos AbstrAtos | Periferia Segue Sangrando | Rede de Proteção e Resistência Contra o Genocídio | Birico | Mapati Filmes | Coletiva Luana Barbosa | Movimento Independente Mães de Maio | Arte Livre ao Ar Livre | Cores de Las Mujeres por América | Rede As Minas na Frente | História da Disputa | 8M Na Quebrada | NARAÇA Festival | Mulheres Insurgentes | Favela Galeria | Ramo | Vilanismo | Projeto Geloteca Ferraz | Pixe Girls | Cores Femininas | Poesia nos Muros | Fluidez | Da Lama ao Luxo | Goldetinta | Projeto Grafitar | Coletiva Segura | Movimento Striste Art | Só as mina | Coletiva Tinta | Marcha Mundial das Mulheres | PerifAnálise São Mateus | Membrana Experimental Fiat Lux | MOTAV_SP Movimento de trabalhadoras e trabalhadores das Artes Visuais de São Paulo | Studio Lumumba | Duplexx Arte | AMNA Filmes | Residência artística ocupação das minas LGBTQIAP+ | Ocupa Penha Pietras | Ateliê Fruto do Kalo | Encontro.Todes

“Pique Pedro Álvares Cabral eles se dizem pioneiros...”

E talvez estejamos mesmo atrasadas pra sair no álbum de fotos, mas onde sua vista não alcança o corre invisível de muitas malokêras espalhadas por esse território foi o alicerce da pulsação da cultura de rua!

Aquelas que, olhando na bolinha do olho dos polícia, dos pé de pato, das ditaduras políticas, econômicas e militares que asfixiam a periferia, sempre estiveram na linha de frente pra criar formas de vida nutritivas pra geral. Quando o cenário é de guerra, quem lutou pelo asfalto, pela creche, pela casa de cultura? Se o fervo das ruas teve um berço, se hoje podemos ter o respiro de nos espalhar em cores pelos muros, um salve a elas! Guardiãs infinitas do espírito imortal da estratégia do cuidado e união.

Toda quebrada é matriarcal, máximo respeito à tática comunitária do acolhimento!!!

Saudamos sua atuação e memória política e recusamos a conciliação cara-pálida com as instituições e sujeitos financiados que se autodeclararam curadores, há décadas promovendo, sistematicamente, o projeto de APAGAMENTO das histórias do fundão, e de forma mais grave em relação às mulheres periféricas, racializadas e dissidentes de gênero. Enunciamos que esse projeto vem desenhando curadorias coloniais centradas em INDIVIDUALISMO, COMPETIÇÃO, MERITOCRACIA, MISOGINIA, RACISMO, CLASSISMO, SÍNDROME DO PIONEIRISMO que

se constroem partindo de recortes toscos que esses agentes retiram do Sistema da Arte.

Promovem com isso um cenário anêmico de higienização estética da cultura de rua, privilegiando um evolucionismo do kit spray que eles mesmos criaram, onde figuram como centro e régua: filhos do senso comum, decorativos nas ideias e na prática, gerando uma verdadeira CULTURA DO JOELHO DOBRADO.

Dobram o joelho pro desenho hegemônico da cidade em troca de moedas, promovendo cada vez mais violência urbana ao se aliar ao senso comum vulgar e ignorante, que cria uma polarização entre FEIOS x BONITOS. Quem nunca presenciou zé povinho enchendo a boca: “bonitos são esses graffitis coloridos aí, pixação é feio, é vandalismo”. Quanta inocência criar curadorias alimentando uma visão colonizadora da cultura de rua... No entanto, da porta pra fora o bicho pega: Graffiti gourmetizado pra uns, criminalização, pobreza e encarceramento pra outras.

O graffiti, embora possa colar nos cubos brancos por aí, vivendo a contradição colocada pelo capitalismo, refaz todo dia o compromisso de quebrar o vidro entre o risco no muro e nossa vida cotidiana. A cultura de rua é afetada diretamente pelo projeto de genocídio em curso desde a chegada dos PIONEIROS das caravelas, sempre estivemos aqui contrariando o sistema. As lutas da sociedade são as lutas do graffiti, nossa força é proporcional às nossas escolhas, e se podemos disputar um imaginário, aqui estamos.

Onde sua vista não alcança, talvez acreditem que se trate de tinta no muro.

Onde sua vista não alcança,

É onde mora o fundamento.

(E o resto é segredo!)

Um salve a todas malokêras, pixadoras, trabalhadoras do graffiti, manas do vandal, mulheres negras, indígenas, sapatonas, monas, travestis, manos aliados, dissidentes de gênero, a todas as quebradas e matas desse imenso território e a força do que a sua vista não alcança!

A história é um caracol infinito de muitos começos, e cada pessoa tem uma estrela que não pára de brilhar. Saúde pra nóiz!!!

NÃO É SÓ TINTA!!! (@graffitimulherculturaderua, 2023).

No manifesto, as meninas denunciam a exclusão e o apagamento que ocorrem, quase que de forma silenciosa, através da própria rua e dos meios artísticos. A partir da elitização do graffiti, houve a exigência de uma ‘técnica’ e a um preciosismo que não cabe dentro do graffiti, além da utilização de materiais caros, classificação da estética através de padrões hegemônicos, síndrome do “pioneirismo” - quem chegou antes no movimento e está a mais tempo fazendo tem mérito e reconhecimento - sem levar em conta os desafios distintos que circundam as

vivências femininas e masculinas, relacionadas a questões sociais, financeiras, maternas etc. Ademais, a denúncia diz respeito a criminalização e rebaixamento da arte da pixação, de modo a abordar questões elitistas e esteticistas sobre as definições de “bonito” e “feio”.

É muito importante a compreensão deste texto, que denuncia e reflete a realidade do graffiti, que muitas vezes é apresentado no cubo branco de forma glamourizada e nos meios acadêmicos de forma superficial e estereotipada. Isso é um problema sintomático de nossa sociedade capitalista, em que o individualismo se faz presente mesmo nos meios mais subversivos. No graffiti e, principalmente, na pixação, o movimento traz pautas anarquistas, pela busca por direitos iguais para todos e liberdade de expressão, mas que, ao mesmo tempo, privilegia a trajetória masculina e, muitas vezes, de um pixador em específico, o que acaba inviabilizando em certa medida, o corre dos outros caras e o das minas também. Em uma entrevista para o podcast Real Corre da Rua, o artista periférico Paulo Galo⁴⁹, pixador, rapper, ativista, afirma

O capitalismo elege só um de cada setor: um grande rapper, um grande pixador, um grande revolucionário, um grande esportista, que é para controlar toda uma massa que quer ser aquilo também. Aí aquela massa fica olhando para aquela figura lá em cima e fica “Esse cara é fod*”, e se sente representada por esse cara, e aí a massa não avança, então eles elege um, destacam um, sobe, inflam o ego, pra dizer: ‘ó, tá vendo aí? Tem, tamo acessando, a democracia existe, tá vendo?’ Então nós que tá achando que nós tá fazendo uma coisa muito revolucionária, muitas vezes nós tá controlando os nossos (RUA, 2022),

A afirmação de Galo é bastante real, a própria estrutura excludente de nossa sociedade evidencia o quanto isso é sintomático e essa estrutura se repete em diversos setores, mercado de trabalho, escolas, meios artísticos etc. Dessa forma, faz com que as pessoas acreditem que aquele que está em destaque é um “caso raro”, invisibilizando outras e outros. O caso brasileiro não é uma exceção, como já mencionado, é um sintoma de nossa sociedade capitalista como um todo. O mesmo acontece com o artista grafiteiro Banksy, na Europa, por exemplo, onde ganhou visibilidade com seu trabalho que é vendido por milhares de dólares. No documentário “Graffiti Wars”⁵⁰ (OZZILOST, 2012), isso fica evidente quando colocamos lado a lado

⁴⁹ Paulo Galo foi preso por queimar a estátua de Borba Gato em São Paulo, é ativista e criou o Coletivo Revolução Periférica (GOMES, 2021). Acesso rápido a entrevista através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=q5CgOmOUJQU>

⁵⁰ Acesso rápido em: https://www.youtube.com/watch?v=bPanruXr_bg.

os trabalhos de Robbo e Banksy. Sem contar que, sempre as grandes referências do meio artístico foram figuras masculinas, em sua maioria heterossexuais, cis⁵¹, brancos, de classe média ou alta. Como já mencionado anteriormente, os “grandes nomes” destacam-se: Pablo Picasso, Salvador Dalí, Vincent Van Gogh, Monet, Leonardo da Vinci, Delacroix, entre outros. Esta questão já foi devidamente assinalada neste trabalho, através de citações de Linda Nochlin e Tamar Garb, no início do capítulo (TAMAR GARB, 1998, 231 p. apud EDUARDA OLIVEIRA, 2021).

O problema está não tanto no conceito de algumas feministas sobre o que seria a feminilidade, mas, certamente, na equivocada concepção compartilhada com o senso comum do que seria arte: a ingênua ideia de que arte é a expressão individual de uma experiência emocional, a tradução da vida pessoal em termos visuais. A arte quase sempre não é isso; a grande arte nunca o é. O fazer arte envolve uma forma própria e coerente de linguagem, mais ou menos dependente ou livre de convenções, esquemas ou noções temporalmente definidos que precisam ser aprendidos ou trabalhados através do ensino ou de um período longo de experimentação individual (LINDA NOCHLIN, 2016).

Neste fragmento, Linda Nochlin deixa claro um outro problema existente no discurso machista, que reverbera nos meios artísticos: a afirmação de que a mulher é um ser dócil, por isso, fará uma arte igualmente dócil. Nem a primeira afirmação, nem a segunda são verdadeiras, a arte não é para ser dócil e as mulheres não são ingênuas, tolas ou frígidas.

O apagamento em torno das mulheres e a distorção de suas poéticas aconteceu durante muito tempo e ainda ocorre nos meios artísticos contemporâneos. Como já citado por Linda Nochlin, essa ideia distorcida de que a arte feminina é de certa forma uma arte “ingênua e emocional”, leva a deslegitimação dos trabalhos femininos. Vale ressaltar aqui que existe um grupo enorme de mulheres pixadoras e grafiteiras que fazem arte urbana e que vêm sendo invisibilizadas por esta estrutura excludente. A verdade é que as mulheres sofrem, neste caso, um tipo de violência. O que ocorre aqui, não é uma agressão explícita, na verdade é o oposto da ação, é a

⁵¹ “Cisgênero” é uma palavra composta por justaposição do prefixo “cis” ao radical “gênero”. O prefixo “cis”, de origem latina, significa “posição aquém” ou “ao mesmo lado”, fazendo oposição ao prefixo “trans” que significa “posição além” ou “do outro lado”. “Cisgênero” estabelece uma relação de antonímia com a palavra “transgênero”. Portanto, “Transgênero” é uma palavra rotineiramente utilizada como forma de designar pessoas cuja autoidentificação de gênero não coincide com o gênero atribuído compulsoriamente ao nascimento em virtude da morfologia genital externa, podendo incluir travestis e transexuais. Desta forma, “cisgênero” é utilizado para designar aquelas pessoas que não são transgêneros, ou seja, aquelas cujo gênero auto identificado está na “posição aquém” daquele atribuído compulsoriamente ao nascimento em virtude da morfologia genital externa.” (BEATRIZ BAGAGLI, 2018, p. 15).

não ação, é o colocar em segundo plano, o não falar, o não selecionar, o não expor, que faz com que a opressão ocorra.

Retomando o artigo de Pereira (2023), “Onde estão as meninas? Questões para pesquisas sobre culturas juvenis hegemonicamente masculinas”, o autor fez uma pesquisa no point de pixação (o famoso point do centro) de São Paulo em 2008, as artistas aqui mencionadas (Jack Parceiros, Bia Fúria, Paloma Sujeitas) são algumas das mulheres que frequentam o point de pixo a bastante tempo. Elas mesmas já afirmaram a massiva presença masculina nos points, onde a presença feminina era rara, mas que nos dias de hoje aumentou significativamente. O autor afirma que encontrou poucas meninas no point e percebeu a quantidade massiva de figuras masculinas no ambiente, o que o levou a questionar sobre a performance da masculinidade e sobre a possibilidade da pixação, de certa forma, trazer a questão da “virilidade masculina” como discurso

Das centenas de jovens que se reuniam no chamado *point* da Vergueiro todas as terças-feiras, encontrei-me apenas com cinco meninas e em pouquíssimos momentos. Embora inicialmente não tivesse abordado essa prática a partir da dimensão de gênero, ao longo da pesquisa, que prosseguiu por alguns anos, surgiram-me questões próprias de determinado exercício de valores masculinos ou de um tipo de masculinidade hegemônica, conforme a discussão de Connell (1995), ao tratar do processo de construção de assimetrias em relação ao feminino e no interior das diferentes formas de performatização das masculinidades. Passei, então, a atentar mais para a pixação a partir de certa afirmação de si e de uma ideia de virilidade, que se apresentava por meio das proezas arriscadas, elemento central de uma competição pelos muros, que se estende por toda a cidade (PEREIRA, 2023, s.p.).

É necessário entender que a lógica binária - a qual nossa sociedade estruturou - está desmoronando, pois a lógica de práticas determinadas às mulheres e aos homens já transgrediram os espaços e não mais cabe um pensamento reducionista em torno deste tema. Como já citei anteriormente, é um sintoma capitalista o destaque de somente uma figura, o que inviabiliza outras que também estão buscando alguma posição dentro do movimento em que estão inseridas.

É notório que existe um destaque maior em relação a uma figura masculina na pixação e é comum que este tipo de situação se repita nos meios artísticos e acadêmicos. Se formos analisar, por exemplo, nos movimentos de Vanguarda, é sempre um artista homem cis quem ganha maior destaque. O mesmo ocorre no meio acadêmico: as mesmas citações, sempre dos mesmos autores, geralmente europeus e brancos. Isso não quer dizer que não existiam outras mulheres no meio, que

estavam, também, fazendo arte de qualidade. Na verdade, é apenas um dos sintomas da nossa sociedade excludente.

Atualmente, como as políticas têm mudado, há pressão em torno das instituições de arte para que sejam menos machistas, ou seja, homofóbicos e racistas têm crescido. Entretanto, a ideia capitalista e seus apoiadores têm dado seu próprio jeito de resolver isso, ao colocar panos quentes e mascarar a inclusão, “Veja, se colocarmos uma mulher aqui, somente uma, não vão nos chamar de machistas”. É realmente como se existisse uma cota para as mulheres no meio da arte, como já mencionado pelas meninas do graffiti na LIVE. É como se os pares masculinos já tivessem um acordo entre si em representar seus pares, fechando-se sempre aos mesmos, sem buscar conhecer o trabalho e a trajetória de outras mulheres e dar espaço a elas.

É como se a pixação já tivesse um estereótipo nos meios acadêmicos, artísticos e nos meios midiáticos, não vamos além disso, não contestamos, não buscamos entender o pixo além da esfera masculina e paulistana, o mesmo discurso é reproduzido repetidas vezes. Se o pixo busca dar voz aos menos favorecidos, por que sempre os mesmos indivíduos são mencionados? A pixação é a mesma no Brasil inteiro? A pixação só existe em São Paulo e somente entre os mesmos artistas masculinos? Qual a produção que não faz com que o pixo caia novamente em um clichê?

O movimento que desejamos fazer nunca poderá ser feito sozinho, mas sempre em coletividade, esta coletividade envolve os homens e as mulheres. Não podemos deixar de lado a competitividade que ainda acontece entre os pares femininos, que infelizmente é um “tiro no pé”, pois é exatamente o que o sistema capitalista deseja, a desorganização, a competitividade, a individualização, pois assim, nunca conseguiremos ter força para combater a misoginia, é um jogo que se joga contra nós mesmas. Entretanto, não se pode vencer o machismo sem a cumplicidade essencial dos homens com as mulheres, tal cumplicidade que já ocorre no meio do pixo entre muitos pixadores e pixadoras, ou seja, filógenos⁵² que querem que as minas também estejam no corre da rua. E, para que isso aconteça, é necessária uma reflexão, uma abertura e um diálogo entre homens e mulheres do meio da pixação, para que estes estereótipos, nocivos para ambos, sejam quebrados.

⁵²Homens que possuem amizade, respeitam e admiram mulheres de forma igual.

Com certeza, com a união e respeito mútuo nas ruas, a pixação ganha uma potência ainda maior, de modo a reivindicar, de fato, a anarquia, a revolta e a manifestação da “minoría” que é maioria.

2.3 O CORRE DAS MINAS ENTRE URUBUS E ABUTRES⁵³

No ano de 2021, foi lançado um filme sobre pixação, este relacionado a Bienal de 2008. “Urubus” (2021), dirigido por Claudio Borrelli, produzido por Fernando Meirelles e roteirizado por Djan Ivson Silva, também conhecido como Djan Cripta⁵⁴, foi premiado na Mostra 45° de Cinema de São Paulo, transmitido no Vão Livre do MASP, e lançado oficialmente pelo O2 Play no dia 1° de julho de 2023 (AVILA, 2023). Djan Cripta é um pixador da cidade de São Paulo e participou do ato na Bienal em 2008. Em entrevista, Djan Cripta e Claudio Borrelli afirmam que a história é baseada nas vivências de Djan Cripta e de outros pixadores que o circundam, uma ficção baseada em fatos (BRASILEIRO, 2021)⁵⁵.

⁵³“Urubus” e “abutres” são sinônimos, porém a palavra “abutre” é mais utilizada no exterior, enquanto “urubus” é utilizada no Brasil. A intenção deste jogo de palavras se dá justamente pela exclusão silenciosa das mulheres no meio do pixo brasileiro (urubus) e a consequência disso nos meios acadêmicos e artísticos a nível do exterior, que reconhece os pixadores masculinos, enquanto coloca as mulheres pixadoras em condição de apagamento.

⁵⁴ Djan Ivson é conhecido como Djan Cripta no meio da pixação, ele faz parte do grupo “Cripta”, ele já foi citado no início deste trabalho, na introdução e na menção sobre a Bienal de Berlim em 2012.

⁵⁵ Acesso direto à entrevista através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=InibyFOX-Bw>.

FIGURA 49 - Cartaz do filme "Urubus"



Fonte: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/filme-urubus-ganha-poster-e-data-de-estrela/>,
2023.

Assisti ao filme “Urubus” no espaço Nave Coletiva, em São Paulo, no dia 25/05/2023, onde posteriormente aconteceria um debate sobre o filme. O filme conta a história de Trinchas, um pixador da cidade de São Paulo, e seus colegas de pixação (todos homens), e busca retratar um pouco da “realidade”⁵⁶ dos pixadores daquela época. No filme, Trinchas conhece Valéria, estudante de arte, no point de pixação no centro de São Paulo, os dois personagens envolvem-se amorosamente e Valéria começa a gravar as ações dos pixadores. Na cena que foi representada a ocupação na Bienal, Valéria é presa na ação, assim como aconteceu com Carol Susto’s. Apesar de Valéria não ser pixadora, ela pixa a Bienal e é presa. Em uma cena do filme, a personagem Valéria afirma que até os ministros ficaram sabendo de sua prisão. Assim como aconteceu com o caso de Caroline Pivetta. É inegável a relação direta entre a personagem Valéria e a história de Caroline Pivetta da Mota.

Em uma entrevista concedida para o canal do Youtube “Cinema Sem-Fim”, Borrelli afirma que: “Na verdade tudo que fosse criado, adaptado ou recriado passaria pela aprovação do Djan” e fomenta, posteriormente, na mesma entrevista

Até muito pouco tempo, até antes do último roteiro ela (a Valéria) era uma pixadora, e como estava muito tendo este envolvimento de estudantes de arte começando a se aproximar do pixo nessa época do roteiro, o Djan decidiu trocar ela por uma estudante de arte. Então a minha intenção sempre foi retratar o que é... (SEM-FIM, 2021, s.p.).

Borrelli afirma, na fala acima, que sua intenção era retratar o que de fato acontecia, porém, a decisão da mudança da personagem de pixadora para estudante de arte, foi ideia de Djan Cripta. Em uma entrevista on-line para a Casa do Cinema Brasileiro, Djan Cripta e Borrelli discorrem sobre a produção do filme, o entrevistador pergunta aos dois

O filme ele traz uma uma questão, um fato real que aconteceu, aliás o próprio Djan ele esteve ali naquela aquela ocupação da Bienal em 2008... foi um fato que foi de certa forma até um divisório de como a arte... o pixo acabou sendo introduzido pela academia e tal pela área da arte, enfim, tinha todo esse conceito, mas existem elementos reais esses elementos de ficção ali né? A própria personagem da Valéria ali... Trás esse fio condutor entre o pixo e academia né? Também de certa forma está relacionada ao fato real da “pixadora lá” que foi realmente presa. Vocês tiveram o cuidado de mesclar essa realidade com ficção? E como vocês chegaram a esse tom?... (BRASILEIRO, 2021, s.p.).

⁵⁶ Coloco o termo “realidade” entre aspas aqui, pois o filme traz muitos estereótipos, é distorcido da realidade.

Claudio Borrelli responde ao questionamento do entrevistador da seguinte forma

Todo todo todo (gaguejando) esse tipo de decisão sempre tem que ser criado ou autorizado pelo Djan, porque de novo assim, meu objetivo principal era retratar sem nenhuma opinião como é, como é que acontece. Então, essa personagem, ela entrou já nos últimos roteiros. Depois de 10 anos já, porque ela era uma pixadora. A gente tava indo... aí o Djan falou: "Não, vamos transformar ela numa estudante de arte" (BRASILEIRO, 2021, s.p.).

Novamente, Borrelli afirma que tudo o que fosse criado e adaptado para o filme passaria, primeiramente, pela aprovação do Djan. Ainda na entrevista, Djan explica o motivo da escolha de uma estudante de arte, ao invés de uma pixadora

Não tinha como a gente contar todas essas histórias, ia ser outro filme, sabe? Então a gente tinha que juntar aquela história ali que era baseada mais nas minhas vivências da rua ali do final dos anos 90 com começo dos anos 2000, e aí como chegar na Bienal? Então a gente teve a preocupação de dar sentido para a história do filme para que aquilo tivesse um contexto. Então a Valéria surgiu para resolver essas questões né (...) Além disso também outra coisa que tinha muito recorrente nestes últimos anos é a relação de pixadores com acadêmico, muitos estudantes vieram fazer sua tese em cima do pixo, então a gente passou de fato se relacionar com essa galera da academia, tipo, a criar laços mesmo né, fazer amizade, até alguns romances surgiram de pixadores e acadêmicas e tal, isso também foi uma realidade que a gente adaptou para história que deu sentido bastante sentido né... (BRASILEIRO, 2021, s.p.).

Djan Cripta afirma que a troca foi necessária para dar sentido à história, já que estudantes de arte também estavam envolvidos com o movimento da pixação naquele momento. Todavia, na verdade, na criação de um filme, existem milhares de possibilidades de escolha de roteiro, a opção escolhida por Djan Cripta foi a de não existir mulheres pixadoras e substituir o papel importante que seria da pixadora como protagonista da própria trajetória (que era de fato o que aconteceu na realidade, pois Caroline Pivetta era a pixadora que foi presa na Bienal), por uma garota que não fazia parte daquela realidade da periferia, mas que era estudante de arte e morava em uma zona nobre de São Paulo. Claudio Borrelli continua a entrevista ao apresentar sua opinião em relação ao casal Trinchas e Valéria

Engraçado para mim, a relação desse casal, tinha aquela foto do John Lennon em posição fetal com a Yoko Ono, sabe? Que ele era um gênio, e ela parecia, que ela deu base para ele. Essa foto sempre, sempre ficou na minha cabeça nesse sentido... De que ela é que... não no sentido de classe assim, mas no sentido de encontrar, um encontro de almas assim sabe? Eles se encaixam, ela dá a base e ele é aquele artista "à flor da pele" (BRASILEIRO, 2021, s.p.)

Borrelli afirma que Valéria serve como um “suporte” para Trinchas, “ele é o gênio e ela dá o suporte”, afirmação que reforça um estereótipo machista e bastante ultrapassado, de que a mulher não é protagonista de sua própria história, mas está sempre à sombra de algum homem, dando-lhe a base para que ele possa subir. Inclusive, duvido que Borrelli tenha conhecimento desta informação, mas a Yoko Ono⁵⁷ já era artista, performer, antes de John Lennon tornar-se famoso. Ela não precisou do suporte dele para ser bem sucedida, muito menos deu a “base” para que ele fosse artista. Borrelli romantiza algo que não deveria ser jamais romantizado: a opressão e o apagamento da história das mulheres.

Ao refletir estas questões e retornar ao texto de Linda Nochlin, “Por que não existem mulheres artistas?”, Roberta Parpinelli (2015) fomenta, em sua tese de doutorado

Ainda sobre o válido questionamento de Nochlin, era preciso pensar também nessa categoria "grandes artistas" sempre atribuída a homens donos de uma genialidade justificada com argumentos biológicos (ter nascido com um pênis). Pela lógica identitária, não bastava apenas inverter esse jogo na busca pelas grandes mulheres artistas, era preciso desconstruir essa ideia de "gênio", esquema conceptual construído a partir da ótica masculina. Jamais uma mulher ocuparia esse lugar e se o ocupasse seria por derivação desse olhar masculino dominante, uma atividade dinâmica, e não uma essência estática, uma atividade de um sujeito em determinada situação (LINDA NOCHLIN, 1988, p. 28 apud ROBERTA PARPINELLI, 2015, P. 170).

Roberta Parpinelli afirma, na citação acima, como a palavra “gênio” sempre foi associada aos homens para justificar algo que as mulheres não tinham através de argumentos biológicos: se elas não possuíam pênis, então, por consequência, não possuíam a genialidade. A ideia de “gênio” é um conceito unicamente masculino, ou seja, não era possível, dentro deste conceito, que uma mulher seja um “gênio”, pois esta era uma ocupação exclusivamente masculina.

⁵⁷ Artista multimídia, pianista, cantora, compositora, performer, ativista e cineasta Yoko Ono é uma mulher japonesa possuidora de múltiplos talentos, uma longa trajetória nas artes e sensibilidade ímpar. (...) Com o fim da guerra, Yoko retornou à escola e em 1951 ingressou na Universidade Gakushuin, **sendo a primeira mulher em seu país a entrar num curso de filosofia**. Pouco tempo depois, em 1952, acaba se mudando com seus pais para Nova Iorque, onde passa a ter contato com movimentos artísticos e políticos ligados à contracultura. Influenciada por essa atmosfera, sua relação com o mundo e com a arte se transformam. Em sua jornada artística Yoko flerta com diversas linguagens. Além dos experimentos com som, ao longo de sua produção destacam-se trabalhos na área da performance, pintura, esculturas, objetos, videoarte e arte relacional, cinema e música. (...) Entre o fim da década de 1950 e 1960, Yoko enfatiza suas investigações nas artes visuais sob influência de movimentos ligados à arte conceitual que cresciam naquele período, atrelados à contracultura sob influência de perspectivas e críticas feministas sobre a sociedade patriarcal (MARAVILHA, 2022).

A personagem do filme *Urubus* foi retratada como, somente, “a namorada do pixador”. Devemos separar o milho bom do milho mofado, apesar de não ser um filme que busca retratar a realidade, mas sim um filme de ficção inspirado em fatos, ainda assim o papel feminino dentro do longa-metragem é subserviente, a partir do momento em que a figura feminina é colocada novamente como a “base”, a “namorada” do artista. Um filme de pixação em que não existem mulheres pixadoras, somente homens.

Sinto que enquanto eu estiver escrevendo esta dissertação, serei agraciada por momentos inesperados e que contribuem para a escrita dela. Em uma sexta-feira de novembro de 2022⁵⁸, após um dia longo de trabalho de quase 15 horas consecutivas, não estava na pretensão de sair com meus amigos, mas mesmo assim, pressenti que deveria ir. No bar *Camaleão*, na Rua São Francisco, os “*Engraxates*”, três jovens que fazem mixagem com discos de vinil, iriam tocar naquela noite. Como eu amo o som deles, decidi ir, era tarde, meus amigos já haviam entrado no bar, a fila não era muito longa, deveria demorar uns 20 minutos para que eu pudesse entrar. Estava sentindo muito frio e estava sem meus amigos, mas mesmo assim decidi esperar. Uma menina bate em mim sem querer, ela está atrás de mim na fila para a entrada do bar, quando aponto o olhar para o seu lado, me deparo com *Bella Camero*, a atriz de *Urubus*. Ali mesmo, na fila do bar, entrevistei-a.

A atriz não sabia exatamente qual era o recorte de minha pesquisa, na verdade, não quis contar para ela naquele momento, apenas falei que fazia mestrado, que pesquisava pixação e que adoraria gravar uma entrevista. Ela permitiu. Como a fila não era comprida, acabei fazendo várias perguntas em um curto período de tempo, tentei aproveitar ao máximo o tempo que tinha com a atriz. Comecei a conversa assim: “Fala ai Bella! (...) Quantas minas que tinham (no filme *Urubus*)?” Bella respondeu

(...) No filme? Foi inspirado no rolê da Bienal do Vazio, tá ligada? E aí, a minha personagem foi uma mistura de uma namorada que o Djan teve que era estudante de artes, com a Carol. Que foi a mina que foi presa na Bienal, que é uma pixadora mesmo. Então no filme eu não fazia uma pixadora, fazia uma estudante de arte. E realmente, não tinha, tipo, no grupo, uma pixadora mina (BELLA CAMERO, 2022).

⁵⁸ Nesta ocasião eu ainda não havia visto o filme *Urubus*, pois ainda não havia sido lançado em plataforma digital, o filme havia passado poucas vezes em eventos específicos em São Paulo.

Eu, muito intrigada com a resposta, pergunto novamente “Não tinha nenhuma mina?” Bella respondeu “Não. Foram algumas minas, quando tipo, no dia da invasão foi uma galera, apareceu umas minas...” Eu perguntei “Mas pra participar do filme assim?” Bella respondeu “Não, não tinha.” (BELLA CAMERO, 2022), falei “Que foda em?” ela responde “É! Faltou.” Eu continuo a conversa com outra pergunta: “Mas no filme você (a personagem Valéria) é presa na Bienal?”, ela responde que sim. Eu pergunto “Mas é só você (a personagem Valéria) que foi presa (no filme)?” ela responde “Só! Aí lá na Bienal mesmo foi só essa menina, a Carol, que era pixadora mesmo, que quando ela é presa ela grita ‘Eu sou pixadora! Eu sou pixadora!’”. Eu pergunto se a Valéria reproduz esse grito da Carol no filme, ela responde que não, pois a personagem não era pixadora. Então decido perguntar “Mas então por que ela foi presa? Se ela não pixou?” Bella responde que apesar da personagem não ser pixadora, ela pixa a Bienal. Neste momento, fiquei refletindo... a única moça do filme, que pixou a Bienal, era uma estudante de arte, mas, não era pixadora. Eu pergunto a Bella “Você consegue ver ela (a Carol) nesse filme?” Bella responde

Não, porque a personagem não é pixadora... e a Carol é pixadora... (...) Mostra muito o rolê, mas tem uma coisa muito machista de fato né? No mundo, e no pixo também, ainda mais naquela época, agora as mina estão super representando, essas que depois eu descobri (BELLA CAMERO, 2022, s.p.).

Bella afirma que não conhecia artistas pixadoras mulheres, e que buscou por conta própria saber quem eram, diz que conheceu o trabalho de Eneri⁵⁹ e Bella Ama Janela⁶⁰. Ela afirma na entrevista “Além do mundo ser machista pra caralho, no pixo também é muito!”. Eu, novamente, refleti o pensamento subdesenvolvido dos diretores e roteiristas, perguntei “Mas os diretores não se preocuparam em botar uma mina?” Bella parece estar um pouco envergonhada, ou talvez preocupada com a pergunta, e responde “Eu não sei se é porque estava tentando ser fidedigno ao grupo da época, mas de fato...” (BELLA CAMERO, 2022)

Neste momento, fiquei refletindo a colocação contraditória e confusa que Bella fez. Ao mesmo tempo que os diretores estavam buscando ser fidedignos à realidade, eles estavam retirando as minas que fizeram parte daquele momento, e

⁵⁹ Eneri (Irene ao contrário) é uma artista natural de São Paulo. Ela começou a desenvolver sua tag nos anos de 2013/2014. Em 2019 começou a escalar os prédios de São Paulo para fazer seus letreiros. A artista faz parte de uma griff chamada “Pra Sempre Maloqueira” cuja sigla é “PSM” e da “Loko é Poko” que são tags, no pixo ela também assina OS+FORTES e Círculo Vicioso.

⁶⁰ Bella Ama Janela também é uma escaladora de São Paulo.

principalmente, retirando a figura de Carol Susto's, ponto chave da discussão. Continuando minha entrevista com Bella, fomento: "Mas no grupo da época tinha umas mina pixando ali né? A Carol, a Pequena do Cripta⁶¹..." Ela afirma que eu estou certa, que sim, existiam ali naquele momento mulheres pixadoras, mas mesmo assim não me contive em perguntar novamente "Mas eles não quiseram colocar? (As minas pixadoras)", Bella responde "É, não sei... Uma boa pergunta inclusive para eu fazer..." Bella ri, demonstrando não saber direito como responder a minha pergunta. Nesse momento, a fila andou e decidi desligar o gravador e descontraí um pouco com ela. Depois que a fila estava bem perto da entrada, peguei o gravador novamente. Falei "Pô, só tem uma coisa que me intriga, tá ligado? No filme os diretores colocam as minas como coadjuvante assim né?" Bella me responde: "Ah, mas é isso, tem essa questão, né, de tipo... Agora tá gravando? Não tá gravando não né?". Nesse momento, Bella pede para que eu pare de gravar a conversa, a fila caminha mais um pouco depois de nosso diálogo final, em seguida entramos no bar (BELLA CAMERO, 2022). Meu diálogo com Bella instigou-me ainda mais a escrever sobre este assunto no meu trabalho de dissertação, pelo fato de a atriz não fazer parte do meio da pixação, consegui compreender ainda mais a visão externa das pessoas que não participam deste meio, ainda existe um estereótipo instaurado, em que é naturalizada a não presença das mulheres no campo.

Quando estive em São Paulo para assistir o filme *Urubus na Nave Coletiva*, após o filme houve um debate, na mesa estavam Djan Cripta (roteirista do filme), Galo de Luta, Eneri e Andreza Delgado.

O debate durou cerca de uma hora, diversas perguntas foram realizadas sobre o filme, uma das únicas perguntas feitas sobre gênero por Andreza Delgado se direcionou à Eneri perguntando "Pra você, como é além de ocupar essa cidade e dizer "ela é minha" como é essa questão do atravessamento da questão de gênero?", a pergunta acabou sendo abrangente em relação a questão de gênero, Eneri respondeu

Eu acho que até no filme isso acabou sendo um reflexo né? Acho que até no filme, a gente que é mulher acabou começando a cada vez mais dominar esse tipo de espaço, mas ainda falta muito. Principalmente na época em que o filme foi retratado, era uma época onde tinha menos mulher fazendo, mas ainda sim tinha mulher fazendo e tinha expressão dentro do movimento... só que pra mulher acaba sendo muito mais difícil, até como no filme acaba

⁶¹ A pixadora "Pequena" também fazia parte do grupo "Cripta", era muito próxima de Carol Susto's na época que pixavam em 2008. Carol e Pequena apareceram no documentário "PIXO", invadindo e pixando a cobertura de um prédio.

sendo retratado, questão de maternidade, questões de gênero, principalmente naquela época, não dava para fazer registro tão acessível quanto hoje, e vejo muito relato de mulheres do começo, e tinha aquela dúvida. Como se elas não fossem capazes de fazer as mesmas coisas que os homens que estão dentro do movimento, até mesmo tirando essa questão física de achar que a mulher não tem a capacidade de escalar, de que não tem a coragem de estar na rua fazendo e realmente eu acho q a rua é um ambiente hostil pra caralho pra gente que é mulher(...) Acho que ainda tem muita coisa pra abrir, muita mulher pra ocupar, tem que ser muito mais expressivo do que já está sendo, acho que a tendência é continuar crescendo (...) (informação verbal)⁶².

Não compreendi exatamente o porquê da escolha de Eneri, Galo e Andreza no debate, mas o fato é que a pergunta feita não tem a ver com o filme, mas com a trajetória de Eneri nas ruas sendo mulher. Ela afirma que “até no filme” foi trazida a questão de gênero, através da questão da maternidade, mas na verdade não houve a representação de nenhuma artista pixadora feminina no longa-metragem. Ela afirma que, antigamente, o registro era mais difícil, no caso, o registro de fotografia, o que também dificultava que estas mulheres fossem reconhecidas. Porém, como não é possível perceber que as mulheres foram apagadas da história do filme? Por mais que não existissem um grande acervo de registros fotográfico destas mulheres, elas existiram e estiveram nas ruas, os homens do movimento poderiam/ podem negar a existência dessas figuras, mas isso não quer dizer que elas não estavam lá, ou então se manifestarem a favor da representação feminina no filme, independentemente se se trata de um filme ficcional ou não.

Outra pergunta de Andreza que quero destacar foi a pergunta sobre estereótipos, ela pergunta “Vocês acham que o filme tem a potência de combater estereótipos?” Djan Cripta responde

Sim, eu acho que o filme vai abrir ao menos uma percepção de quem é leigo para entender um pouco o contexto do pixo. Se ele vai combater estereótipos é meio difícil, pois nossa sociedade em si já é estereotipada. A gente aceita os estereótipos que as elites criam pra nós com muita facilidade(...) (informação verbal).⁶³

Na verdade, o filme só reforça um estereótipo sobre a pixação: a quantidade massiva de homens no meio, e nenhuma mulher como representante, o linguajar e atitudes dos personagens que, não necessariamente, são assim dentre todos os pixadores e pixadoras na realidade. Djan Cripta afirma que o estereótipo é criado pela

⁶² Debate no “Nave Coletiva”, dia 25/05/2023, às 19h, em São Paulo, fala da artista Eneri, informação verbal.

⁶³ Debate no “Nave Coletiva”, dia 25/05/2023, às 19h, em São Paulo, fala do artista Djan Cripta, informação verbal.

sociedade elitista, mas mesmo no meio da pixação, um meio nada elitista, por meio deste filme, reforça um estereótipo. Eneri respondeu a esta mesma questão da seguinte forma

Eu acho que ele quebra muito, eu acho que ele tem muita coisa pra ser quebrada, principalmente pro pessoal do Brasil, São Paulo, pro pessoal que vem de fora, eles conseguem perceber bem mais essa potência. Mas pro pessoal daqui ainda acho que tem que ser muito debatido, porque é algo que tem um preconceito muito forte. Com relação a quebra da identidade de gênero, acho que fica aí aberto para um próximo filme (risos) para falar mais da questão feminina dentro da pixação (informação verbal).⁶⁴

Posso perceber um certo constrangimento na expressão e na fala de Eneri, a partir do momento em que ela ri no final de sua resposta, momento no qual ela mesma identifica que o filme não aborda as questões femininas, sequer representa qualquer mulher artista pixadora. O problema do apagamento feminino nos meios artísticos e acadêmicos é um assunto importantíssimo e que deve ser levado a sério e, como já mencionei no início desta dissertação, a presença de Caroline Pivetta no evento da Bienal foi histórica e encorajou muitas mulheres a iniciarem suas trajetórias nas ruas. Através da representatividade feminina de Carol Susto's, tudo mudou. Um filme que apaga as mulheres do meio da pixação e transforma uma potência em um " pilar", é reflexo de uma sociedade que apagou as mulheres da história da arte, da ciência, das grandes invenções e as colocou na retaguarda, mesmo quando elas mesmas tomaram a linha de frente.

No dia 06/11/2023, eu estava dando aula para meus alunos do 2º ano do ensino fundamental, quando recebi através da pixadora Bia Fúria a triste notícia de que Carol Susto's havia falecido, vítima de suicídio. Havia algum tempo que não conversávamos, infelizmente, fui surpreendida pela notícia naquela tarde de segunda-feira. Não sei descrever a dor e a angústia que senti naquele dia e nos dias seguintes ao dar-me conta da partida de Carol Susto's. Caroline Pivetta foi a artista que motivou este trabalho de pesquisa, foi através do caso dela, que escrevi em meu TCC em 2020, que comecei a buscar compreender melhor como ocorreu/ ocorre o apagamento das minas na pixação, foi através do caso dela que percebi que esse apagamento ocorria.

Em 2022, fui até sua residência em Porto Alegre, conheci Carol Susto's e sua filha caçula Ísis, pessoalmente. Nesta ocasião, oportunidade singular e extraordinária

⁶⁴ Debate no "Nave Coletiva", dia 25/05/2023, às 19h, em São Paulo, fala da artista Eneri, informação verbal.

de acompanhar a rotina da pixadora, conversamos diversas vezes sobre o seu apagamento no meio do pixo, gravamos áudios e vídeos. A vontade de Carol Susto's era expor esse apagamento que ela e muitas outras mulheres sofreram e ainda sofrem nas ruas.

Em homenagem a Carol Susto's, Bia Fúria, pixadora já citada anteriormente neste trabalho, fez uma intervenção na exposição "Sobre todas as noites não dormidas" de Raoni Moura, que ocorreu na Pinacoteca de São Bernardo do Campo em São Paulo. A exposição trazia como tema a arte urbana e Bia Fúria pintou uma das paredes da exposição onde, seguido do seu pixo, colocou os seguintes dizeres "Sexo frágil? Carol eterna!" (MELIM, 2023).

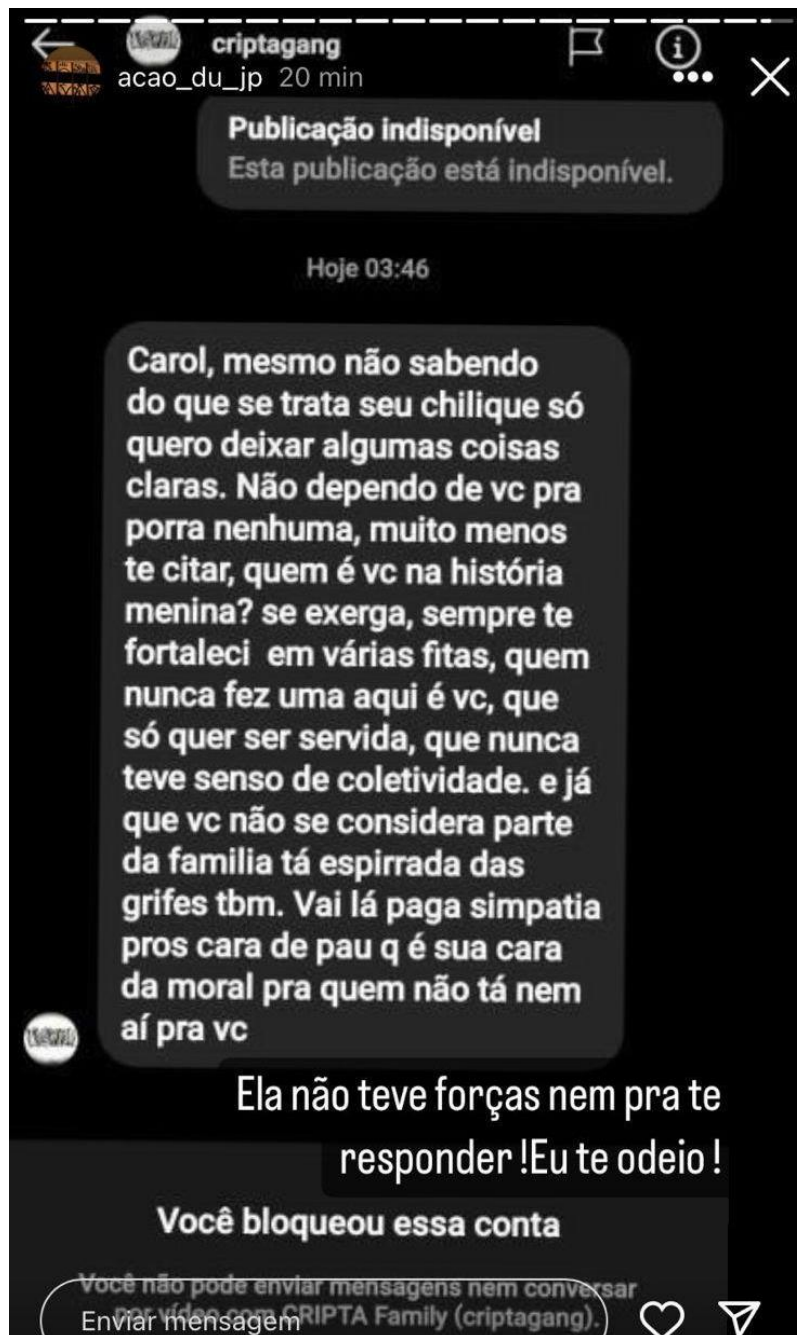
FIGURA 50 - "Sexo frágil? Carol eterna!"



Fonte: <https://www.instagram.com/aquelaquevocosouviufalar>

A morte de Carol gerou debate e polêmica entre pixadores e pixadoras. Diversas postagens aconteceram na plataforma do Instagram durante alguns dias. A grande maioria das postagens foi voltada para o caso do apagamento da história de Carol no filme “Urubus”. Uma quantidade massiva de comentários e posts surgiram sobre o assunto após Djan Cripta fazer uma publicação em homenagem a Carol Susto”s no dia de sua morte, afirmando que ela era uma grande amiga e aliada. Muitos destes comentários denunciavam a falta de boa conduta de Djan Cripta, por ter excluído e atacado Carol Susto”s por diversas vezes, e após sua morte, mudar sua posição em relação a isso. Após o ocorrido, várias pessoas foram bloqueadas pelo pixador na plataforma do Instagram. Em uma das publicações, o pixador Ação Du, amigo próximo de Carol Susto”s, publica um “print” de uma conversa entre Djan Cripta e Carol Susto”s. No diálogo, ele afirma que a pixadora não havia feito nada pelo movimento da pixação, e que não entendia por que ela estava reclamando. Em seguida, o pixador Ação Du coloca na legenda “Ela não teve nem forças pra te responder! Eu te odeio!”. Em seguida, acompanhei diversos comentários sobre o ocorrido, pessoas denunciando comportamentos de Djan Cripta, como agressões, entre outras atitudes.

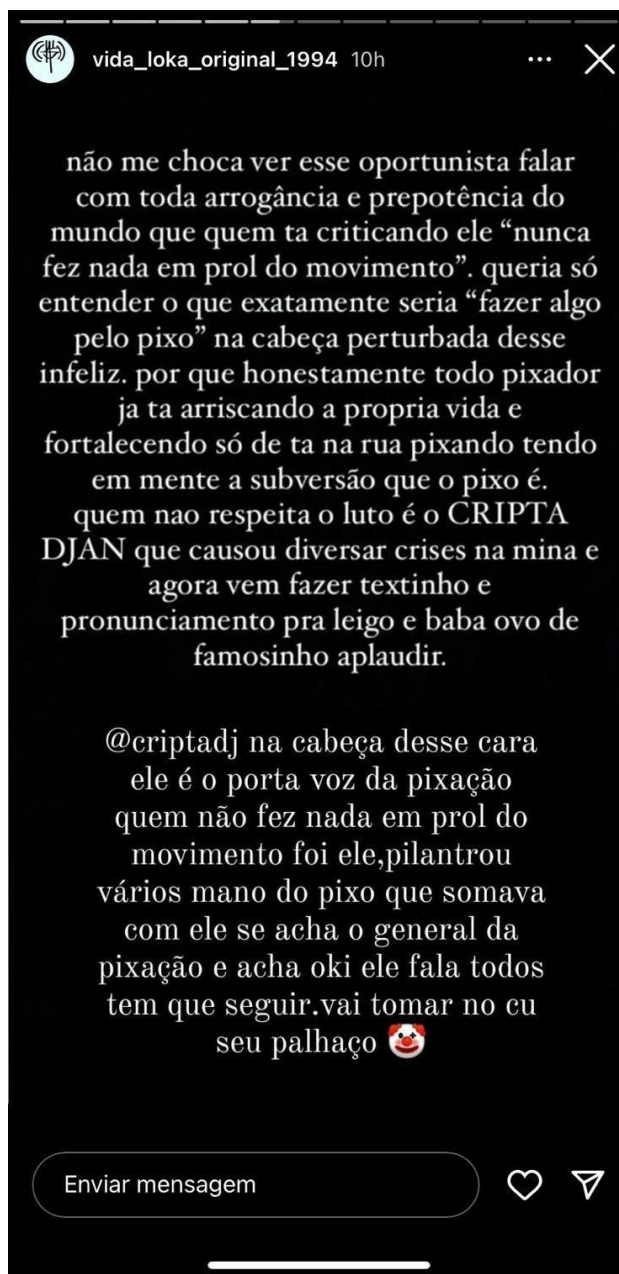
FIGURA 51 - PRINT AÇÃO DU - MENSAGEM DE DJAN CRIPTA PARA CAROL SUSTO”S



Fonte: Instagram/ Acervo pessoal.

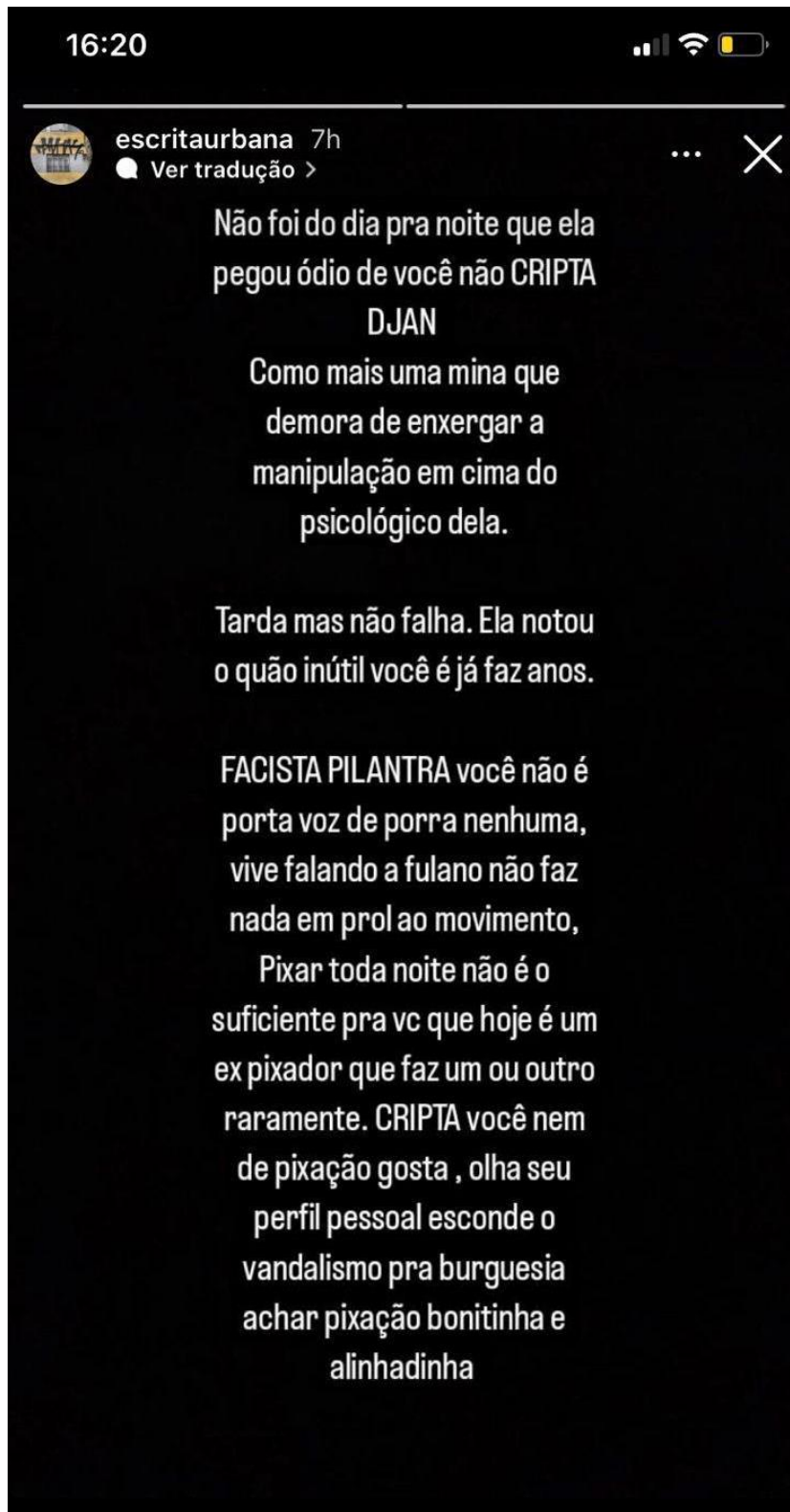
Em outras publicações, artistas da pixação denunciam a falta de boa conduta de Djan Cripta, os usuários “vida_loca_original_1994”, “escritaurbana”, “jackparceiros” “d_e_z_a” e “radar_rais”. A pixadora Deza afirma que já sofreu agressões por parte de Djan Cripta.

FIGURA 52 - PRINT 1 PIXADOR VIDA LOKA ORIGINAL COMENTA SOBRE DJAN CRIPTA



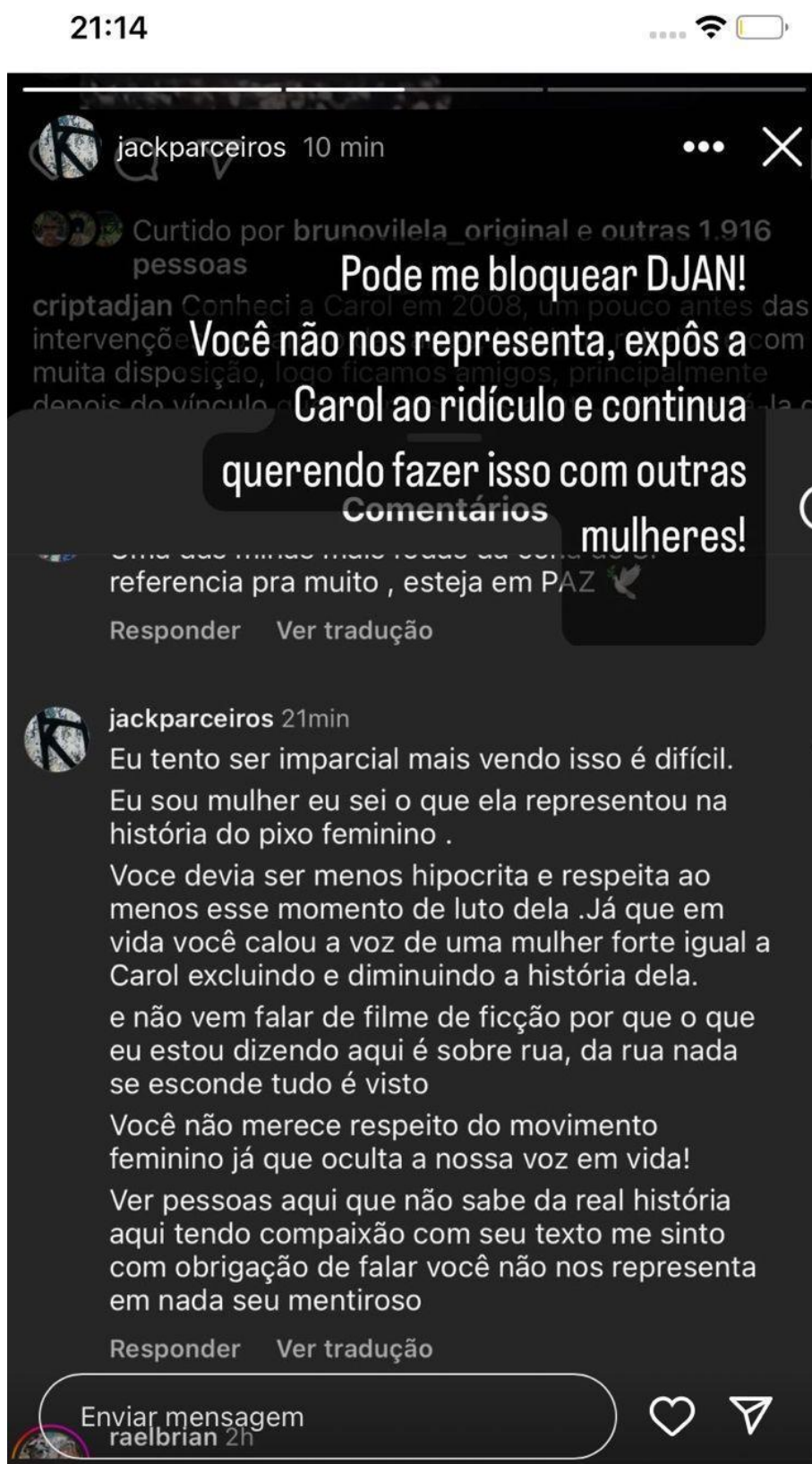
Fonte: Instagram/ Acervo pessoal.

FIGURA 53 - PRINT 2 PIXADOR ESCRITA URBANA COMENTA SOBRE DJAN CRIPTA



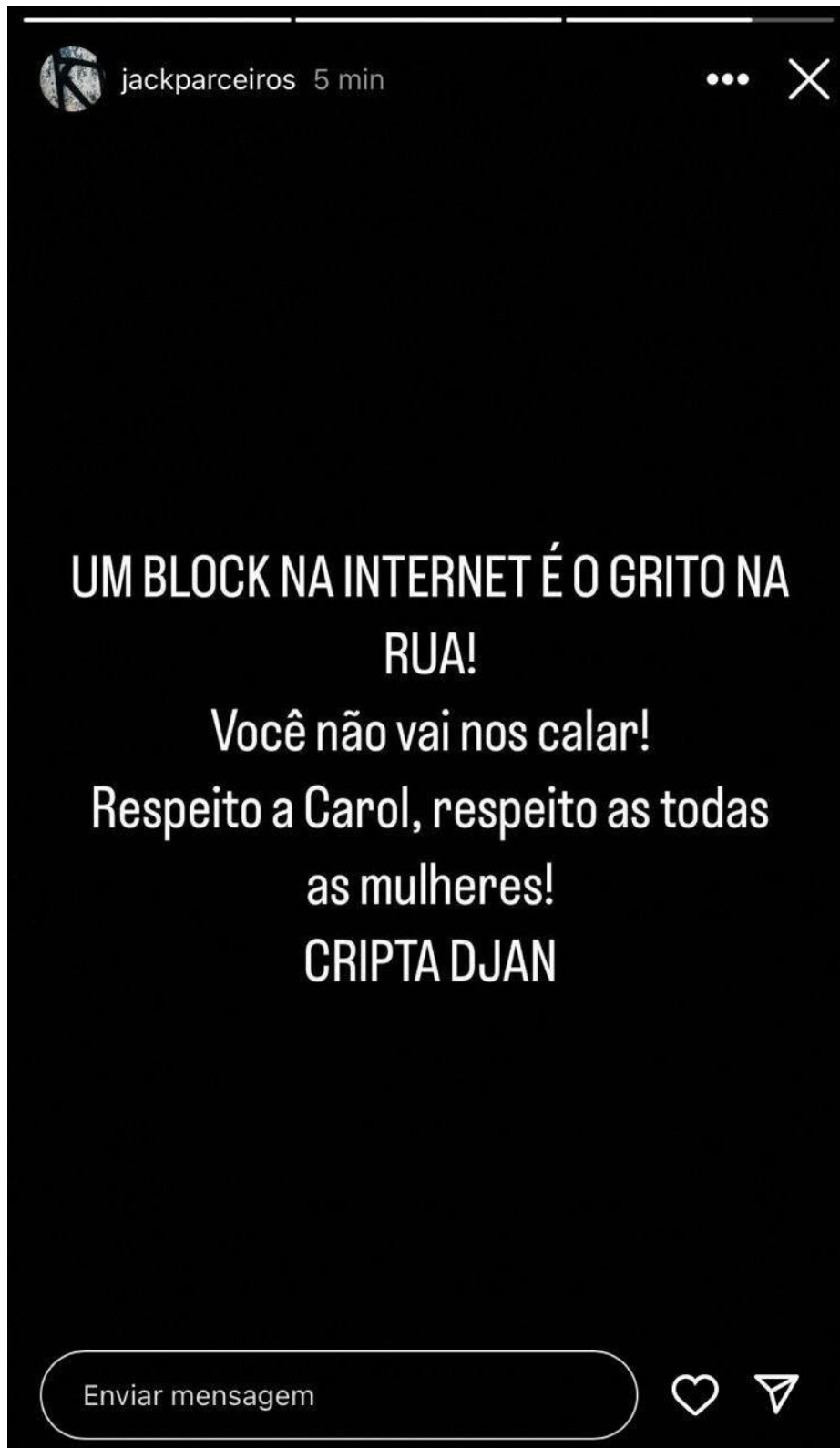
Fonte: Instagram/ Acervo pessoal.

FIGURA 54- PRINT 3 PIXADORA JACK PARCEIROS COMENTA SOBRE DJAN CRIPTA



Fonte: Instagram/ Acervo pessoal.

FIGURA 55- PRINT 4 PIXADORA JACK PARCEIROS COMENTA SOBRE DJAN CRIPTA



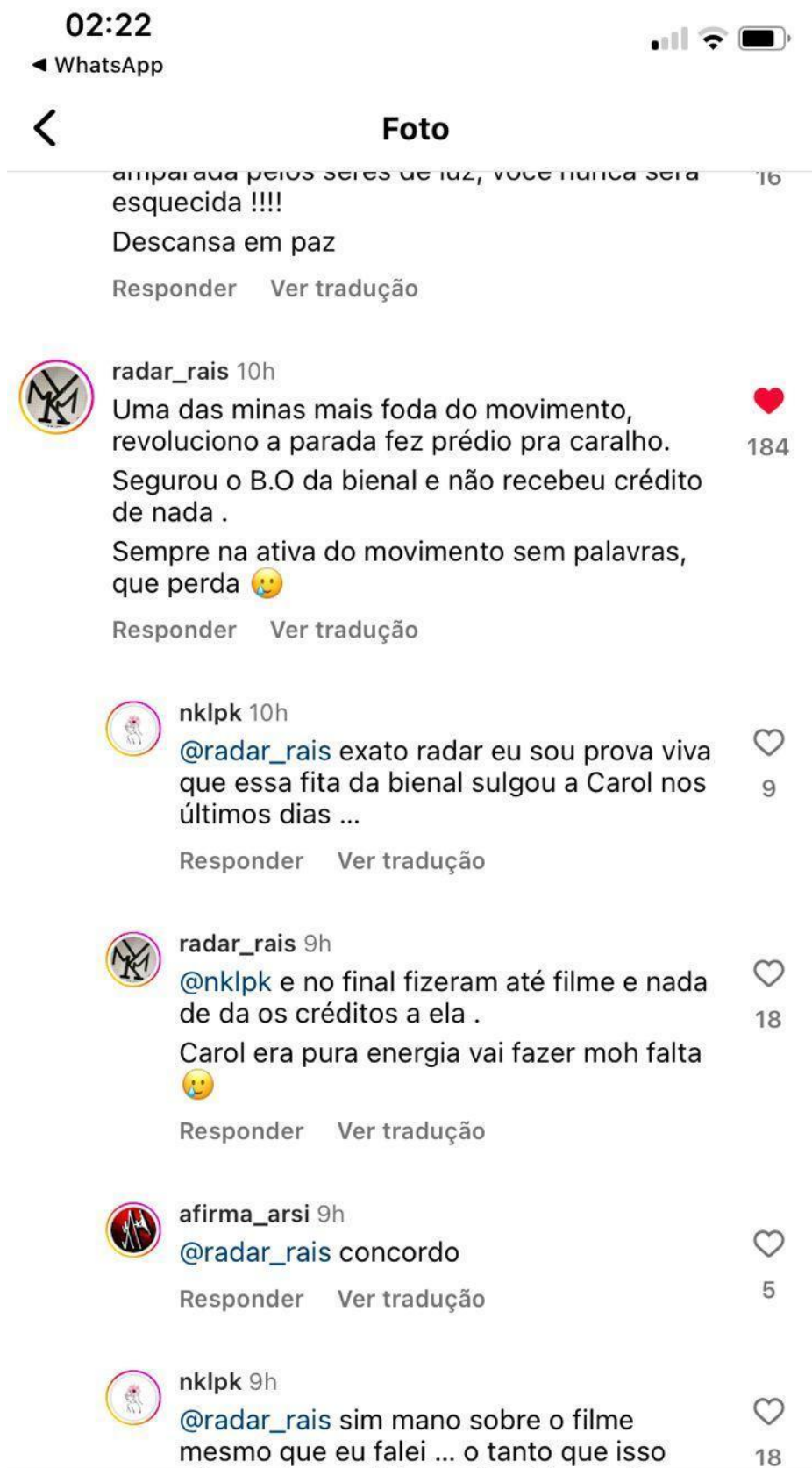
Fonte: Instagram/ Acervo pessoal.

FIGURA 56- PRINT 5 PIXADORA DEZZA COMENTA SOBRE DJAN CRIPTA



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CvVrLwHrY4e4gCKV6SNpS6hYPwui4X9RFXahck0/>

FIGURA 57- PRINT 6 PIXADOR RADAR RAIS COMENTA SOBRE O APAGAMENTO DE CAROL NO FILME URUBUS



Fonte: Instagram/ Acervo pessoal.

Quando estava escrevendo meu TCC em 2020, já havia notado o apagamento da Carol Susto's perante os meios artísticos e acadêmicos. A pouca menção do nome dela em artigos, dissertações, revistas, jornais, convites para exposições me incomodavam e fizeram-me refletir sobre esse possível apagamento que ela, e outras mulheres, poderiam estar sofrendo no meio da arte urbana. Por isso, decidi ir mais a fundo no caso dela para compreender melhor o que estava acontecendo e não fiquei surpresa ao perceber que seus colegas de tinta estavam promovendo seu apagamento de forma muito sutil, não mencionando seu nome, deixando-a de lado.

Após a prisão da artista em 2008, ela foi convidada para outras exposições de arte que aconteceram nos anos seguintes, mas optou por não participar destas exposições e nem se pronunciar sobre. Na notícia, publicada pelo jornal G1 por Kleber Tomaz, em 2010, o pixador Djan Cripta afirma

Tudo o que aconteceu depois daquela ação foi positivo. Quebramos a ditadura da arte. Desmascaramos a curadoria, que havia dito que estava aberta a intervenções urbanas, mas não permitia isso. Agora nos abriu as portas. Dessa vez, vamos entrar na Bienal pela porta da frente (TOMAZ, 2010).

Segundo ele, tudo que ocorreu após a intervenção feita na Bienal foi positivo, obviamente que o pixador não sofreu as penalidades que a pixadora Carol Susto's sofreu após aquele dia. O pixador é descrito da seguinte maneira na matéria: "Cripta, que tem 26 anos, é casado, tem filhos, mora na periferia de São Paulo e trabalha como pintor de paredes." (TOMAZ, 2010). Entretanto, a artista Caroline Pivetta é descrita da seguinte forma pelo advogado Augusto Arruda Botelho: "Ela morando com a mãe e está cuidando do filho que teve neste ano. Ela deve estar trabalhando como artesã". Ao analisar os dois discursos, é possível perceber como Carol Susto's é diminuída na reportagem pelo próprio advogado. Enquanto o pixador é descrito como artista protagonista de sua história, trabalhador e pai de família, a pixadora é colocada de escanteio e em segundo plano ao ser mencionada como "artesã" e "mãe", ocupada demais com os cuidados da criança para se tornar algo além de mãe. Essa é a verdadeira forma que as mulheres artistas são vistas, o prestígio e reconhecimento é desproporcional.

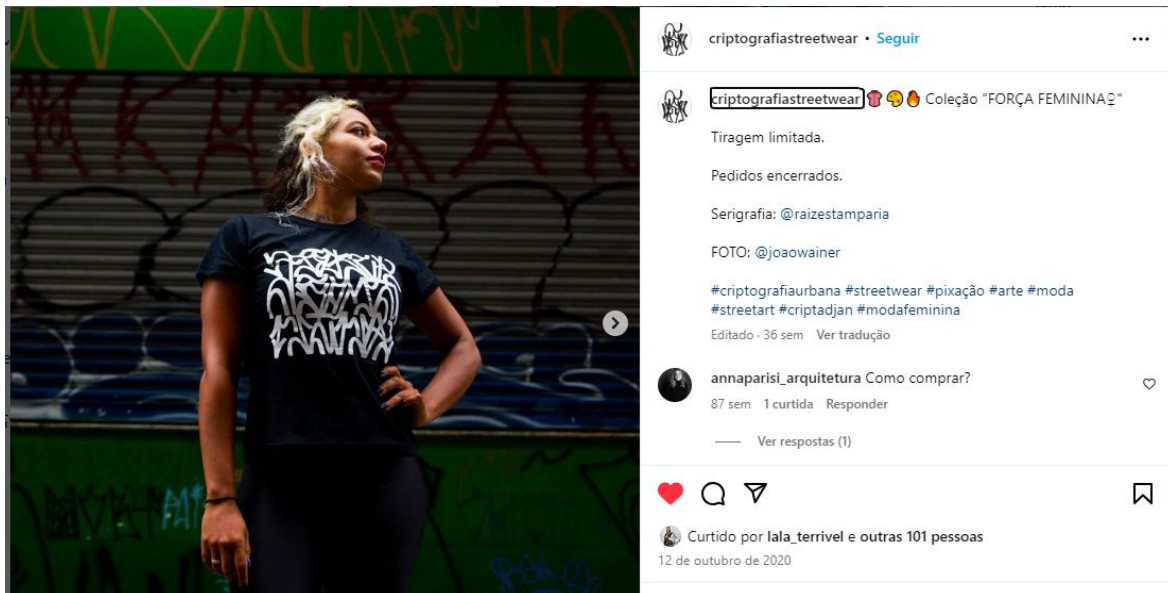
O filme Urubus escancarou ainda mais este fato, já que foi dirigido por um pixador (Djan Cripta) e não houveram representações femininas, ficou ainda mais evidente o apagamento das mulheres neste meio. Infelizmente, o nome de Djan Cripta

foi mencionado até mesmo na notícia de jornal no dia do falecimento de Carol: “A informação foi confirmada por Djan Ivson, o Cripta, do coletivo Pixação SP.” (STRAZZA, 2023).

Quando fui a Porto Alegre para visitar Carol Susto”s em 2022, gravei entrevistas com a artista e ela comentou sobre uma linha de camisetas criada por Djan Cripta, em que o artista criou estampas com a criptografia da pixação, o nome da coleção era “Força Feminina”. Carol Susto”s afirmou em entrevista para a autora desta dissertação

A gente tem que se cuidar também e saber reconhecer quando os caras estão fingindo ser desconstruídos, né? E daí eles causam uma falsa sensação na gente de que eles são firmeza, de que eles tão no corre pela gente também, a favor do nosso corre, a favor do feminismo, mas na real é só tapinha nas costas né? Tem uma linha de camisetas que a frase é ‘Força Feminina’, e quem produziu essa arte foi um cara, quem produziu a ideia foi um cara (...) e as mina só serviu pra ser modelo, ta ligado? (CAROLINE MOTA, 2022, s.p.).

FIGURA 58- COLEÇÃO “FORÇA FEMININA” CRIPTOGRAFIA URBANA POR DJAN CRIPTA



Fonte: https://www.instagram.com/p/CGQDDcFHqXD/?img_index=1, 2020.

A artista Carol Susto”s respirava arte, a prática da pixação era muito presente em seu cotidiano, desde muito jovem, aos 23 anos, quando foi presa na Bienal do Vazio ela já fomentava sobre como a pixação ressignificava sua existência, fazendo com que a sensação de um vazio existencial fosse aos poucos diluída. Em uma

entrevista concedida à Diogines Muniz⁶⁵, jornalista da Folha de São Paulo, quando a artista ainda estava presa na Penitenciária de Sant'Anna, ela afirma

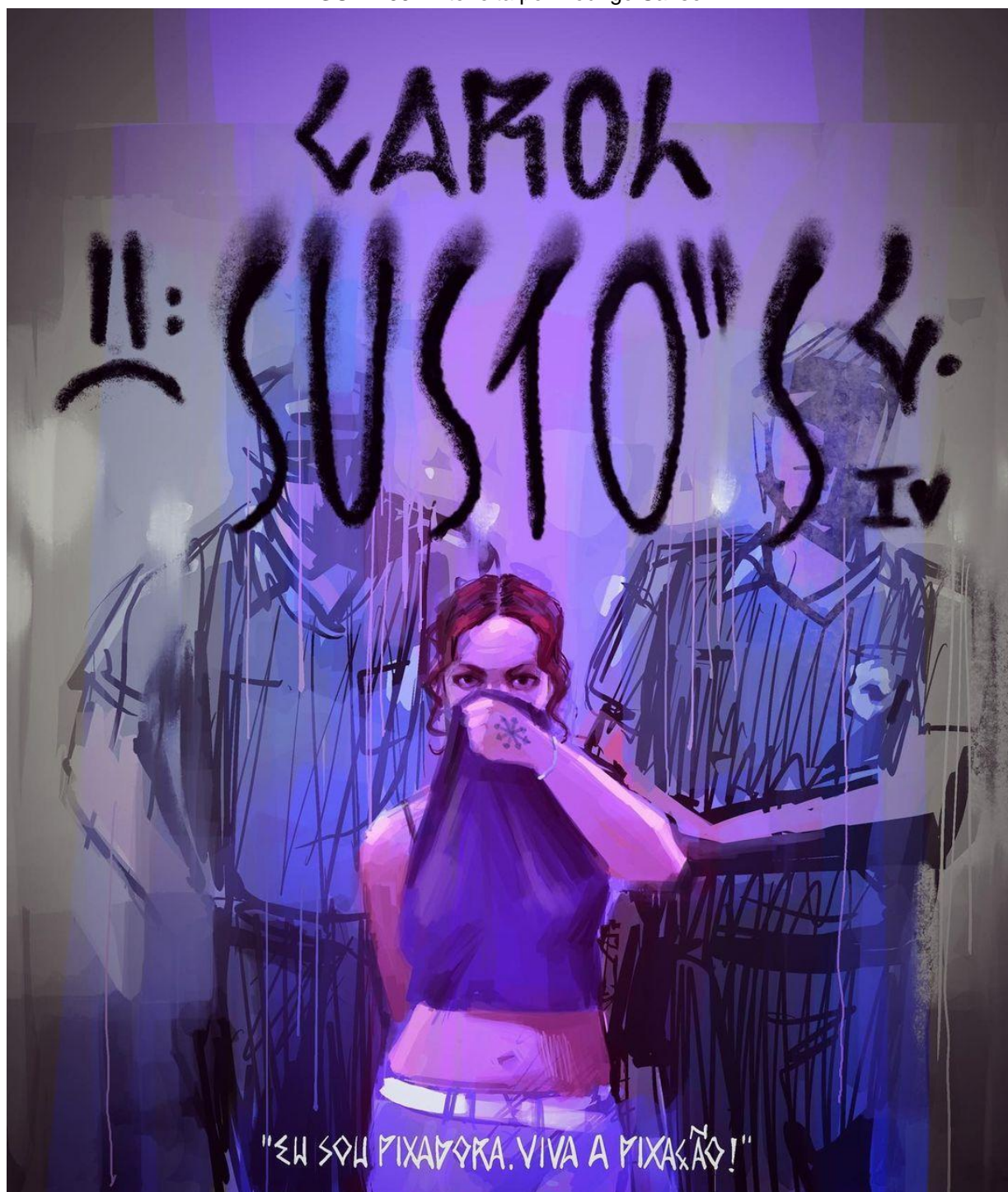
Eu acho que me identifico assim um pouco com o vazio também... né... quando eu comecei a pixar, eu estava sentindo... eu sentia falta de alguma coisa na minha vida, eu sentia falta de alguma coisa e eu não sabia o que era, eu fazia várias coisas e nada cobria aquilo ali, tá ligado? Aquele sentimento de falta, sentia um buraco assim... aí quando eu comecei a pixar parece que foi tapando aos poucos assim, e aí eu encontrei um refúgio (MUNIZ, 2008, s.p.).

Evidentemente que a sequência de fatos, injustiças acometidas contra a artista, o apagamento e silenciamento que ela sofreu perante os pares da pixação levou-a a um estado emocional de calamidade. O sofrimento foi tanto, que a artista desistiu das coisas que mais amava, que além de pixar, era também passar tempo com sua filha caçula, Ísis. Apaixonada por tinta, Ísis acompanhava Carol Susto''s nesta trajetória nas ruas. Essa era a essência de Carol, era estar na rua pintando, incentivando outras mulheres a fazerem seus correos também. Pixação era a base de sua existência.

Carol Susto''s foi a artista que me inspirou a expor, denunciar e trabalhar este tema tão necessário e relevante. Apenas desejo que ela descanse em paz, agradeço imensamente por cada troca que tivemos, por cada momento que passamos juntas, cada reflexão, cada sentimento compartilhado, sem ela isso jamais seria possível. Sua história jamais será esquecida.

⁶⁵ Esta entrevista inspirou o documentário "Pivetta", realizado por Muniz, já mencionado anteriormente neste trabalho.

FIGURA 59: Arte feita por Rodrigo Sansei



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CzkFJpBPUNx/>

3. AS MINA DA PIXAÇÃO

Como já denotado no capítulo anterior, muitas vezes o protagonismo da mulher no meio da pixação não recebe a mesma atenção que a prática masculina. A fragilidade de pesquisas acadêmicas em torno deste assunto levou-me a refletir e a buscar destacar, através de minha pesquisa, figuras femininas do meio do pixo. Após ler e pesquisar artigos, teses e dissertações sobre pixação, encontrei pouquíssimos conteúdos que trouxessem o protagonismo da mulher nas ruas como mote de discussão, tão pouco encontrei muitas mulheres sendo citadas em trabalhos acadêmicos, não existe um levantamento quantitativo em relação a produção feminina nas ruas. A escassez de informações sobre as mulheres no pixo no meio acadêmico tornou-se evidente para mim, após esta pesquisa.

Neste capítulo, abordarei o assunto através da reflexão e argumento de 5 diferentes artistas femininas da pixação, uma de cada região do Brasil: Sul, Sudeste, Centro-oeste, Norte e Nordeste. A seleção de cada uma destas artistas deu-se por suas trajetórias sólidas no meio da pixação, o reconhecimento entre os pares e a constância da prática do pixo. A escolha da seleção de uma artista de cada região do território brasileiro deu-se pela necessidade de ampliação sobre o contexto da pixação fora da esfera somente paulistana, esta descentralização visibiliza mulheres de regiões brasileiras que foram apagadas deste circuito.

Ao entrevistar essas mulheres, preparei um questionário com 31 questões, envolvendo suas trajetórias artísticas e trazendo questões de gênero. As perguntas foram as seguintes

1. Qual é o seu nome? (Caso queira revelar)
2. Qual seu vulgo na pixação?
3. Quando começou a pixar?
4. Ainda pixa? Se parou, qual foi o motivo?
5. Porque começou a pixar?
6. Já grafitou ou só faz vandal? Faz bomb ou throw up?
7. Se já grafitou, que tipo de graffiti fazia?
8. Qual seu ano de nascimento?
9. Onde você nasceu? Qual sua etnia?
10. Onde mora atualmente?
11. Já passou por situações de machismo dentro da pixação?

12. Já passou por algum apuro ou situação de violência na rua por ser mulher?

13. Como a pixação interfere/ faz parte da sua vida?

14. Já fez alguma exposição no meio artístico? Tem interesse em fazer? Se já fez, por favor relate onde, quando e como foi (quanto mais detalhes melhor).

15. Acha que o meio da pixação é um meio machista?

16. Faz parte de alguma griff ou crew?

17. Costuma sair para pixar sozinha ou em grupo? Existem mais homens ou mulheres pixando junto?

18. Acha que existe competitividade entre as mulheres do pixo? Como você acha que isso acontece?

19. Você se considera artista?

20. Tem problemas com a justiça por conta da pixação?

21. Já foi pega alguma vez por policiais? Como foi a abordagem?

22. Já teve algum problema no meio do pixo? Se sim, e tiver vontade de relatar, por favor relate.

23. Já teve problemas com moradores quando estava pixando algum lugar?

24. Qual sua intenção quando se coloca na rua para pixar?

25. Possui amizades no meio do pixo? Como são essas relações?

26. Prefere sair para pixar sozinha ou acompanhada? Por quê?

27. Acha que existe machismo e misoginia no meio do pixo? Como isso ocorreu/ocorre durante os anos que você pixa?

28. Acredita que a pixação é um tipo de arte?

29. Você observa um destaque maior de homens no meio do pixo ou mulheres?

30. Referente ao reconhecimento nas ruas, acredita que as mulheres recebem o mesmo reconhecimento que os homens?

31. Tem filhos (as)? Se sim, como você acha que isso implica no fazer da sua arte? Pensando em questões como: horário para conseguir sair pra pixar, implicações durante a maternidade que, possivelmente, podem ter interferido no processo artístico, questões como: família, como você afirmaria para a sua filha/filho que você realiza um tipo de arte ilegal etc.

Estas perguntas foram enviadas a cada uma das entrevistadas através de e-mail ou Whatsapp. O questionário possibilitou-me uma proximidade ainda maior em

relação ao assunto, entender a perspectiva de cada uma abre os horizontes para uma investigação mais profunda. É interessante perceber que houve diferentes manifestações e reações sobre as mesmas perguntas. A intenção é compreender e investigar a trajetória e o cotidiano artístico destas mulheres, de modo a trazer a perspectiva feminina em relação a pixação como estudo acadêmico, uma vez que a maioria dos estudos acadêmicos aborda a vivência de pixadores masculinos apenas. A seguir as entrevistas com as pixadoras.

3.1 SELVA: Sul⁶⁶

Selva, é uma artista que nasceu e reside em Ponta Grossa, cidade próxima a Curitiba. A artista costuma, além de pixar na sua cidade, frequentar algumas vezes a capital curitibana para fazer pixações. Ela me pediu para que seu nome verdadeiro não fosse revelado, somente o vulgo, que no caso é “Selva”, abreviação de “Selvagem”. Nascida no ano de 1998, em contato com a pixação desde 2021, a artista começou a pixar pela sensação de adrenalina e pelo afrontamento político. Ela afirma que já fez outras formas de arte urbana além do pixo, como “bomb” e “throw up”, mas a que sente maior afinidade é a pixação. Selva pixa na intenção de questionar o sistema capitalista desigual em que vivemos e, apesar da pixação ser contra o sistema, ainda sim a pixadora afirma que o meio da pixação é machista como qualquer outro, ainda com maioria masculina. Segundo a artista, o corre das minas é muito desvalorizado pelos pares masculinos, “Sempre desmerecendo, tipo ‘se você ta pixando com tal cara você tá dando pra ele...’ nunca é mérito seu de verdade...”, aquele velho estereótipo do papel da mulher sempre como “namoradas dos pixadores”, mas nunca protagonista do seu próprio rolê. Atualmente, ela faz parte da grife “Os Debochados”, a artista a fundou juntamente com outras pessoas, mas é a única mulher que assina a grife. As “grifes” e “crews” são, na grande maioria das vezes, compostas por integrantes masculinos, “É engraçado porque eu acho que geralmente as mulheres têm caligrafia mais bonita, elas são mais caprichosas e tal, mas o homem faz uma bosta de um pixo todo torto “Nossa foda!”. A mina faz um pixo monstro e ninguém fala nada...”, Selva afirma que existe uma cumplicidade entre os pares masculinos, que acabam excluindo e desmerecendo o corre das mulheres.

Apesar disso, afirma que os rolês que participam são bastante equilibrados, que sai com homens e mulheres e que também gosta de sair sozinha para pixar. A rua oferece diversos riscos e, infelizmente, muitas vezes a vida de pixadoras e pixadores valem menos que o patrimônio. Selva fala que já atiraram com arma de fogo em sua direção e de seus colegas que estavam tentando pixar um local na madrugada, além de ameaças uso de outros objetos para intimidar e aliciar as/os artistas, como armas brancas, lanternas, celulares etc. Em outra ocasião, ela afirma que foi xingada e que seu colega quase foi atropelado por um morador enfurecido. A

⁶⁶ Uma das artistas que recebeu um grande destaque por seu corre no pixo na região Sul é Caroline Pivetta da Mota, já mencionada anteriormente neste trabalho, que infelizmente faleceu em 06/11/2023.

artista nunca participou de nenhuma exposição de arte, afirma que participaria, se estivesse de acordo com o conceito e propósitos da exposição. Selva afirma que não se considera artista, mas sim “arteira”, pois artistas não são presos.

FIGURA 60: SELVA – PIXAÇÃO EM JANELA I



Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 61: SELVA – PIXAÇÃO EM JANELA II



Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 62: SELVA – PIXAÇÃO SOB MURO



Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 63: SELVA – GRAPIXO SOB MURO



Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 64: SELVA – PIXAÇÃO EM JANELAS



Fonte: Acervo pessoal da artista.

3.2 JACK PARCEIROS: Sudeste

Jaqueline, ou Jack Parceiros, seu vulgo na pixação, é uma artista de São Paulo, nasceu em 1996 em Jandira, Zona Oeste. Jack iniciou sua trajetória no pixo em 2011, a modalidade que ela mais pratica é a escalada e o prédio mais alto que ela já pixou foi em 2013, o edifício tinha 18 andares. Atualmente, continua pixando, porém com um pouco menos de frequência, devido a sua dedicação a vida pessoal. Jaqueline começou a pixar através de um amigo, que pixava de giz na época da escola, afirma em entrevista que acabou se interessando pela prática após pixar “Jack” com um rolinho de tinta próximo a estação Engenheiro Cardozo em São Paulo, o fato de haver guardas no local instigou a atividade da artista naquele momento, segundo ela a adrenalina que sentiu no momento motivou a prática recorrente da pixação. Posteriormente, ela recebeu um convite para fazer parte do pixo “Parceiros”, ela também faz parte da grife “OS + MONSTRO”, foi quando começou a ir aos points e em rolês com a galera do pixo. A artista diz que não faz graffiti e não tem interesse nesta modalidade. Afirma que já passou por diversas situações de machismo e que foi com o tempo que ela conseguiu conquistar seu espaço e admiração de seus pares. Ela afirma que nunca fez exposições de arte e que acredita que a pixação pertence à rua mesmo, não tem interesse em participar de exposições. Ao ser questionada se o meio da pixação é um meio machista ela afirma

Sim, não tem como não ser sendo que a maioria da população do pixo é homem antigamente acho que era pior, mas não vejo como estivesse acabado, não sei como é pra outras mulheres que iniciam hoje pois como havia citado conquistei meu espaço e respeito, então me sinto mais firme em qualquer situação machista (JACK PARCEIROS, 2023, s.p.).

A artista diz que, certamente, antigamente era pior, mas que com certeza ainda o machismo se perpetua neste meio, que apesar de existir machismo, não são todos os homens do meio que tem este tipo de comportamento, afinal, Jack tem amigos que a vários anos pixam com ela, que são em sua maioria figuras masculinas, “não vejo o machismo alcançar um potencial de misoginia (ódio) contra as mulheres mais existe machismo sim”. Ela afirma também

A população do pixo é grande porcentagem masculina então acho que um pixador homem ele tem que fazer bem mais pixos de qualidade pra realmente se destacar, porque pixar qualquer um pode mais tem que ter a qualidade. Já a mulher fazendo pixo sem qualidade já se destaca, se souber fazer com qualidade rápido ergue seu nome mais tem muitas que fazem e somem muito rápido são poucas que permanece por anos (JACK PARCEIROS, 2023, s.p.).

Fiquei refletindo muito sobre essa situação que Jaqueline mencionou, pois é algo que vejo pouca menção em trabalhos acadêmicos, sobre essa importância da qualidade estética do pixo, a artista afirma que o destaque feminino pode acontecer com mais rapidez, mesmo que a estética não seja a melhor. Ela também relata que muitas começam na pixação e logo param. Isso pode ocorrer por vários motivos, mas um dos mais comuns que percebo acontecer através de relatos de muitas mulheres da pixação e do graffiti é a maternidade, muitas vezes elas precisam dar um tempo no corre da rua para se dedicar aos cuidados maternos, entre outras possíveis situações, já que as mulheres tem esse papel de “cuidadoras” na sociedade subdesenvolvida em que ainda vivemos. A artista é mãe de três filhos e afirma “Os horários são sempre corridos pra pixar sabendo da responsabilidade que me cerca em casa com minhas crianças...”, mas ela ainda assim afirma que consegue ter tempo para se dedicar a pixação, apesar da vida corrida como mãe.

Em entrevista ao podcast “Pizza com Graffiti”, Jaqueline conta um pouco sobre sua trajetória e afirma que por diversas vezes foi abordada por policiais e apanhou muito, riscos que a rua oferece às pessoas que pixam (GRAFITTI, 2023). A artista também afirma no podcast “Real Corre da Rua”, onde participou de uma entrevista juntamente a Bia Fúria, que sofreu agressões policiais recentemente, em um rolê onde estava pixando com outros amigos homens, no ocorrido somente a artista apanhou. Ao final desta segunda entrevista, Jaqueline aconselha às mulheres que estão começando a pixar a se preservarem, no sentido de estarem focadas em si mesmas para poder fazer seus próprios corres na rua, pois segundo a artista, muitas vezes a mulher começa a pixar e acaba envolvendo-se com algum homem pixador e quando ocorre algum desentendimento entre ambos, a mulher é quem geralmente costuma abrir mão da prática, por isso ela aconselha viver a pixação, em fazer seu corre primeiro lugar (RUA, 2024).

Figura 65: JACK PARCEIROS – PIXAÇÃO EM JANELA I, ESCADA



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C2QDftExGsm/>, São Paulo, 2024.

FIGURA 66: JACK PARCEIROS – PIXAÇÃO EM JANELA II, ESCALADA



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Crwt5grtw05/>, São Paulo, 2023.

FIGURA 67: JACK PARCEIROS – PIXAÇÃO EM JANELA III, ESCALADA



Fonte: https://www.instagram.com/p/C1913BuLXe4/?img_index=1, São Paulo, 2024.

Figura 68: JACK PARCEIROS – PIXAÇÃO EM JANELA IX, ESCALADA



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CRhM8O8jUn2/>, São Paulo, 2020.

FIGURA 69: JACK PARCEIROS – PIXAÇÃO EM JANELA X, ESCALADA



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CQG-nfJHdl/>, 2021.

3.3 SAPEKA: Centro-Oeste

A pixadora Sapeka, não quis revelar seu nome verdadeiro, somente o nome que usa nas ruas, ela também não revelou seu ano de nascimento. Pixadora de Brasília, Distrito Federal, começou a pixar em 2002 pela adrenalina que a prática a causava, nunca se interessou por graffiti e nem participou de qualquer exposição de arte. A pichadora afirma considerar-se artista sim, e pixa até os dias atuais. Foi muito interessante poder conversar com esta artista, pois ela me explicou algumas coisas sobre a cena da pixação na região Centro-Oeste, mais especificamente, em Brasília, que eu não conhecia. Ela afirma que por a cidade ser baixa (não possuir muitos prédios), isso interfere nas modalidades e estética da pixação, que costuma ser horizontalizada. Ela faz parte da grife “Grafiteiros Sem Lei” e afirma que já enfrentou diversos problemas por disputas e rivalidade no meio do pixo, tanto com figuras masculinas quanto com figuras femininas. A artista afirma que fez parte de grifes (que também são chamadas de gangues em sua região) que eram rivais, isso gerou desacordo por parte dos participantes, que eram homens e mulheres

Acho que por conta de ir pra rolê com os caras onde tinha uns que namorava, as namoradas sempre achavam que eu havia ficado justo com o dela. O pior foi que eu era de uma gangue que tinha guerra com outra, e eu sempre andei dos dois lados, mas nunca neguei, eu andava dos dois lados porque a quadra onde eu moro éramos todos L.U.A (legião unida pela arte). Depois eles brigaram com outros membros e fizeram sua própria gangue e eu não quis, continuei na L.U.A. Mas não era fácil, pois toda vez que eles se encontravam era porrada e eles ficavam com raiva e sobrava pra mim, sempre tinham minas me perseguindo, até que uma gangue aliada da deles chamada AAP (amantes da arte proibida) que eram amigos dos RVL (rapaziada da vida louca) os (que eram ex L.U.A) vieram o que acontecia comigo, porque os próprios da minha gangue não tinham como tá todo dia na minha quebrada me defendendo. Eles acharam muito errado os caras querer colocar as minas pra me bater ou eles me constranger só por eu ser leal a minha gangue, e logo eles que tinha a maior das guerras com a minha gangue foram me defender. Então eu acabei tendo uma amizade muito grande com eles mas nunca escondi de ninguém. Depois de 15 anos na L.U.A e andando com os A.A.P, algumas minas começaram a questionar a líder das meninas ser uma mina que andava com rival, aí teve divisão onde queriam que eu contasse onde era a casa dos líderes da A.A.P pra poder continuar na L.U.A, detalhe, isso foi em 2015. Todo mundo já velho e etc... Eu não aceitei e saí com o coração partido da L.U.A pois passei por muita coisa por persistir em fazer parte dela na época de adolescente onde era porrada e até morte rolava. Mas hoje já sigla que participo é uma das mais antigas de Brasília, sou muito respeitada, tudo que se vai fazer precisa passar por mim também. Então pra mim foi um livramento estar onde eu tô e tenho amigos verdadeiros na GSL (SAPEKA, 2023, s.p.).

A artista afirma, na citação acima, que também existe rivalidade entre as minas e que, infelizmente, passou por situações em que ocorreram brigas físicas com outras

mulheres por conta da pixação. Sapeka afirma que com certeza o meio do pixo é dominado por homens, e que é um meio muito machista ainda. Sapeka já passou por diversas situações de machismo, tanto por parte dos homens, como por parte das mulheres

Sim! Passo até hoje! Por várias vezes já sai com pessoa que achavam que por ser famosos teria algo comigo e também já sofri por ter me relacionado com pessoas do meio do pixo. Pois pro resto, a mulher no pixo sempre será vista como "marmita de pichador" ou "mochila de pichador." Não importa o quanto você também tenha disposição até mais que muitos, você nunca terá seu lugar no meio mesmo, tanto, que sou a mina mais famosa do DF e por muitos anos foi isso, não sou incluída no ranking do pixo só no feminino. Até as próprias minas se esculacham, nem mesmo nós mesmo sabemos nos respeitar, porque pra acabar com a moral de uma mulher, tem que rebaixar a índole e moral dela, então nós mesmas acabamos nos ridicularizando umas às outras (SAPEKA, 2023, s.p.).

Na citação acima, a artista reafirma uma reflexão que muitas das mulheres apresentadas neste trabalho já repetiram, diversas e diversas vezes: a mulher é sempre considerada o par romântico do pixador, ela nunca tem seu próprio protagonismo. Ela afirma que a mulher é vista como "marmita", ou seja, algo para comer, ou "mochila" algo para carregar, sem valor, sem história, sem identidade, apenas um adereço para a companhia masculina. Por mais que a pixadora tenha seu próprio corre, ainda assim ela é vista desta maneira. Até mesmo entre as mulheres existe uma rivalidade machista, em que as mesmas, segundo a artista, se atacam mutuamente, ao rebaixar a índole e a moral, ridicularizar e repetir as ações masculinas, caindo na própria armadilha do patriarcado.

A artista afirma que prefere sair acompanhada para pixar, pois sair sozinha sendo mulher torna-se ainda mais perigoso. Sapeka já foi perseguida por homens na rua quando estava pixando com uma amiga, ela tem amigos leais que a acompanham, amigos que leva para a vida toda. Afirma que a primeira vez que sofreu uma abordagem policial foi horrível, pois apanhou muito do polícia. Na ocasião, ela estava com outros amigos e conseguiu esconder os sprays dos policiais, em seguida, todos foram encaminhados à delegacia. No trajeto até a delegacia a artista relata que apanhou muito do policial e que ele a insultava verbalmente também. Chegando na delegacia, ela acabou sendo liberada, porém não tinha dinheiro para retornar para casa, então o policial que a agrediu levou-a até em casa. No caminho, o policial a assediou, afirmando que era muito bonita e perguntou se ela se envolveria com um policial, a artista ficou calada e o policial afirmou "É, você não deve gostar de polícia."

Após o ocorrido, o mesmo policial passava diversas vezes em sua rua e a cumprimentava, até solicitaram que ela os ajudasse a delatar outras pessoas, coisa que nunca concordou em fazer.

Sapeka é mãe e afirma que pensa muito em sua segurança, uma vez que se expõe a riscos quando sai para pixar, mas que, assim como em qualquer situação, sempre existe um risco. Sobre a permanência das mulheres na pixação do Distrito Federal ela afirma que oscila muito, que em muitos casos a mulher pixa durante um tempo e depois para, ou acaba envolvendo-se com algum pixador e depois, quando termina o relacionamento com ele, acaba parando as atividades na rua.

FIGURA 70: SAPEKA- PIXAÇÃO EM BERAL



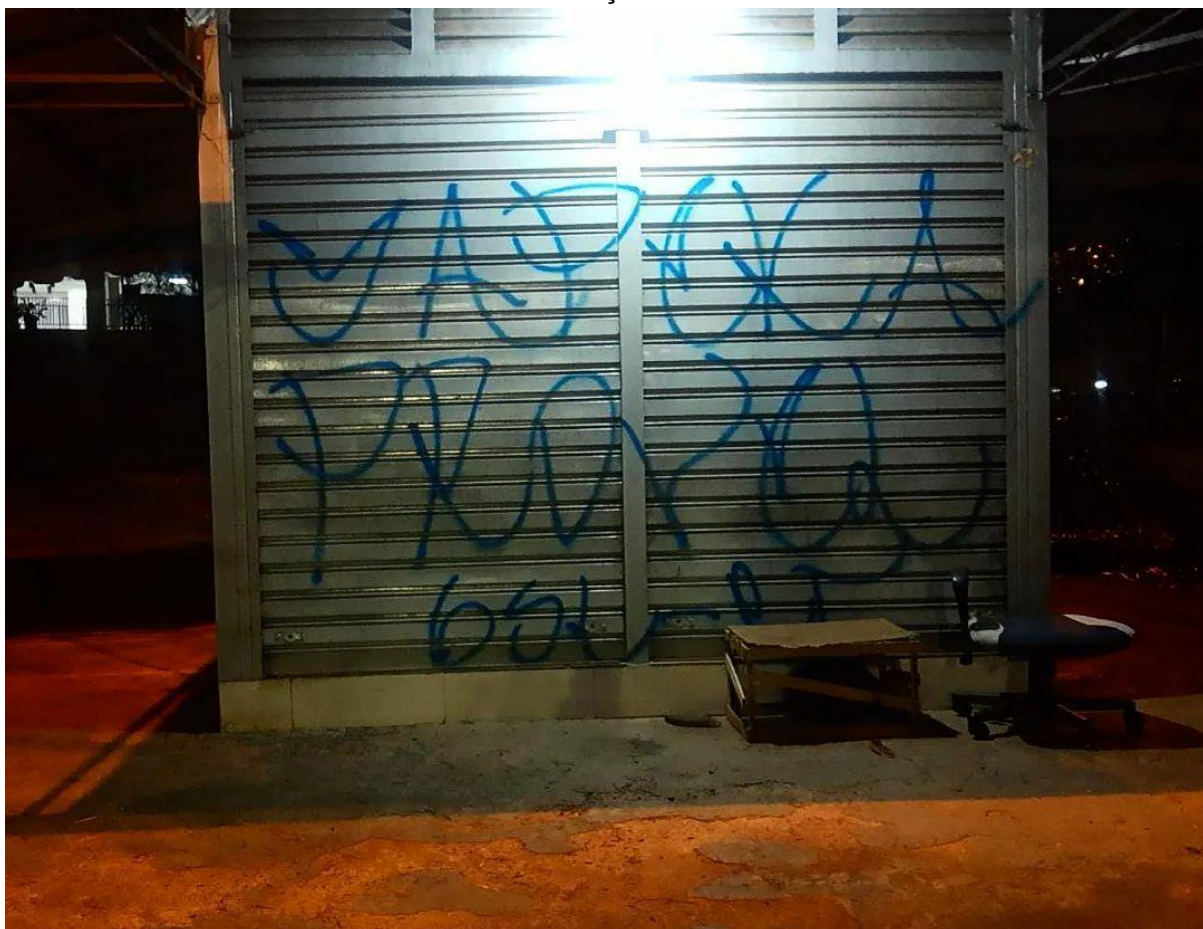
Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 71: SAPEKA – PIXAÇÃO EM PONTE I



Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 72: SAPEKA – PIXAÇÃO SOB PORTA DE METAL



Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 73: SAPEKA – PIXAÇÃO SOBRE JANELA, ESCALADA



Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 74: SAPEKA – PIXAÇÃO SOB PORTA DE METAL II



Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 75: SAPEKA – PIXAÇÃO EM PONTE II



Fonte: Acervo pessoal da artista.

3.4 INJHA: Norte

Beatriz, nascida em 1998, conhecida no meio da pixação como “Injha”, remetendo a “índia” por sua etnia indígena Apiaká, mora no Baixo Tapajós, no estado do Pará e começou a pixar por volta de 2017, mas aproximou-se mais da prática em 2019. A artista iniciou a caminhada no pixo após frequentar points de pixação, que a instigaram a realizar a prática nas ruas, “Eu comecei a pixar porque a pixação empodera, te dá voz...” afirma a artista, em entrevista para a autora deste trabalho, que sente que é vista através da prática nas ruas. Além de pixação, Injha também faz bomb, throw up, tags, e na grande maioria das vezes ela faz na ilegalidade, como ela mesmo afirma “vandal”. Beatriz afirma que atualmente ganha dinheiro através de sua arte, ela já participou de uma exposição de arte, na “Galeria do Largo” em Manaus, através de uma iniciativa do governo, onde fez um letreiro com sua pixação e recebeu cachê⁶⁷. Na ocasião, Injha foi chamada para participar com outros pixadores da cena e, segundo ela, foi um momento muito gratificante ver seu pixo sendo reconhecido dentro de uma instituição artística. Ela também costuma vender camisetas com sua estética de letra, fazer logomarcas etc.

⁶⁷ Muitas/os pixadores não concordam em receber verba pelo seus trabalhos que envolvem suas pixações em si, isso pode ocorrer por diversos motivos, refletindo a questão: como a arte da pixação é uma arte ilegal, seu contexto de ilegalidade faz parte do também de um conceito estético, poético e social, portanto, para muitas/os pixadores não faria sentido fazer uma pixação autorizada em uma instituição de arte, por se tratar de uma arte que vai contra instituições privadas, que luta conta o sistema em si. Por isso, a grande maioria dos pixadores não concorda com a prática de fazer um pixo autorizado em uma galeria ou museu. Mas, a estética do pixo tem sido muito usada pelas/os pixadores para vender obras, como telas com a estética da pixação, mas não com seus pixos em si, utilizam fotografias, camisetas e acessórios ou então “folhinhas”, como já retratado anteriormente.

FIGURA 76: INJHA - EXPOSIÇÃO



Fonte: Acervo pessoal da artista.

Beatriz afirma que já sofreu violência e ameaças em uma ocasião em que estava pixando com uma amiga em um galpão, quando um homem se aproximou com martelo e correntes intimidando-as, e então, elas tiveram que pedir socorro para sair do local. Segundo ela, o machismo no meio do pixo existe, mas é necessário se impor “Todo mundo sabe que quem sobe lá no alto do prédio pra fazer meu nome sou eu.”, Injha faz parte de três crews, da VAN crew, que é uma crew da cena da região onde ela mora, outra crew chamada TDL⁶⁸, na qual todos os integrantes são homens exceto ela, e pontua que todos a respeitam, mas, em contrapartida, vem sofrendo ataques e ameaças de pixadores de outra crew, pois eles têm mandado mensagens intimidadoras em suas redes sociais e pintado em cima de seus pixos, bombs e throw ups⁶⁹. A artista afirma que o ataque ocorre justamente por ela ser mulher e ter atitude, por colocar seu nome na rua, “Sempre rola (comentários) de que o cara que você tá andando que fez o pixo pra ti, que vocês estão ficando, estão se pegando, que não é uma parada de parceria...”. A artista afirma que não existem muitas pixadoras na cena de sua cidade, que a maioria das artistas urbanas fazem mais grafitti do que pixação em si, e que ainda os homens são maioria na cena. Ela também faz parte da CDM crew⁷⁰, uma crew só de mulheres de diversos cantos do Brasil. Beatriz diz que não acredita que exista competitividade entre as mulheres no pixo e que isso acontece muito mais entre os pares masculinos para com as mulheres do que entre as minas, pois existe uma união entre as pixadoras. Beatriz tem amigas que têm filhos e uma ajuda a outra para que possam fazer seus corres na rua, e ainda ressalta a dificuldade que é para uma mulher que tem filho praticar arte urbana

Pra quem é mãe é muito mais difícil, você se preocupa em ficar viva, tem alguém que depende de você, muito diferente de eu, que não tenho ninguém, que não devo satisfação, que não tenho horário para chegar em casa, então máximo respeito por elas, pelas mães pixadoras, pelas mães grafiteiras, que estão sendo resistência para estar nas ruas, respeito muito e me sinto inspirada por mulheres assim (INJHA, 2023).

Beatriz afirma que recebe reconhecimento nas ruas, mas não como os pares masculinos “Homem baba ovo de homem, homem dá as forças para homem, quando o homem vem dar às forças pra uma mina, é porque ela é cabulosa mesmo,

⁶⁸ Que significa “Terroristas das Letras”, é um grupo que só faz letra de rapel.

⁶⁹ Pixar em cima de outra pixação é chamado de “atropelo” e é com certeza uma atitude muito inaceitável no meio do pixo, é uma forma de ataque e pode ocasionar problemas sérios para aquele que pratica esse ato.

⁷⁰ Que significa “Corre das Minas”.

entendeu?”, Beatriz quer dizer que para que um homem reconheça o corre de uma mina no meio do pixo, ela tem que fazer muito mais para receber visibilidade.

Afirma também que a abordagem policial, quando existem mulheres juntas pixando, torna-se muito mais tranquila, que os policiais buscam ser mais calmos na abordagem e entender o que está ocorrendo. A artista já assinou processo por ter pixado um patrimônio do estado, mas diz que já cumpriu a pena imposta. Beatriz afirma “Quando eu vou pra rua pixar eu quero me sentir viva, eu quero me sentir grande, eu quero protestar, quero que as pessoas me vejam, entendeu?” ela continua “Pixação é arte, pixação é política, pixação é cultura do Brasil e enquanto eu for viva eu quero espalhar essa cultura”.

FIGURA 77: INJHA - PIXAÇÃO SOB MURO, 2022.



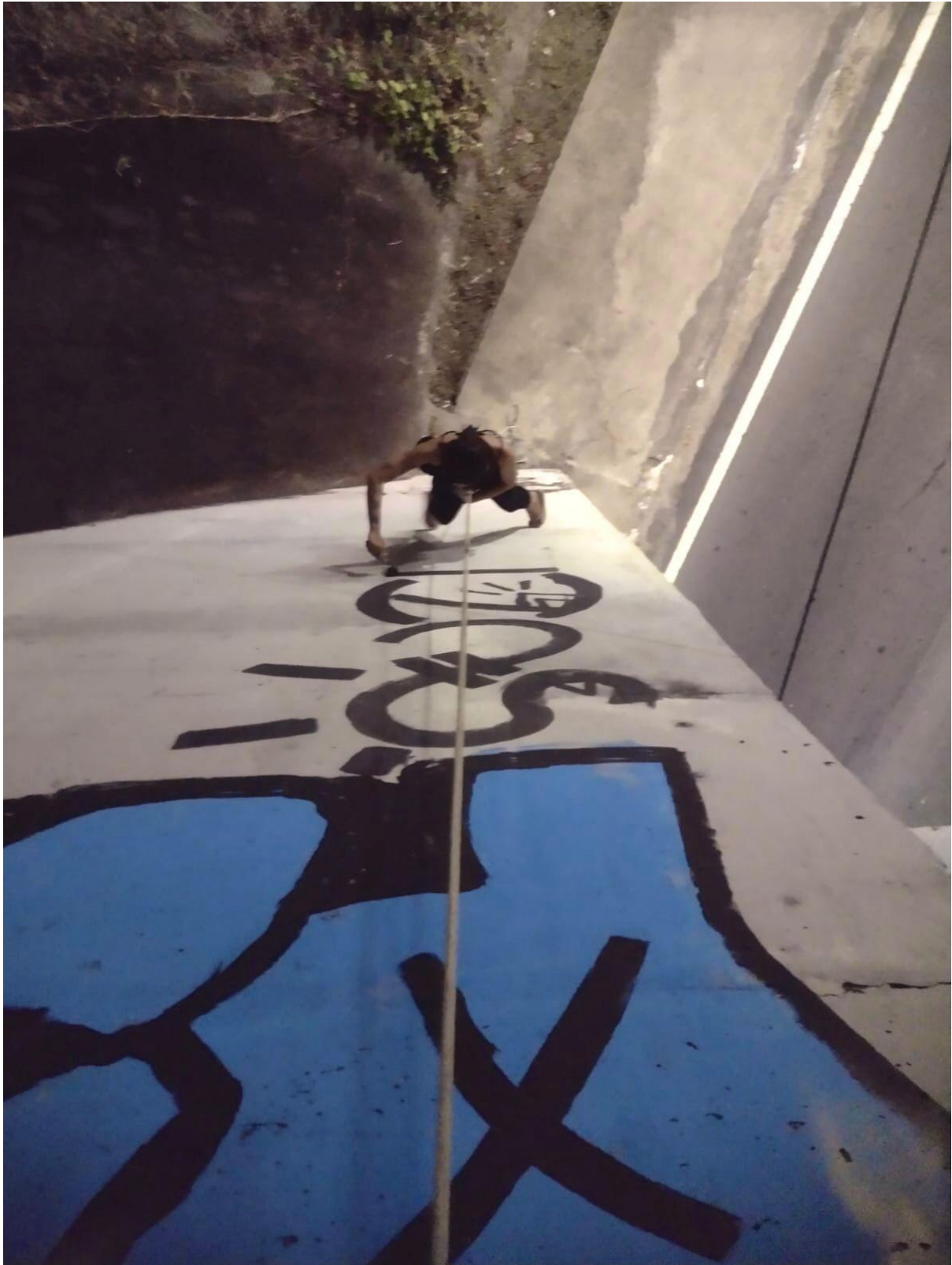
Fonte: Arquivo pessoal da artista

FIGURA 78: INJHA – PIXAÇÃO EM PONTE



Fonte: Arquivo pessoal da artista.

FIGURA 79: INJHA – RAPEL I



Fonte: Arquivo pessoal da artista.

FIGURA 80: INJHA – PIXAÇÃO FEITA SOBRE JANELA, ESCALADA



Fonte: Arquivo pessoal da artista.

FIGURA 81: INJHA – RAPEL II



Fonte: Arquivo pessoal da artista.

3.5 TRAMA: Nordeste

Juliana, conhecida no meio do pixo como Trama⁷¹, indentifica-se como parda, começou a pixar em 2018, nasceu em 1989 em São Luís do Maranhão, onde começou sua prática na rua após identificar as pixações presentes nos muros de sua cidade e receber convites de outras mulheres que pixavam. A artista afirma que a presença de mulheres nas ruas é crucial para chamar outras mulheres para o corre, o que fortalece parcerias. Interessada pela estética de escrita codificada da pixação, afirma que recebeu influências do punk rock, cultura qual ela é bastante envolvida. Na pixação, assina a grife “Profissão Perigo”, também faz graffiti e tem desenvolvido um personagem neste estilo de arte. Trama é tatuadora e, atualmente, reside em São Paulo. A artista diminuiu a frequência na prática da pixação, pois em 2019 sofreu um grave acidente quando estava escalando um prédio, ela estava no 4º andar, já tinha feito uma letra no 5º andar, e outras duas no 4º quando caiu e sofreu lesões graves, quebrou as pernas, os pés e o crânio, ficou internada na UTI (VIERIA, 2019). Juliana conseguiu se recuperar, apesar de ter passado algum tempo andando de cadeira de rodas e depois de muleta. Trama continuou pixando, mas sem fazer grandes escaladas devido a sua condição física depois do acidente. Atualmente, ela tem voltado a fazer lugares altos como beirais e janelas. O nome de Trama foi mencionado por jornalistas sensacionalistas, afirmando que ela havia morrido escalando. Na matéria, eles gravam outros artistas que estão escalando um prédio à luz do dia para pixar, em seguida citam o caso de Trama.⁷² A artista afirma que apesar do ocorrido trágico que lhe aconteceu, acredita que ainda assim existem pontos positivos nisso, pois gerou destaque ao protagonismo das mulheres na escalada da pixação e gerou um movimento em torno do que aconteceu, quando perceberam que não havia sido um homem que havia caído do prédio como de costume, mas sim uma mulher.

A artista afirma que já passou por inúmeras situações de machismo no meio do pixo, situações que envolviam tanto os homens do rolê, que ela mesma identifica e menciona que eles são maioria e recebem maior reconhecimento⁷³, como também truculência policial. Segundo a artista, já levou um tapa no rosto de um policial. Dentre

⁷¹ Acesso rápido ao site da artista através do link: <https://ststudiofera.wixsite.com/trama>

⁷² Acesso rápido a reportagem: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral/videos/tres-pichadores-sao-flagrados-subindo-em-predio-no-centro-de-sp-14082023>

⁷³ Dentre as poucas meninas que ela acredita que se destacam no meio é a Jack Parceiros (artista mencionada neste trabalho).

as violências que já sofreu, também já foi xingada por moradores, já lhe jogaram água e a ameaçaram. Mãe de uma criança, ela afirma que a pixação não é sua prioridade neste momento, pois seu filho é seu foco principal, apesar de seu companheiro ser também pixador e este fato ajudar muito no corre, pois assim conseguem compartilhar o cuidado. Ela afirma que não pediria para que outras pessoas ficassem com seu filho para sair para fazer pixo. Ainda assim, a artista diz que fica mais difícil demandar tempo a arte urbana nesta condição presente.

Além disso, Trama acredita que existe, sim, competitividade entre as mulheres no pixo, e que isso não é algo pontual das mulheres, mas que o meio da pixação em si já é bastante competitivo independente do gênero, pois o ego se sobressai em vários momentos. Ela costuma sair com homens e mulheres para pixar e afirma que se sente melhor em sair acompanhada.

A artista já participou de 3 exposições de arte e um laboratório de construção artística, uma delas em São Luís do Maranhão, chamada “Entrelaço”, onde foram reunidas obras de 10 artistas mulheres com temas do universo feminino em homenagem ao Dia Internacional da Mulher (MARANHÃO, 2023)⁷⁴, e outra exposição chamada “A Ponte” que tinha como tema a discussão do “patrimônio e arte tentando estabelecer uma relação mais madura do que o apagamento de discursos críticos com tinta branca. Relances que apontam futuros e construções mais democráticas, diversas e inclusivas.” (TRAMA, 2023).

⁷⁴Acesso rápido: <https://www.mpma.mp.br/sao-luis-exposicao-entrelacos-reune-trabalhos-de-dez-artistas-mulheres/>

FIGURA 82: TRAMA - EXPOSIÇÃO



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CZHqhFILhpT/?igshid=NjFiZTE0ZDQ0ZQ%3D%3D>, ANO.

FIGURA 83: TRAMA – EXPOSIÇÃO ENTRELAÇOS - Palacete Gentil Braga / Obra Fibra de Trama



Fonte: <https://studiofera.wixsite.com/trama>.

Em entrevista cedida a autora desta dissertação, ela afirma: “Ao trazer a estética do pixo pra dentro destes ambientes, eu enxergo que já traz a tensão que eu busco até mesmo na rua. Mas não que tenha o mesmo efeito ou que seja a mesma atitude, claro.”. Trama acredita que trazer esta tensão para dentro do espaço artístico pode refletir em uma experiência estética interessante aos espectadores que frequentarão aquele espaço. “Quando me coloco na rua pra pixar quero colocar meu nome primeiramente e discutir a propriedade privada, o capitalismo (...), a desigualdade social, a intenção de ver a cidade a partir de outra perspectiva e experimentar a adrenalina que isso traz”, revela a artista. Ela também pinta quadros, faz intervenções em roupas e utiliza a estética da pixação (letreiro desenvolvido por ela) em seus trabalhos.

FIGURA 84: TRAMA - NOTÍCIA QUEDA DE PRÉDIO EM 2019



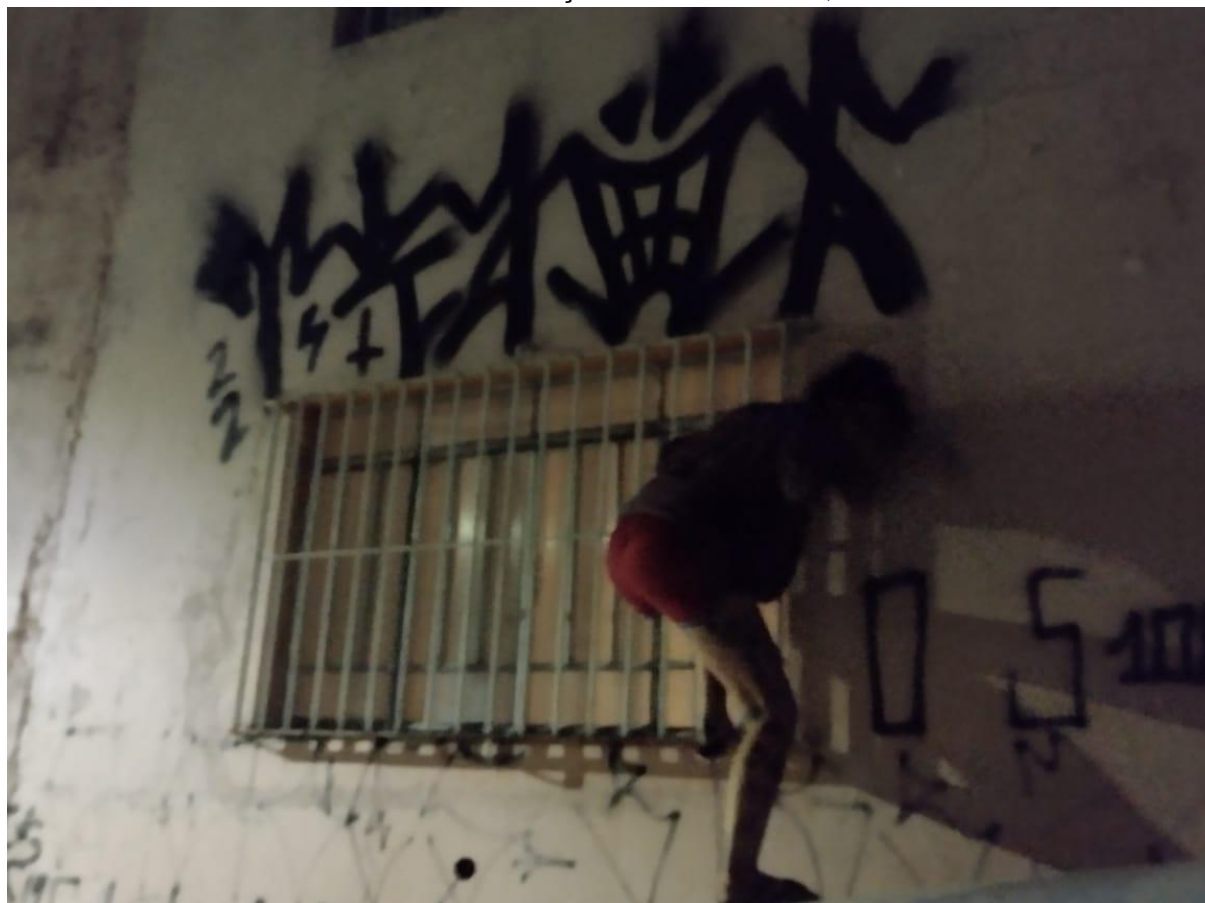
FONTE: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 85: TRAMA – PIXANÇÃO SOB MURO PÓS-ACIDENTE



Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 86: TRAMA – PIXAÇÃO SOBRE JANELA, ESCALADA I



Fonte: Acervo pessoal da artista.

FIGURA 87: TRAMA – PIXAÇÃO SOBRE JANELA, ESCALADA II



Fonte: Acervo pessoal da artista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde minha escrita do trabalho de conclusão de curso, tenho refletido sobre questões de gênero e arte urbana, que agora se consolidam na escrita desta dissertação. Este trabalho possibilitou, em certa medida, prestar esclarecimentos em torno de um assunto que ainda não havia sido debatido dentro dos meios acadêmicos que, por sinal, ainda vê a pixação de forma estereotipada em vários aspectos. Dessa forma, o enfoque e a visibilidade são dados somente a pixadores masculinos, de modo a excluir as pixadoras da cena, sem a busca de um aprofundamento no assunto e, ainda, colocando como “heróicas” figuras de certos pixadores, como se estes sempre ultrapassassem qualquer barreira com seus ativismos e subversão.

A pixação, como já afirmei no início deste trabalho, possui nuances que geram incômodo aos meios acadêmicos, meios artísticos e na sociedade em geral que não aprova este fazer artístico. Perante a lei, a pixação é considerada crime, mas ainda assim, o pixo participa de alguma maneira do circuito artístico, transita de maneira subversiva. Uma das linguagens poéticas dentro da pixação é o de reconhecer-se como indivíduo e buscar algum espaço em uma sociedade ainda tão excludente. O sociólogo Pierre Bourdieu foi uma de minhas referências para este debate tão profundo e importante. A pixação engajada é, na grande maioria das vezes, feita por pessoas que nasceram e viveram, ou vivem suas vidas nas periferias, pessoas que reconhecem a desigualdade e de alguma forma querem ser ouvidos e ouvidas, sem que suas existências passem em branco.

A análise que fiz em torno deste assunto foi com um recorte específico no assunto gênero, dando enfoque aos casos de mulheres que traçam uma trajetória nas ruas, na intenção de receber algum reconhecimento, mas que recebem uma nova opressão dentro do próprio meio que as exclui, discrimina e subjuga. O fato de mulheres serem excluídas e apagadas dos meios artísticos e acadêmicos não é algo novo. Como já mencionado anteriormente, historiadoras da arte já haviam denotado este fenômeno que ocorre ao longo de muitos anos, e que se repete nas ruas, na arte urbana, diariamente. Apesar da pixação ter uma poética de subversão, na prática não é exatamente assim, muitos pixadores e pixadoras têm um pensamento fechado em relação a alguns assuntos, principalmente pixadores masculinos em relação a questões de gênero, que na maioria das vezes não são familiarizados. O assédio, ainda se faz muito presente, causando nas mulheres artistas pixadoras ainda mais

vulnerabilidade, pois além do ocultamento e preconceitos que estas enfrentam perante a sociedade em geral, meios artísticos formais e meios acadêmicos, elas recorrem às ruas como forma de reconhecimento, porém acabam passando por mais um apagamento, agora por parte de alguns pixadores masculinos que segregam, diminuem e atrasam o corre das minas.

No capítulo 1, apresentei as diferenças entre graffiti e pixação, trouxe as mais diversas linguagens do pixo e do graffiti, contei com os conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu para compreender o subjugamento em relação a pixação perante a sociedade brasileira em geral e perante a lei. Na esteira dos pensamentos, apresentei eventos artísticos que contaram com a participação da pixação de forma legal ou ilegal, apresentei dados, relatos e casos sobre o assunto. Trouxe o caso de Caroline Pivetta da Mota como mote para discussão da desproporcional punição em virtude de questões de gênero que abarcaram o caso. Foi a partir do caso de Caroline Pivetta que busquei que evidenciar questões de desigualdade de gênero através do capítulo 2, ao trazer bibliografias feministas sobre o apagamento das mulheres na sociedade em geral, e principalmente, na história da arte, para discutir posteriormente como ocorreu e como ainda ocorre o apagamento das mulheres no meio da pixação. Neste capítulo, fiz um levantamento de relatos de artistas da pixação e do graffiti que denunciaram casos de machismo e misoginia que já sofreram neste meio, evidenciando o frequente ataque e apagamento que estas mulheres sofrem nestes meios. Um dos focos principais deste capítulo foi o apagamento de Caroline Pivetta da Mota no meio da pixação e uma análise em torno do filme ficcional “Urubus”, filme que endossou o apagamento das mulheres no meio da pixação.

Por fim, no capítulo 3, fiz uma investigação e selecionei pixadoras brasileiras das cinco diferentes regiões brasileiras: sul, sudeste, centro-oeste, nordeste e norte. Para cada região, foi selecionada uma artista da pixação para investigar sua trajetória, entender as nuances de sua região, e compreender como a prática da pixação interfere em suas vidas. Os critérios que utilizei para selecionar as artistas foram, primeiramente, a atividade constante nas ruas (pois existem muitas mulheres que começam a pixar e em pouco tempo já param, o que pode acontecer por diversos motivos, um deles é a maternidade), secundamente, foi o envolvimento com o movimento da pixação e atividade de destaque nas ruas entre seus pares. Preparei um questionário com 31 perguntas e, em seguida, enviei para cada uma para que respondessem. Pude perceber diferenças e semelhanças entre os apontamentos das

artistas, uma das diferenças foi entre as pixadoras Selva e Jack Parceiros. Selva afirma que para que uma mulher ganhe reconhecimento no meio da pixação, é necessário que ela faça mais pixos que os homens e que eles sejam feitos com qualidade, caso contrário, é bastante difícil que se receba notoriedade. Jack Parceiros afirma o contrário: quando se é mulher pixadora, a notoriedade vem mais rápido, e que dependendo do caso não é necessário fazer pixações com muita qualidade para que isso aconteça.

Outra dualidade que percebi foi em relação ao discurso de Injha, Jack Parceiros e Selva, obviamente que neste caso existe uma questão cultural em torno do assunto em questão, que é a abordagem policial. Selva e Jack (principalmente) afirmaram truculência e violência nas abordagens que já sofreram durante suas trajetórias nas ruas. Deixaram claro que, mesmo sendo mulher, a violência policial as afeta igualmente. Já Injha afirma que, quando se trata de uma abordagem policial com mulheres, não existe tanta truculência. Trama e Sapeka afirmaram que a abordagem policial pode ser bastante ruim para as mulheres, Sapeka salienta que já sofreu assédios partindo de policiais. Selva afirmou que já atiraram com arma de fogo em sua direção enquanto estava tentando pixar um local.

Além da questão de gênero, essa situação me fez refletir também sobre a fragilidade humana e a exposição que as pessoas artistas sofrem quando estão nas ruas, exercendo essa prática arriscada. A mulher pode sofrer ainda mais por estar propensa a violências sexuais ao se expor aos riscos noturnos e por acabar se tornando um “alvo fácil” para transeuntes, policiais ou, às vezes, até mesmo pessoas da própria cena da arte urbana. Outro fator de gênero que implica na prática artística das mulheres é a maternidade, como já mencionado anteriormente, exige muito tempo e dedicação das mulheres, que muitas vezes se veem obrigadas a parar com suas práticas artísticas para cuidar de seus filhos. A questão da maternidade é um assunto delicado que permeia a realidade das mulheres artistas urbanas e que muitas vezes ainda vem sendo apagadas pelos meios artísticos por esta e outras questões, pois enquanto os homens artistas deixam seus filhos sob a tutela das mulheres para que possam sair e fazer suas intervenções, elas não têm a mesma opção. Além disso, o trabalho das mulheres na criação dos filhos é um trabalho não remunerado e também não reconhecido pela sociedade em geral.

Pôde-se perceber, através do caso de Caroline Pivetta da Mota, que a mulher quase sempre é diminuída nos discursos produzidos por nossa sociedade misógina.

Evidenciei através de minha escrita os diversos momentos que Carol Susto's foi apagada da trajetória da pixação, momentos que seu ativismo nas ruas foi diminuído pelos pares da pixação, situações de violência de gênero pelas quais a artista passou, além dos desafios enfrentados enquanto mãe de duas filhas. O desprestígio também ocorreu através do filme "Urubus", citado anteriormente no texto, apesar de ser um filme ficcional. Enquanto os papéis masculinos apresentaram similaridade com a realidade, o papel feminino que remetia a pixadora Carol Susto's foi completamente distorcido na história, dando a entender que naquele momento não havia pixadoras na ativa, quando, na verdade, Caroline Pivetta da Mota assumiu o protagonismo de sua própria história no meio do pixo, foi penalizada e nunca recebeu o devido reconhecimento por isso. Escrever essa pesquisa foi muito necessário, antes do falecimento de Caroline Pivetta, eu já vinha, desde 2021, analisando a trajetória das mulheres nas ruas, mas o caso da prisão Caroline Pivetta me chamou atenção pois percebi que era escassa a produção acadêmica que fomentava a participação das mulheres na arte da pixação, ao perceber isso, decidi compreender a fundo como ou se corria de fato um apagamento em relação a figura feminina dentre os pares masculinos da arte urbana, mais especificamente na pixação, que posteriormente, reverberavam nos meios acadêmicos e artísticos formais. Acompanhar a trajetória de Carol me trouxe prazeres e desprazeres. O prazer em poder ter escrito esta pesquisa ainda quando ela estava viva e ter tido acesso a ela, mas o desprazer de me deparar com sua morte precoce, e o quão cruel foi este processo de apagamento e exclusão, que afetou severamente sua saúde mental. Apesar do reconhecimento que Carol Susto's recebia nas ruas entre os pares por ser extramente ativa na prática do pixo, ainda assim, o processo de apagamento e silenciamento dela ocorreu. Infelizmente, só houve reflexão, debate e revolta sobre o ocorrido após sua morte.

Através desta pesquisa, pude comprovar que o apagamento das mulheres no meio artístico continua ocorrendo até mesmo no meio mais subversivo, que é o da pixação. Por isso, o discurso revolucionário de certos acadêmicos, artistas e pixadores cai por terra ao observarmos com cautela os relatos das artistas urbanas representadas neste trabalho. É possível notar que até mesmo por trás de um discurso de subversão pode existir um jogo de interesse, envolvendo questões pessoais, ego, questões econômicas etc. O apagamento das mulheres costuma ocorrer de maneira silenciosa: está na não menção de mulheres e na desvalorização dos trabalhos femininos, está na fragilidade do repertório masculino que, tanto do

meio artístico como do meio acadêmico, não buscam referências femininas e nem se questionam dos motivos pelo quais elas não estão presentes.

Desejo que esta pesquisa possa contribuir das mais diversas formas para visibilizar as mulheres que estão no corre nas ruas, principalmente na prática da pixação, tão desafiadora que requer muito da artista que a pratica. Admiro as mulheres que se propõem a desafiar o sistema e os próprios pares da forma mais subversiva: presente nas ruas fazendo arte.

REFERÊNCIAS

“Não há crime”, diz advogado de pichadora presa em SP. **TERRA**. Sem localização, 2009. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/nao-ha-crime-diz-advogado-de-pichadora-presa-em-sp,cc486ce675e4b310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>

Aluno de artes picha prédio como trabalho final e é expulso da faculdade. **G1 Globo**, São Paulo, 18/07/2008. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL651308-5604,00-ALUNO+DE+ARTES+PICHA+PREDIO+COMO+TRABALHO+FINAL+E+E+EXPULSO+DA+FACULDADE.html>. Acesso em: 22 nov. 2022.

ALVES, Schirlei. JULGAMENTO DE INFLUENCER MARIANA FERRER TERMINA COM TESE INÉDITA DE ‘ESTUPRO CULPOSO’ E ADVOGADO HUMILHANDO JOVEM. **The Intercept Brasil**. 03/11/2020. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>

ANDRADE, Felipe Vinícius de. **Escritores urbanos**: uma pesquisa sobre a prática da pixação em Curitiba. Curitiba, 2019. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/62771>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

AVILA, Gabriel. Filme URUBUS ganha pôster e data de estreia. **Jovem Nerd**. 06/05/2023. Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/filme-urubus-ganha-poster-e-data-de-estreia/>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **“Cisgênero” nos discursos feministas**: uma palavra “tão defendida; tão atacada; tão pouco entendida” Campinas: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2018. Disponível em <https://www.iel.unicamp.br/arquivos/publicacao/Cisgenero-nos_discursos_feministas_uma_palavra_tao_defendida_tao_atacada_tao_pouco_entendida.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento / Pierre Bourdieu; tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: A Gênese e a Estrutura do Campo Literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAGA, Felipe Eduardo Lázaro. **Estética Spray**: O grafite no campo da arte contemporânea. Outubro de 2018 (Banco de dados). In: Consórcio de Informações Sociais, 2018. Disponível em: <<http://nadd.prp.usp.br/cis/DetalheBancoDados.aspx?cod=B607&Ing=pt-br>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRANT, Leonardo. Intervenção na Bienal é caso de polícia. **Cultura e Mercado**. São Paulo, 28/08/2008. Disponível em: <<https://culturaemercado.com.br/intervencao-na-bienal-e-caso-de-policia/>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

BRASA, Dest. **PIXO NA BIENAL**. @destbrasa. 28/05/2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CAwR1NFjppS/>

BRASIL. **Lei nº 12.408 de 25 de maio de 2011**. Diário Oficial, Brasília, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm#:~:text=65.,a%20um%20ano%2C%20e%20multa.&text=Se%20o%20ato%20for%20realizado,ano%20de%20deten%C3%A7%C3%A3o%2C%20e%20multa

BRASILEIRO, Casa do Cinema. **CLAUDIO BORRELLI E CRIPTA DJAN, de “URUBUS”**. Youtube, 30/10/2021. 21m58s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=InibyfOX-Bw>. Acesso em: 13 abr. 2023.

CAMERO, Bella. **Entrevista com Bella Camero**. Entrevista concedida a Eduarda Gritten de Oliveira. Curitiba, 05/11/2022.

CAMPERA, Francisco. Brumadinho e Mariana: Vale, exemplo mundial de incompetência e descaso. **El País**. Brasil, 28/01/2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/27/opinion/1548547908_087976.html. Acesso em: 19 mai. 2023.

CAPRIGLIONE, Laura. Ódio a pichadores me deixou tanto tempo presa, afirma jovem. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2012200813.htm>. Acesso em: 21 mai. 2023.

CASTRO, Panmela Silva e. **A arte de Anarkia Boladona e outras questões sobre o graffiti**. 04/10/2013. 84 f. Mestrado em Artes. Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CHADWICK, Whitney. **Histórias das Mulheres, Histórias Feministas**. Vol. II – Antologia. São Paulo: Masp, 2019, 528 p.

CHIAVERINI, Tomás. **Gente invisível não estraga parede**. Locução de Tomás Chiaverini. São Paulo: Rádio Guarda Chuva, 09/05/2022. Rádio Escafandro. Disponível em: <https://radioescafandro.com/2021/06/09/50-gente-invisivel-nao-estraga-parede/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

COELHO, Gustavo; GUERRA, Marcelo; CAETANO, Bruno. **Luz, Câmera, PICHANÇA**. Rio de Janeiro: Have a Nietzsche Day!, 2016. Youtube, 1 vídeo, 1h42m33s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b_MB_CmhjUQ. Acesso em: 13 dez. 2023.

DALAPOLA, Kaique. Pichador é confundido com ladrão e espancado até a morte em supermercado de SP. **Ponte Jornalismo**. 30/10/2023. Disponível em: <https://ponte.org/pichador-e-confundido-com-ladrao-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-de-sp/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

DANTAS, Mairis dos Santos. **A epidemia caligráfica: Pixo, transgressão e desestabilização das resistências**. 28/09/2017. 102 f. Mestrado em letras e linguística. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em:

<<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7928/5/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Ma%20adris%20dos%20Santos%20Dantas%20-%202017.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2023.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

ENERI. **LIVE**, @familia5estrelasrj, 1 vídeo (1h), Rio de Janeiro, 13/06/2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/familia5estrelasrj/>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

FEMELLA, Produtora. **Entre Latas e Luta: a cena das mulheres do graffiti de São Paulo**. Youtube. 19/04/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PusxWWw382o>>. Acesso em: 12 out. 2023.

FIRMINO AMARANTE, N. **Minas que pixam: imagens da pixação dissidente em Natal-RN**. Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 1–12, 2020. DOI: 10.21680/2446-5674.2020v7n13ID19674. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/19674>. Acesso em: 13 out. 2023.

FÚRIA, Bia. **Entrevista I**. Julho, 2023. Entrevistadora: Eduarda Gritten de Oliveira, 2023. 1 arquivo em áudio.

FURTADO, Thyago. Artista NEGRO M.I.A. faz intervenção em mostra sobre Banksy e questiona elitização da arte de rua. **Vogue Globo**. 06/02/2023. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/cultura/arte/noticia/2023/02/artista-negro-mia-faz-intervencao-em-mostra-sobre-banksy-e-questiona-elitizacao-da-arte-de-rua.ghtml>>. Acesso em: 9 jan. 2024.

GALEANO, Giovana Barbieri; GUARESCHI, Neuza. **“Vagabundo não tem memória”**: Os corpos matáveis das práticas de segurança. PSI UNISC, 7(1), 171-196, 2023. Disponível doi: <10.17058/psiunisc.v7i1.17792>.

GARB, Tamar. **Gênero e representação**. In: FER, Briony et al. Modernidade e modernismo: a pintura francesa no século XIX. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

GOMBRICH, Ernest H. **A História da Arte**. 15ª edição. Rio de Janeiro. Editora: LTC, 1993, 714 p. sac & Naif, 1998, 297 p.

GOMES, Matheus. A prisão de Paulo Galo é racista e ditatorial. **Nexo Jornal**. 07/08/2021. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/tribuna/2021/A-pris%C3%A3o-de-Paulo-Galo-%C3%A9-racista-e-ditatorial>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

GOMEZ, Beatriz. Homem é espancado e morre em banheiro de supermercado na zona sul de SP. **UOL**. São Paulo, 23/10/2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/10/23/homem-morte-banheiro-sp.amp.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GONTIJO, Mariana Fernandes. **O direito das ruas: as culturas do graffiti e do hip hop como constituintes do patrimônio cultural brasileiro**. 01/08/2012. 89 f. Mestrado

em Direito Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

GRAFFITI, Pizza com. **BIA FURIA | EP60 - Pizza Com Graffiti**. Youtube. 09/06/2023. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=CGEMA8Um77E](https://www.youtube.com/watch?v=CGEMA8Um77E)>. Acesso em: 14 set. 2023.

GRAFFITI, Pizza com. **JACK_PARCEIROS | EP86 - Pizza Com Graffiti**. Youtube. 01/12/2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w8tycDVyzhI>>. Acesso em: 15 set. 2023.

HERKENHOFF, Paulo. Bial age de modo cínico e intolerante ao lavar as mãos. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. 15 de dezembro de 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1512200818.htm>>. Acesso em: 29 nov. 2023.

HIRSZMAN, Maria. Calma no Pavilhão: é tempo de refletir. **O ESTADO DE SÃO PAULO**. 2008. Caderno 2 Especial. Página 2/3.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista: Conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 175 p.

INJHA. **Entrevista I**. Junho, 2023. Entrevistador: Eduarda Gritten de Oliveira, 2023. 1 arquivo em áudio.

ITAÚCULTURAL. **A arte urbana chega ao IC em exposição**. 10/05/2023. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/secoes/agenda-cultural/a-arte-urbana-chega-ao-ic-na-exposicao-alem-das-ruas-historias-do-graffiti->>. Acesso em: 17 jun. 2023.

KENDALL, Mikki. **Feminismo na periferia: Comentários das mulheres que o movimento feminista esqueceu**. São Paulo: Rua do Sabão. 1ª edição. 2022. 303 p.

KURY, Adriano da Gama. **Minidicionário Gama Kury da Língua Portuguesa**. 1 ed. 2002. São Paulo: Editora FTD, 2002, 1184 p.

LOURENÇO, Beatriz. Mulheres pixadoras quebram a barreira de gênero nas ruas. **ELÁSTICA, ABRIL**. 12/03/2021. Disponível em: <<https://elastica.abril.com.br/especiais/mulheres-pixadoras-rua-arte-feminismo-assedio/>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

MANSUR, Rafaela. Quatro anos da tragédia em Brumadinho: 270 mortes, três desaparecidos e nenhuma punição. **G1**. Minas Gerais. 25/01/2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/01/25/quatro-anos-da-tragedia-em-brumadinho-270-mortes-tres-desaparecidos-e-nenhuma-punicao.ghtml>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

MARANHÃO, Ministério Público do Estado do. **Exposição “Entrelaços” reúne trabalhos de dez artistas mulheres**. 12/05/2023. São Luis do Maranhão. Disponível em: <<https://www.mpma.mp.br/sao-luis-exposicao-entrelacos-reune-trabalhos-de-dez-artistas-mulheres/>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MARAVILHA. Muito além de John Lennon. Aos 89 anos, Yoko Ono é uma das artistas mais influentes do mundo e pilar do ativismo. Conheça sua trajetória. **UOL**.19/02/2022. Disponível em: <<https://musicnonstop.uol.com.br/muito-alem-de-john-lennon-aos-89-anos-yoko-ono-e-uma-das-artistas-mais-influentes-do-mundo-e-pilar-do-ativismo-conheca-sua-trajetoria/>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MARQUES, Gabriela Miranda. **As artes de resistir**: mulheres na cena anarcopunk (1990-2002). In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, Anpuh, 2013.

MARTINS, Leônia de Oliveira. **A arte transgressiva como gênese da resignificação do campo artístico**. 2019. 122 p. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul- Instituto de Artes. Dissertação (Mestrado). Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/198579>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

MATOS, Maria Izilda S de; SOIHET, Raquel (Orgs.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. 222 p.

MEDEIROS, Crica, et al. **LIVE**, @graffitimulherculturaderua, 1 vídeo (1h) São Paulo, 05/06/2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CtIUBvnNGuy/>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

MEDEIROS, L. **Dados: os números da tragédia de Brumadinho**. Disponível em: <<https://www.conectas.org/noticias/fact-sheets-o-numeros-da-tragedia-de-brumadinho>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MELIM, Daniel. Sobre todas as noites não dormidas. **Revista PBMAG**. São Paulo. 10/11/2023. Disponível em: <<https://www.pbmag.com.br/sobre-todas-as-noites-nao-dormidas/>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

MENDONÇA, Ana. **Justiça confirma absolvição de André Aranha no Caso Mari Ferrer**. 07/10/2021. Estado de Minas. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/10/07/interna_nacional,1312092/justica-confirma-absolvicao-de-andre-aranha-no-caso-mari-ferrer.shtml>. Acesso em: 20 out. 2023.

MENEZES, Luiz Fernando; CUNHA, Ana Rita. Cinco fatos sobre direitos das mulheres no Brasil. **AOS FATOS**, 2019. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/cinco-fatos-sobre-direitos-das-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MITTMANN, Daniel. **O sujeito pixador**: tensões acerca da prática da pichação paulista. 2012. 124 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/90125>>. Acesso em: 18 set. 2023.

MOLINA, Camila. Bienal sofre ataque de 40 pichadores no dia da abertura. **Estadão**. São Paulo, 26/11/2008. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,bienal-sofre-ataque-de-40-pichadores-no-dia-da-abertura,267070>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MONCAU, Gabriela. Grafiteiras e pixadoras protestam no Itaú Cultural contra apagamento feminino na arte urbana. **Brasil de Fato**. São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/07/09/grafiteiras-e-pixadoras-protestam-no-itaucultural-contra-apagamento-feminino-na-arte-urbana>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

MONTEIRO, José Marciano. **10 Lições sobre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MOTA, Caroline Pivetta da. **Entrevista I**. Julho, 2022. Entrevistador: Eduarda Gritten de Oliveira. Porto Alegre, 2022. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

MUNIZ, Diogenes. "Me identifico com o vazio", diz jovem presa por pichar Bial. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 05/12/2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/12/475414-me-identifico-com-o-vazio-diz-jovem-presa-por-pichar-bial.shtml>

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora, 2016.

O GLOBO. Ministro da Cultura divulga nota sobre prisão de jovem por pichação da Bial. **Extra**. São Paulo, 14/12/2010. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/ministro-da-cultura-divulga-nota-sobre-prisao-de-jovem-por-pichacao-da-bial-624537.html>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

OLIVEIRA, Eduarda Gritten de. **Interlocuções entre arte urbana e visibilidade feminina**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Artes Visuais. Escola de Música e Belas Artes do Paraná - Universidade Estadual do Paraná. Curitiba, 2021, 182 p.

OZZIHOST. **Graffiti Wars legendado**. YouTube, 16 abr. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bPanruXr_bg>. Acesso em: 22 mar. 2023.

PARCEIROS, Jack. **Entrevista I**. Julho, 2023. Entrevistador: Eduarda Gritten de Oliveira, 2023. 1 arquivo pdf.

PARPINELLI, Roberta Stubs. **A/R/TOGRAFIA DE UM CORPO-EXPERIÊNCIA: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade**. Tese de Doutorado, UNESP. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/136107>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Cidade de riscos: notas etnográficas sobre pichação, adrenalina, morte e memória em São Paulo**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2013, V. 56, n.º 1. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/64462/67117>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Onde estão as meninas? Questões para pesquisas sobre culturas juvenis hegemonicamente masculinas**. Etnográfica [Online], 27(1) | 2023, posto online no dia 03 março 2023, consultado o 12 mai 2023. URL: <<http://journals.openedition.org/etnografica/12900>>; DOI: <<https://doi.org/10.4000/etnografica.12900>>.

PIRES, Alan Oziel da Silva. **A PIXAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO DA CIDADE: o pixador como formador do cenário urbano**, 17/11/2017. 174 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca FAFICH UFMG.

REDAÇÃO ÉPOCA. Saiba quem é o banqueiro Daniel Dantas. **Revista Época**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI7668-15223,00-SAIBA+QUE+E+O+BANQUEIRO+DANIEL+DANTAS.html>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

REDAÇÃO FÓRUM. Pichadora da Bienal recebe habeas corpus e sai da prisão. **Fórum**. São Paulo, 08/02/2012. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/news/2012/2/8/pichadora-da-bienal-recebe-habeas-corpus-sai-da-priso-2768.html>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

REDAÇÃO VOGUE. Justiça absolve empresário acusado de estuprar Mari Ferrer: O empresário paulistano André de Camargo Aranha, de 43 anos, foi indiciado pela Polícia Civil em 2019. **Vogue Globo**, 2020. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2020/09/justica-absolve-empresario-acusado-de-estuprar-mari-ferrer.html>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

REVISTA VAIDAPE. **PIXADORES-** Na revolta de Paraisópolis. Youtube, 05 de janeiro de 2020, 7m26s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZYFQB00Wx-Y>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

REZENDE, Daniela Leandro. **Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista** de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. Pensamento Plural UFPel. Universidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, p. 1- 21, 2015. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/17665/1/artigo.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2023.

RUA, REAL CORRE DA. **GALO REVOLUÇÃO PERIFÉRICA - REAL CORRE DA RUA #11**. Youtube, 23/04/2022, 1h38m15s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q5CgOmOUJQU>>. Acesso em: 7 dez. 2023.

RUA, REAL CORRE DA. **Podcast Real corre da rua entrevista mulheres pixadoras Bia Furia e Jack Parceiros**. Youtube, 04/02/2024, 1h04m40s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EKEIKqS0vZI> . Acesso em: 04/03/2024.

RUA, REAL CORRE DA. **SUJEITAS PAH - REAL CORRE DA RUA #4**. Youtube, 22/01/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ULcirwIYjL0&t=3938s>>. Acesso em: 8 dez. 2023.

SALVADORI, Fausto. **“Pivetta”**: o que acontece quando uma rebelde vira mãe. Ponte. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://ponte.org/pivetta-o-que-acontece-quando-uma-rebelde-vira-mae/>>. Acesso em: 6 jan. de 2024.

SAPEKA. **Entrevista I**. Novembro, 2023. Entrevistador: Eduarda Gritten de Oliveira, 2023. 1 arquivo em áudio.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SEM-FIM, Cinema. **URUBUS | Claudio Borrelli**. Youtube, 27/10/2021. 14m24s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AYNFHGkqacg>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SILVA, Fernando Marinho Fernandes da. **Pixações embucetadas: mensagens visuais da cultura popular como ato de resistência na paisagem alternativa de Aracaju com base no marxismo**. 2022. 140 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, 2022.

SILVA, Gustavo Lassala. **Em nome do pixo: a experiência social e estética do pichador e artista Djan Ivson**. 2014. [102 f.]. Tese (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, [São Paulo].

SOUSA, Edmilson. **Ministro dos Direitos Humanos defende pichadora da Bienal**. Youtube, 09/01/2009, 1m6s. Disponível em: <<https://youtu.be/8nDuRh8GORo>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

SOUTO, Luiza. Pichadora volta à Bienal dez anos após prisão: “Fui pega por ser mulher”. **UNIVERSA UOL**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/09/12/carol-pivetta-bienal.htm?__twitter_impression=true>. Acesso em: 8 jan. 2024.

SPL, Danilo. **pichadora no jornal da globo**. 1 vídeo, 3min07s. Youtube, 03 de janeiro de 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QBJPkzFzrUo>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2023.

STRAZZA, Pedro. Morre Caroline Pivetta, pichadora presa por ataque à Bienal em 2008, aos 39 anos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 07 de novembro de 2023. Obituário. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/11/morre-caroline-pivetta-pichadora-presa-por-ataque-a-bienal-de-2008-aos-39-anos.shtml>>. Acesso em: 8 dez. 2023.

SUSTO”S, Carol. **ENTREVISTAS DO CAIXÃO #7**. Entrevistas do Caixão 03/2009. Blog. Disponível em: <<http://entrevistastumulos.blogspot.com/2009/03/sustos-entrevista.html>>. Acesso em: 9 dez. 2023.

TOMAZ, Kleber. Após invasão em 2008, pichadores são convidados a voltar à Bienal. **G1 São Paulo**. São Paulo, 15 de setembro de 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/apos-invasao-em-2008-pichadores-sao-convidados-voltar-bienal.html>. Acesso em: 7 dez. 2023.

TRAMA. **Entrevista I**. Julho, 2023. Entrevistadora: Eduarda Gritten de Oliveira, 2023. 1 arquivo em áudio.

VIERIA, Bárbara Muniz. Vídeo mostra pichadora escalando prédio no Centro de São Paulo antes de cair do 5º andar. **G1**. São Paulo, 09/05/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/09/video-mostra-pichadora->

escalando-predio-no-centro-de-sao-paulo-antes-de-cair-do-5o-andar.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2023.

WAINER, João; OLIVEIRA, Roberto T. **PIXO**. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. 1 vídeo.1h01m37s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7LTSa-FP_5w>. Acesso em: 17 jun. 2023.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.

ZENIDARCI, Soloni Maria Rampin. **A Bienal do Vazio**: análise comparativa das estratégias de tomada de posição dos jornais O Estado de S. Paulo e Jornal Semanal da 28ª Bienal de São Paulo. 2010. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2010.

ZIMOVSKI, Adauny Pieve. **Escrita Subversiva**: A Pixação Paulistana e o Campo da Arte. 2017. 121 p. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul- Instituto de Artes. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174219/001062593.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 jun. 2023.